

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

MARCELO LIMA NEVES

**PRÁTICA DA ESCRITA ARGUMENTATIVA NO ENSINO MÉDIO: O USO DE
MÉTODOS FILOSÓFICOS COMO ROTEIROS OU GÊNEROS TEXTUAIS**

UNIÃO DA VITÓRIA – PR
2023

MARCELO LIMA NEVES

**“PRÁTICA DA ESCRITA ARGUMENTATIVA NO ENSINO MÉDIO: O USO DE
MÉTODOS FILOSÓFICOS COMO ROTEIROS OU GÊNEROS TEXTUAIS”.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Filosofia da
Universidade Estadual do Paraná Campus de
União da Vitória como requisito para obtenção
do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago David Stadler

UNIÃO DA VITÓRIA – PR
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lima Neves, Marcelo

Prática da escrita argumentativa no ensino médio: o uso de métodos filosóficos como roteiros ou gêneros textuais / Marcelo Lima Neves. -- União da Vitória-PR, 2023.

95 f.

Orientador: Prof. Dr. Thiago David Stadler.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia) -- Universidade Estadual do Paraná, 2023.

1. Redação. 2. Fichamento. 3. Professores e alunos. 4. Textos filosóficos. 5. Pesquisa. I - David Stadler, Prof. Dr. Thiago (orient). II - Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 28 do mês de fevereiro do ano de 2023, às 10h, pela Plataforma Google Meet, link da vídeo chamada: <https://meet.google.com/hsc-txon-eua?authuser=1>, foram instaladas as atividades pertinentes à Defesa da dissertação do mestrando Marcelo Lima Neves, intitulada: “Prática da escrita argumentativa no Ensino Médio: o uso de métodos filosóficos como roteiros ou gêneros textuais”, sob orientação do Prof. Dr. Thiago David Stadler. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos seguintes Membros: Prof. Dr. Antônio Charles Santiago Almeida (UNESPAR/PROF-FILO) e Prof. Dr. Fábio Mansano de Mello (UESB). A presidência iniciou a sessão, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da Banca Examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela **aprovação**. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 12h00 e eu, Prof. Dr. Thiago David Stadler, presidente da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora e pelo candidato. O candidato está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 28 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Nome	Instituição	Assinatura
Prof. Dr. Thiago David Stadler	UNESPAR/PROF-FILO	
Prof. Dr. Antônio Charles Santiago	UNESPAR/PROF-FILO	
Prof. Dr. Fábio Mansano de Mello	UESB	

Candidato	Assinatura
Marcelo Lima Neves	

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Causa Causante Não Causada.

Obrigado aos responsáveis pelo Mestrado Profissional em Filosofia – PRO-FILO por me proporcionar a oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior por me oportunizar bolsa de estudos com fins de aperfeiçoamento desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Thiago David Stadler pela atenção e apoio durante o processo de definição, observações, apontamentos e orientação.

À UNESPAR – União da Vitória, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À EAPE – Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, pela colaboração.

*O livro é um mudo que fala,
um surdo que responde,
um cego que guia,
um morto que vive.*

Padre Antônio Vieira (Sermões, v. 6).

NEVES, Marcelo. L. **“Prática da escrita argumentativa no Ensino Médio: o uso de métodos filosóficos como roteiros ou gêneros textuais”**. 2023. 95p. Dissertação (Mestrado em filosofia) –Universidade Estadual do Paraná, Paraná, 2023.

RESUMO

A escrita filosófica no Ensino Médio une muitas estratégias com fins de fazer com que as operações para sua realização se efetivem e transforme o aluno redator numa pessoa que tenha satisfação intelectual por aquilo que escreve. Acontece que no ato de escrita de trabalhos de filosofia, aquele que vai ensinar a produzir o texto pode usar os métodos e técnicas que lhe convém amparando esse uso em vontades próprias; ou somente nas estratégias didáticas peneiradas de outras áreas do conhecimento humano, ignorando ou mostrando desconhecer as infinitas possibilidades de produção dos escritos com as estratégias da própria filosofia. Assim, a disciplina de Filosofia, que poderia ser forte aliada na formação do sujeito no tocante a escrita, a reflexão e a crítica tornam-se uma disciplina disseminadora da amortização do pensamento da cópia, do pensamento da preguiça para o ler, do conhecimento onde a gente fala ou escreve o que a gente pensa e acha. Esse projeto procura mostrar uma possibilidade para trazer a escrita uma forma de criação mais objetiva para o aluno fazendo o docente olhar com mais carinho para dentro do patrimônio cultural acessível da Filosofia. A partir da identificação dos roteiros esquemáticos dos Métodos Filosóficos socrático, tomista e hegeliano elevados à condição de gêneros textuais dissertativos em função da nossa capacidade sem igual de criar formas de comunicação, a pesquisa, a reescrita e a dissertação se fundem para trazer uma forma de repertório novo para nossas atividades filosóficas, causando no aluno, além das possibilidades de um texto diferenciado, uma reminiscência boa com o passado sempre vivo e apreciável da História da Filosofia.

Palavras-chaves: ensino de filosofia; escrita; roteiro; fichamento; leitura.

NEVES, Marcelo. L. **Practice of argumentative writing in Philosophy in High School: the Socratic, Thomist and Hegelian philosophical methods as scripts or textual genres.**2023. 95p. Dissertation (Master's) –State University of Paraná, Paraná, 2023.

ABSTRACT

Philosophical writing in high school unites many strategies in order to make the operations for its realization take place and transform the student writer into a person who is satisfied intellectual for what he writes. It turns out that in the act of writing philosophy works, the one who will teach how to produce the text can use the methods and techniques that suit him, supporting this use in his own will; or only in didactic strategies sifted from other areas of human knowledge, ignoring or showing ignorance of the infinite possibilities of producing writings with philosophy strategies, an ancient heritage. Thus, the discipline Philosophy, which could be a strong ally in the formation of the subject in terms of writing, reflection and criticism, becomes a discipline that disseminates the amortization of the thought of copying, the thought of laziness to read it, the knowledge where agent speaks or writes what we think and think. This project seeks to show a possibility to bring writing a more objective form of creation for the student, making the teacher look more fondly into his accessible cultural heritage of Philosophy. From the identification of the schematic scripts of the Socratic, Thomist and Hegelian Philosophical Methods elevated to the condition of dissertate textual genres due to our unique ability to create forms of communication , research, rewriting and dissertation merge to bring a form of new repertoire to our philosophical activities, causing in the student, in addition to the possibilities of a differentiated text, a good reminiscence with the always alive and appreciable past of the History of Philosophy.

Keywords: teaching of philosophy; writing; road map; filing; reading.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DI	Deficiência Intelectual
EAPE	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
NEM	Novo Ensino Médio
PNEM	Pacto Nacional do Novo Ensino Médio
SOE	Serviço de Orientação Educacional
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE PRÁTICA	14
1 PROJETO PEDAGÓGICO EM FILOSOFIA PARA MUITAS UTILIDADES	14
2 OS MÉTODOS FILOSÓFICOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA AULAS DE FILOSOFIA	24
2.1 A transformação dos métodos em gênero dissertativo argumentativo para ações pedagógicas	27
2.2 Efeitos da operação com os métodos na disciplina: aperfeiçoamento do trabalho docente.	32
2.3 Efeitos da operação com os métodos na disciplina: Normativos e dicas para a redação na disciplina a partir das redações produzidas.	40
2.4 O Em-si conhecido através dos escritos	46
2.5 O Em-si conhecido através dos outros	53
3 A RESPOSTA À INTERPELAÇÃO DO PROJETO	60
PARTE TEÓRICA	64
4 UM MOMENTO DE ESTUDO E DESCOBERTAS COM A FILOSOFIA EM SALA DE AULA	64
4.1 Métodos Filosóficos: Histórico e curiosidades	64
4.2 Elaboração do fichamento e seu uso	70
4.3 Revisão e Reescrita: consumação dos tipos textuais e fichamentos	71
4.4 Exemplo do projeto respondido	73
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A – ESTRUTURA DO PROJETO DE LEITURA, RELEITURA E ESCRITA	83
APÊNDICE B - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE DISSERTAÇÃO FILOSÓFICA	90
APÊNDICE C - OUTROS EXEMPLOS DE TRABALHOS CONCLUÍDOS	91

INTRODUÇÃO

O tema “uso de métodos filosóficos como modelos textuais para a produção de escrita em Filosofia” discute os métodos de argumentação filosófica desenvolvidos por Sócrates (428 a.C.-348 a.C.), Tomás de Aquino (1225-1274) e Hegel (1770-1831) como modelos ou gêneros textuais para elaborar textos argumentativos e os benefícios desta prática pode trazer para professores e alunos. Os métodos filosóficos transformados em roteiros temáticos para desenvolver redações em Filosofia no Ensino Médio não ferem a autonomia do aluno no processo de criação textual, amortizando-a? A hipótese aqui considerada é a de que os métodos, como se configuram originalmente, são trabalháveis, entram em nosso intelecto e vão nutrindo o nosso modo de pensar o mundo com a Filosofia. Mediante o exercício do raciocinar, o aluno pode adquirir novas ideias, acumulando um cabedal doutrinário. Estudar os componentes de um método filosófico ajuda a entender o uso das formas do pensamento alheio, interpretá-lo e criticá-lo.

Nossa prática no projeto não quer ver na adaptação dos métodos ao caminho do gênero textual um mero roteiro de pesquisa ou retorno a uma fonte histórica, passado arcaico; tampouco para tornar o aluno um expert na escrita e na Filosofia, nem que os métodos sejam soluções para a ignorância no processo de escrita entre os jovens do Ensino Médio. Nossa perspectiva é que uma vez conhecidos e transformados em novas ideias pela autonomia de quem os está experimentando como conteúdo filosofante, os métodos podem auxiliar os alunos a encontrarem seu estilo de escrita pessoal.

Pensamos nesses objetivos porque observamos na prática de ensino em escolas públicas que alguns alunos escreviam esquemas de apresentação em papéis para apresentar os trabalhos atribuídos. As anotações eram tão subjetivas, mas ricas, pois muitas continham comentários pessoais, comentários originais. Em paralelo produziam esquemas mais sintéticos ou cópias literais de partes dos textos consultados, escritos estes vindos de pesquisas rápidas, desinteressadas ou carentes de um roteiro que guiasse a leitura ou uma fonte bibliográfica específica. Para estas elaborações, os alunos, com receios de que o professor censurasse esse tipo de produção pois ela feria as normas da boa pesquisa acadêmica para alunos de Ensino Médio, ignoravam as aulas destinadas às orientações dos trabalhos atribuídos. Como para o discurso oral também era atribuída uma nota, alguns alunos faziam pouco caso com relação a produzir e mostrar um esboço ou esquema escrito.

Para nós professores, em mãos os textos dos alunos, perguntávamos com quais critérios iríamos corrigir tais textos. A produção textual era realizada, mas os critérios de

avaliação mais ligados à aula de filosofia para compreender se houve a compreensão do conteúdo, da argumentação, da organização metódica não portava tais critérios corretivos do texto.

Uma outra problemática envolve os textos escritos e entregues pelos alunos. Eram composições inspiradas nos gêneros textuais ensinados nas aulas de redação vinculadas ao componente curricular Língua Portuguesa. Uma dependência das estratégias de redação em outra disciplina. Nosso olhar sugere a Filosofia como uma riqueza inesgotável em estratégias de ensino para a própria escrita reflexiva e filosófica, mas que abandonada esta fonte primorosa de sabedoria nas aulas onde deveriam imperar. Se no componente curricular de Redação aprende-se a escrever dissertações, cartas, anotações a partir dos tipos textuais narrativo, descritivo, dissertativo expositivo, dissertativo argumentativo, explicativo injuntivo e explicativo prescritivo, por que não escrever nas aulas de Filosofia textos de natureza filosófica a partir do método maiêutico, escolástico e/ou dialético?

Um quinto problema apresenta alguns educadores exigentes demais num processo que precisa começar com um letramento. Muitos educadores querem fazer com o aluno, nesse processo ‘que exige doses homeopáticas’ um processo abrupto, desconsiderando suas dificuldades ou restrições intelectuais. Não dosam comedidamente este letramento na escrita.

Esses problemas precisam ser discutidos e acreditamos que na mesma sala de aula onde tais problemas nasceram pode nos apontar soluções tendo a escrita como mote. Como diz Castañón (2009, p.6), a sala de aula é uma fonte certa, um celeiro para suscitar problemas a pesquisar, enchendo os olhos de pesquisadores desejosos de produzir e fortalecer o diálogo oral e escrito entre as fontes de pesquisa e sua sintonia com as ciências, sociedade e culturas. Maria Antonieta Antunes Cunha (2000, p.35) escreve que conhecer previamente os textos escritos por alunos é recomendável para uma resposta mais precisa e aprofundada. O aluno precisa fazer exercícios para ele conseguir pôr em prática este princípio importante para a escrita. Savian Filho (2019, p.138 e p. 260) insere sua proposta de Ensino de Filosofia e escrita no contexto de pesquisar, pois o livro é fonte de temas atuais e na Antiguidade. Muchail (1995, p.8) coloca o conhecimento produzido em sala de aula como conhecimento filosófico a partir de identificação de elementos antagônicos, como o conteúdo multidisciplinar *versus* conteúdo próprio da Filosofia. A autora valoriza a formação filosófica através das experiências dos alunos e suas relações com conceitos e doutrinas da Filosofia. O comum em todos eles diz respeito à escrita como meio, mas não a escrita como um recontar a partir de modelos textuais sugestivos.

Para dar corpo a tudo o que foi dito até o momento, pensamos a estrutura de nossa dissertação do seguinte modo: parte prática da aplicação do projeto, cuja intenção inicial é discutir o que é este projeto e sua relação com o livro didático e com aqueles que tiraram proveito de sua existência, que são os professores, a disciplina de Filosofia e os alunos; uma segunda parte teórica onde sugere-se, sob uma perspectiva de dica e não imposição, que para fazer Filosofia escrita é também recomendável assumir uma posição intelectual de leitura investigativa, refletida, crítica e produção escrita, processos esses ligados ao conhecer da Filosofia a sua história, trajetória, expressões, modos de ser. Nos anexos estão o roteiro do projeto e um roteiro para correção de avaliação escrita.

PARTE PRÁTICA

1 PROJETO PEDAGÓGICO EM FILOSOFIA PARA MUITAS UTILIDADES

Gostaríamos de elaborar uma série de processos em sequência e chamar essa organização de ‘projeto pedagógico’ para pôr em sintonia a inteligência que cria, formula, estimula, que está ao nosso serviço, disponível como um elemento natural ou um item de série em nosso ser. Reconhecida essa força ínsita, vem o desejo de transmitir sozinho ou com auxiliares, esse serviço para aqueles que ensinamos. É porque consideramos penhor da sabedoria formular projetos para combater um problema educacional e fazer um trabalho coletivo para que ele se fundamente e se torne realidade. Ansiamos que o projeto voltado para o coletivo discente trabalhado pelo coletivo docente seja essencial para a boa formação de todos. O trabalho coletivo precisa ser uma aspiração constante na vida docente, como atesta Libâneo (2004, p.49-50) nestes termos: “seria fundamental que em cada escola os professores formassem uma equipe unida, centrando a organização dos professores no local de trabalho, em torno de projetos pedagógicos”.

O projeto desenvolvido por este que escreve, intitulado de “Prática da escrita argumentativa no Ensino Médio: o uso de métodos filosóficos como roteiros ou gêneros textuais” é uma maneira de valorizar e reforçar o ensino e aprendizagem de alunos a partir do envolvimento conjunto nas ações ou etapas investigativas e de desempenho intelectual, aliados a um fazer emotivo universal em todos os agentes. Escreveu Libâneo (2004, p.66) que “o valor da aprendizagem escolar está, precisamente, em introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais que supõem a relação docente”. Mediações cognitivas são sinônimos de projeto pedagógico, neste contexto escrito. Assere o grande educador brasileiro essa verdade digna de nota: a construção do cognitivo passa pelo professor ou professores, os especialistas na função do ensino. O aluno participa ativamente deste fazer. Ele é o protagonista nesse processo de ensino, que tem sua vida ligada a outras vidas humanas, seus outros caminantes presentes em localidades ou regionalidades comuns ou diferentes, mas unidos pelo mesmo ideal, pelo desejo de aprender a sabedoria da Filosofia.

Os projetos educacionais são momentos reflexivos necessários para promover mudanças em situações ora fragmentadas e reducionista da aprendizagem em inovações muito abrangentes e funcionais. Corrigido isto, o passo seguinte é enaltecer o cognitivo, valorizar o subjetivo, a pluralidade e os afetos nos trabalhos coletivos que vivenciam os alunos jovens.

Contemporâneo é o tempo que agora estamos inseridos. Cabe ajustar-se a esta nova realidade dinâmica e histórica os fenômenos que permitem a educação e ensino acontecerem no âmbito escolar e familiar. Um fenômeno atual consiste no ajuste da cultura atual às técnicas de ensino, gerando com esta união novas formas de ensinar. E aqui a educação com projetos pedagógicos torna-se uma relevante ferramenta. Libâneo (2004, p.10) escreve que novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação. Segundo o educador brasileiro a formação docente no âmbito universitário e também pessoal precisa considerar a realidade concreta e confiar que o aluno se envolva e realize uma participação mais ativa e protagonizadora no processo de ensino e aprendizagem de si. Precisa os demais agentes do processo de educação ajustarem-se a esta nova realidade.

A funcionalidade do projeto consiste em suscitar discussões a partir de textos escritos pelos filósofos; anotar as ideias principais e discutir estas ideias registradas num fichamento elaborado para fáceis consultas; posteriormente, redigir um texto dissertativo-argumentativo por meio dos métodos filosóficos transformados em tipos textuais. Acreditamos nesses passos como uma forma de aprender filosofia e tirar daqui bons frutos, pois consideramos a leitura, o fichamento e a discussão destas anotações um meio de aprender ainda digno de valor na atualidade. Enche nosso coração saber que este processo bem conduzido e participativo com os alunos possa levá-los a produzir textos filosóficos de boa qualidade e diferentes, enriquecendo a escrita com outras formas de textos. Textos como coroamento para o projeto e para o sucesso da aprendizagem discente.

Nérici (1956, p.16-22) classifica os objetivos de uma aula de Filosofia em objetivos informativos, de automatização e formativos. Os objetivos formativos desenvolvem no educando atitudes filosóficas positivas diante dos acontecimentos pessoais e intelectuais. Há uma relação concreta entre os objetivos formativos e nossas ações e atitudes existenciais. No projeto esses objetivos seriam: a) contribuir para a progressão em etapas das capacidades cognitivas, intelectuais, operativas e afetivas dos alunos; b) favorecer aperfeiçoamento dos alunos para a pesquisa, a elaboração de fichamentos, realização de debates e redação sobre temática com um olhar na Filosofia e pela Filosofia; c) construir argumentação relacionando informações representadas em diferentes formas e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente; d) propiciar preparação para desenvolver competências e habilidades de escrita em Filosofia, conforme exigência da Base Nacional

Comum Curricular (BNCC); e) aprimorar o processo de construção filosófica por meio da pesquisa e escrita textual.

O conteúdo ministrado do projeto foi o seguinte: 1) métodos filosóficos; 2) elaboração de fichamentos; 3) o uso dos métodos; 4) o debate; 5) o texto produzido, reescrito e apresentado para os demais colegas, discutindo suas ideias. As estratégias consistem em fazer leitura dos textos originais dos filósofos, aulas expositivas e dialogadas a partir das leituras, dinâmicas de leitura com roteiros próprios construídos a partir dos textos lidos. Poderão os alunos ser acionados para dar informações sobre os textos atribuídos a si para leitura e estudos. Outros alunos serão acionados para dar informações complementares e ou refutar as ideias defendidas anteriormente pelo professor e alunos. A avaliação solicitará dos alunos exposição das principais ideias dos textos atribuídos em formas de seminários temáticos, realização de debates com os conteúdos dos textos e a produção textual. Aqui poderá ser estimulada a técnica de anotações para fins e acréscimos nos textos que serão produzidos pelos alunos e trazidos à discussão por eles em data a ser combinada.

O projeto segue esse planejamento básico descrito brevemente e apontamos algumas vantagens pedagógicas para seu processo durante e depois da aplicação. A primeira vantagem consiste em ser uma boa reminiscência a um conhecimento clássico da História da Filosofia. Tão clássica, que métodos filosóficos são encontrados em autores da Grécia antiga aos filósofos contemporâneos; tanto nos gregos como nos pensadores da América, por exemplo (BUZZI, 2001, p.13-16). Nesta seleção de texto o filósofo brasileiro usa com maestria o método socrático de exposição para argumentar favoravelmente à existência de uma identidade filosófica presente na vida humana. A estratégia de Arcângelo Buzzi é fazer um trabalho de buscar valores no passado rico e plural da Filosofia. Podemos, segundo ele, e concordamos, que é possível fazermos um diálogo proveitoso entre o passado e o presente para continuar vivaz e dinâmica a Filosofia e seu patrimônio cultural invejável. Utilizando um momento caro da História da Filosofia, a volta aos momentos ou períodos da História é um compromisso que deve ter o professor de Filosofia pois no ensino em diálogo com o passado sempre haverá novas experiências e soluções originais.

Outra vantagem é porque o projeto ajuda a transformar um saber apreendido, melhor de alguns traços doutrinários próprios de um filósofo em uma nova estrutura também peculiar ou mais abrangente da doutrina, acontecendo, assim, o clássico reter um saber para gerar novas ideias. Todavia, o retorno aos clássicos do passado da Filosofia consiste em ser um convite para o aluno ser portador, protagonista da construção desse saber que usa

conhecimentos vivenciados por outros e que agora faz jovens nos tempos atuais experimentar os mesmos sentimentos que experimentaram quem os vivenciou no passado.

Para quem elaborou o projeto, existe em si um momento de criatividade e intelectualidade produzidas. Uma passagem do interior para o exterior, exemplificando um ponto alto da vida intelectual de um docente, afinal, do projeto pedagógico há outros benefícios acadêmicos para o professor, colhidos em longo prazo. Para quem participou, alunos e outros professores, realiza-se um bom momento com o filosofar. Afinal, muitos participantes almejam na disciplina o encontro com um saber refinado ou '*sui generis*', saber esse passado para os envolvidos quando o projeto atinge seus objetivos educativos.

Assim, um projeto para o ensino com elementos básicos de Filosofia é um projeto de aplicação e de pesquisa. Ele identifica problemas ligados ao ensino de Filosofia e procura, no momento devido, dar soluções não como vaidade, mas como uma peculiaridade de seu ser. Como já dito, esse projeto atende a alunos do Ensino Médio no Distrito Federal. Foi aplicado em escola pública, no Centro de Ensino Médio 05 de Taguatinga Norte, turmas de segundos anos. Desta maneira, há um englobamento de alunos com intenções claras em aproveitar seus escritos; outros não demonstraram comprometimento com os passos para o desenvolvimento e aproveitamento do projeto. Perguntavam: 'por que tenho que aprender métodos filosóficos neste projeto'? Nossa experiência como docente permite dar algumas razões para que o aluno se envolva e valorize esse momento de aprendizagem. A dúvida do dar ou não certo é natural. São positivos os questionamentos dos discentes, afinal as respostas no âmbito da Filosofia vêm dos questionamentos com instrumentos de estudo e investigação.

Para criar seus próprios meios de trabalho intelectual e estudos, como nos indica Libâneo nestes termos:

Muitos alunos desenvolvem, por si próprios, procedimentos alternativos de aprendizagem ou modos de pensar. Outros, no entanto, têm dificuldades de usar os conceitos, organizar ou reestruturar o pensamento, interpretar textos, adquirir métodos próprios de trabalho. (LIBÂNEO, 2004, p. 35)

Nesse ponto, Libâneo (2004, p.34) nos sugere desenvolver práticas de ensino não convencionais que ajudem os alunos a aprender a pensar, a ter maior flexibilidade de raciocínio, a ver as coisas nas suas relações. Para atender razoavelmente bem as diversas necessidades intelectuais do dia a dia, onde for preciso formular um comentário, um juízo, uma informação. Aprender sobre os métodos pode direcionar as respostas a estas necessidades. Aprendizagem via projeto pedagógico favorece a organização de um pensamento ou uma ideia sob forma de roteiro, deixando-a clara, compreensível. É justificado

seu ensino como roteiro de produção de pesquisa, roteiro de debates e produção de argumentações escritas por causa da riqueza dos diferentes processos de criatividade que eles exibem, proporcionando ao educando excelentes oportunidades de exercitar e desenvolver cada vez melhor suas faculdades intelectuais.

Os métodos filosóficos, trabalhados nos centros de cultura como são as escolas, porque constituem parte substancial de todo o patrimônio cognitivo da humanidade garante uma boa formação humanística na construção de todo o edifício do conhecimento humano. Os métodos servem para suscitar outros elementos enriquecedores do pensamento filosófico ou método filosófico na formação intelectual do aluno, pois os métodos assinalam para quem os sabe usar exatidão do pensamento demonstrativo, e são ótimos exercícios criativos da intuição, da imaginação, além de favorecer o desenvolvimento dos raciocínios por indução e analogia. Veremos mais adiante que imaginação, raciocínio, intuições são elementos presentes nestes métodos filosóficos. Os métodos também servem para dotar o aluno do instrumental necessário para o estudo das outras ciências, capacitá-lo no trato das atividades práticas que envolvem aspectos quantitativos da realidade como deseja, por exemplo, as ciências exatas com a escrita em Língua Portuguesa. Isto porque os métodos surgiram de contextos próprios da Filosofia, mas seus usos abrangeram diversos saberes concomitantes ou diferentes. Essa prerrogativa persiste nos tempos de hoje.

É fato que sobram vontades para que o projeto seja esse milagre todo na vida do aluno. Como realizar isto? Com quais estratégias? Uma estratégia básica é atribuir funções dentro do projeto, orientar o desenvolvimento e pedir que o aluno entregue suas produções. Ele se sentirá valorizado nos compromissos assumidos e exigirá que os colegas do projeto também tenham o mesmo grau de comprometimento ou até mais que outros comprometidos. Outro procedimento é fazer das atividades um espaço para expor suas ideias, por isso a exigência de uma escrita. Culminar atividades coerentes com esses passos faz o processo educativo acontecer sob o olhar da boa estratégia. Diz Buzzi (2001, p.12):

Os exercícios de escrita, mais vale pedir ao aluno que faça alguma dissertação do que submetê-lo a testes de verificação do saber, porque a filosofia não é uma informação sobre a existência humana no mundo, mas a arte de compor a existência humana no mundo.

Uma terceira estratégia consiste em enfatizar as ideias e riquezas dos métodos filosóficos e sua importância no desenvolvimento da própria Filosofia e sua história em diálogo com outros dados culturais. Eles devem ser tratados de maneira a exibir sua interdependência e organicidade. Deve ser feita de maneira bem articulada com o ensino de

outras disciplinas ou ciências, chamados por muito como ‘projeto interdisciplinar’. Sobre este projeto, Libâneo enaltece os processos interdisciplinares, pois garante unidade de trabalho e interconexão de saberes e nos informa como pode ser um importante instrumento para a educação e estratégia no ensino. Diz o autor (LIBÂNEO, 2004, p.33):

A organização escolar interdisciplinar é um modo de efetivar a atitude interdisciplinar e se expressa na elaboração coletiva do projeto pedagógico e nas práticas de organização e gestão da escola. Começa, portanto, com a integração dos professores das várias disciplinas e especialistas num sistema de atitudes e valores que garantam a unidade do trabalho educativo e se viabiliza por um sistema de organização e gestão negociado. É uma prática organizacional nova que possibilitará a intercomunicação de saberes, atitudes, valores, fulcro da interdisciplinaridade.

Livro didático, um parceiro para a busca da sabedoria em qualquer hora e lugar. Mesma opinião para seu uso temporal e extemporâneo em sala de aula no Ensino Médio em Filosofia? O projeto aplicado pode chamar à discussão acalorada, ao debate de ideias com os alunos, o que é uma grande virtude para os envolvidos, tendo em vista que trabalhos em Filosofia precisam gerar estes procedimentos. Diante desta necessidade da discussão, uma pergunta se impõe: o projeto não pode tirar de cena os livros didáticos de Filosofia? Não anulará sua relevância no contexto de ensino tornando-o até desnecessário, tendo em vista que o projeto utiliza muitas aulas do semestre, restando, assim, poucas aulas para outras atividades da disciplina, atividades estas também com o livro? Fazemos a pergunta, pois o livro didático pode vir para a escola e para o aluno como numa bifurcação, num conflito de posições. A obra impressa, oferecida gratuitamente pelo Estado na representação da escola, aparece num contexto de trabalho com o ensino básico em escola pública.

É novamente Libâneo (2004, p.32) quem nos faz ver este paralelismo da pergunta, pergunta sempre peculiar nas aulas de Filosofia, como algo provocador. A variável ‘x’ apresenta o livro como uma redução do ensino totalmente a seus pés ou às suas vontades: “O vício principal do currículo por disciplinas é reduzir o ensino à exposição oral dos conteúdos factuais e ao material informativo do livro didático; outra posição do autor sobre o livro, a variável ‘y’, está na mesma obra (2004, p. 40), onde o livro é uma boa e não única fonte de conhecimento: “os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento”. Neste ponto, o livro é reconhecido, mas não como a única fonte de conhecimento.

Alguns estudiosos afirmam que o livro didático como estratégia de ensino de Filosofia não é recomendável porque o livro possui ensinamentos apenas decoráveis, frutos da experiência de uma pessoa, o autor, e não dos alunos, os destinatários da mensagem. Outros autores defendem que o ponto de partida para a autonomia do pensar crítico do aluno passa pelas ideias do livro, imigrando a passos refletidos e cuidadosamente dados rumo à liberdade de criação à medida em que o trabalho com o texto do livro e as orientações vão sugerindo. Maciel (1959, p.116) é um defensor do não uso dos livros didáticos nas aulas de Filosofia porque eles contêm muitas informações para as aulas, demais para as ‘cabecinhas’ dos imaturos alunos que vão receber tantos conteúdos pouco importantes. Ele aponta que livros didáticos sofrem da ‘vertigem de conter’, uma espécie de mal comum a livros didáticos. No caso, o livro quis conter tudo, daí o acúmulo de partes, capítulos, divisões, parágrafos, itens, com visível exagero de recheio. Muitos livros oscilam entre muitos assuntos irrelevantes e outros menos importantes. Ainda segundo Maciel, para que o livro didático de Filosofia seja colocado como importante ou necessário para a formação filosófica do aluno de Ensino Médio, deve-se conter temas da atualidade como o tema que diz sobre sexualidade humana ou Direitos Humanos, mas também temas sobre o passado histórico da Filosofia em confronto com os relevantes temas de estudo sobre o Brasil contemporâneo.

Rodrigo (2009, p.93) apresenta o livro didático como um instrumento que no seu uso causa falhas na aprendizagem do aluno e na interpretação de informações colhidas pelo professor, gerando problemas na compreensão de alguns autores da filosofia. Falhas ainda maiores quando se abandona os textos originais e se parte somente para a leitura de livros didáticos:

O caráter de ‘texto segundo’ do livro didático não deixa de ser problemático. Seu papel de mediador ou de intermediário é ambíguo e complexo, visto que assume as tarefas de compilar, comentar, selecionar ideias, descartar pontos, correndo os riscos inerentes a tais operações didáticas, entre os quais uma possível descaracterização da filosofia. Além disso, esse tipo de texto trabalha, fatalmente, com certa interpretação filosófica; algumas delas podem ser extremamente questionáveis, contribuindo mais para distanciar que aproximar o aluno do pensador ou tema tratado.

Entretanto, não são todos os autores que pensam assim. Como sempre, a discussão está em aberto e, conseqüentemente, um enriquecimento da Filosofia surge. Maria Lúcia de Arruda Aranha (2016, p. 4), na introdução do clássico ‘Filosofando’, vê o livro didático como uma maneira de enriquecer o contato com o pensamento de alguns filósofos,

familiarizando-se com o modo pelo qual eles problematizaram o saber estabelecido. Nesse itinerário, segundo Aranha (2016, p. 4):

A variedade de textos, imagens e propostas de atividades visa não apenas à compreensão de conteúdos filosóficos, mas principalmente ao desenvolvimento de competências necessárias para a sua reflexão filosófica autônoma, sempre relacionada com o contexto em que vivemos.

Nestas palavras da autora, o texto didático do livro deixa acessível para o aluno uma complexidade muito presente nos livros originais, sendo assim, um valioso instrumento para o labor com a *philosophia*. Sim, de fato, o livro didático é um parceiro para várias funções acadêmicas em qualquer hora. Deve-se ter a mesma opinião para seu uso em sala de aula no Ensino Médio em Filosofia? Pergunta que se coloca porque é uma pergunta que se precisa discutir. Sim, o livro é um forte aliado para o aluno e professor. As objeções sobre suas restrições se dirigem mais ao conteúdo, a doutrina que ele transporta em suas páginas coloridas e não ao livro como forma de comunicação. No que diz respeito ao livro como instrumento para comunicação, escreve Marcos R.N. Costa (2014, p.10) um interessante exemplo dos efeitos que um livro de Filosofia pode despertar para o impulso do saber filosófico. O exemplo surge a partir da vida de Agostinho de Hipona:

Com 19 anos, em meio aos seus estudos em Cartago, conheceu e leu a obra *Hortensius*, de Cícero. Neste livro, o velho tribuno, desiludido das suas ambições políticas, volta-se para a filosofia e exprime suas alegrias na busca das verdades eternas. Esta obra despertava-lhe o gosto pela filosofia, um amor intenso pela verdade.

O livro *Hortensio* causa um olhar de amor para o saber filosófico por causa de seu modo comunicativo, a mensagem de que era portador. Marcos R.N. Costa (2014, p.11) narra uma situação de comunicação. Comunicação de fazer um efeito contrário. Comunicar não o que não deve, mas comunicar um erro que se pode refutar usando juízo sereno, inteligência acurada:

Depois da experiência frustrada da leitura da Bíblia, na angústia e ânsia de encontrar a verdade, Agostinho foi procurar esta em outros lugares. Foi aí que entrou para a seita gnóstica dos maniqueus, onde permaneceria por nove anos (374-383). De certa forma, o maniqueísmo respondia, pelo menos num primeiro momento, às grandes preocupações de sua vida: encontrar uma explicação ou justificativa para seus erros e contradições, a força que o impulsionava a praticar o mal.

No fundo, o livro aparece nas mais diversas circunstâncias formativas:

Em casa, por exemplo, nos estudos individualizados e para o cumprimento do dever de casa. Savian Filho (2019, p.3) apontou com clareza que a atividade de filosofia vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos - senão todos - aspectos da nossa vida.

Para onde se vá. O livro é uma ótima companhia na viagem; na espera de atendimentos; no ônibus; durante uma boa caminhada num calçamento retilíneo etc. Nos acompanham aonde precisarmos ir. Aqui, se consegue obter experiências filosóficas diversificadas e intensas. Aristóteles caminhava com seus discípulos em busca do saber, sendo chamados justamente de peripatéticos (caminhantes).

Na escola. Segundo Savian Filho (2019, p.3), no Ensino Médio, doze disciplinas utilizam livros didáticos. Nelas, o livro didático instrui a ‘pensar-se a si mesmo’.

No auxílio ao projeto aplicado. Por conter grande quantidade de textos, auxilia no nascimento e perpetuação do processo de construção reflexiva, sendo ocasião para continuar a filosofar. O projeto não funciona sozinho. Para consertar algo, precisa da ferramenta chamada livro. Fonte de pesquisa, lazer, treino do seu ser intelectual. Se faz pleno de sentido quando incentivado seu uso. Lídia Maria Rodrigo (2009, p. 93) escreveu sobre isto, o seguinte:

Quando bem empregado, revela-se útil à tarefa didática do professor e apoio importante para a aprendizagem do aluno. É preciso, porém, jamais perder de vista seu caráter de recurso auxiliar, de modo que o professor não o converta no único instrumento de contato do aluno com a filosofia ou uma espécie de substituto do texto filosófico.

O livro didático precisa abrir mais espaços para a produção oral e escrita, elementos fundamentais para divulgação de pensamentos. As vantagens do projeto citadas anteriormente (valorização da ancestralidade, experiência com saber que resulta numa produção acadêmica útil para os dias de hoje; obtenção de cultura humanística) contém muitos tópicos e relembram alguns exercícios comuns em livros didáticos como pesquisa, leitura, produção textual, elaboração de sínteses e debates. O livro, tornando as variáveis aliadas, pode ser um complemento muito importante no contexto do uso do projeto para aprendizagem. Nérici (1956, p.145) exalta a presença do livro na condução da disciplina trabalhada e indica uma didática com o mesmo:

Apresentação dos livros novos, bem como de revistas e de outras publicações de Filosofia que se destinem à biblioteca, à escola [...] todos os meses poderia haver uma sessão dessa natureza em que um grupo de alunos faria a apresentação acompanhada de comentários sobre as novas publicações. Seria uma ‘incorporação’ viva dos novos elementos bibliográficos, feita pelos próprios alunos.

Palavras sábias sobre os livros de Filosofia e suas potências como instrumentos de ensino de Filosofia. Ainda mais, a presença do livro complementar deixa melhor estruturado as atividades do projeto, melhorando, por exemplo, os comandos das questões e dos exercícios exigidos como avaliação dos conteúdos. A presença do livro didático pode ser vista como uma fonte de pesquisa e dele ser retirados os textos para fichamento e discussão. Se possuir o livro didático como instrumento de aprendizagem pode ser glória para o ensino tradicional, ensino livresco e pouco dinâmico; ensino aliado ao projeto o livro pode ser fonte de consulta para o professor e aluno. Tanto o projeto como o livro didático podem colaborar no aspecto mais importante para todos. Fazer com que o aluno tenha uma experiência rica e envolvente com a Filosofia, ocasionando seu saber e senso crítico.

Sabemos que há um número imenso de crianças brasileiras que precisam da escola, que não dispõem dos aparatos informacionais (LIBÂNEO, 2001, p.63), mas o projeto foi pensado também para usufruto dos nossos colegas filósofos e de quem quiser adaptar as estratégias propostas aqui com fins de trabalho em outras disciplinas. Muitos trabalham em colégios menos aquinhoados, sem aparelhagens ricamente informatizadas como se dá em outras escolas Brasil afora. Nosso projeto pensou nesta possibilidade: em usar materiais acessíveis, sem o gasto exagerado, sem comprometer o bolso dos protagonistas.

2 OS MÉTODOS FILOSÓFICOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA AULAS DE FILOSOFIA

Em dois momentos abordaremos o assunto ‘métodos filosóficos’ nesta dissertação. Aqui, nesse primeiro momento focaremos os métodos filosóficos como estruturas habilitadas a atuar dentro de uma dimensão pedagógica e a sua transformação por que eles passarão a atender aos anseios da filosofia escrita. No segundo momento, na parte teórica, falaremos mais especificamente sobre os métodos e os seus contextos históricos, formação e fatos curiosos. Os métodos são como trilhas não retilíneas, que não favorecem, aparentemente, o caminhar confiante. Mas sentir o caminhar faz o andarilho traçar estratégias que podem certificar a segurança e o destino que o caminho conduzirá. Os métodos filosóficos, argumentações desenvolvidas por eminentes autores, são espécies de produção acadêmica e suas estruturas contêm componentes importantes para o desenvolvimento inicial e contínuo de trabalhos intelectuais.

Para as sequências que desejamos empreender neste projeto de ensino, citamos alguns métodos, herança da Filosofia: positivista, fenomenológico, afroperspectivista, estruturalista, dentre outros. Nérici (1956, p.81-90) apresenta outros tipos de métodos utilizados na Filosofia para uso no enriquecimento do pensamento filosófico ou para o uso no ensino. Quanto à forma de raciocínio, seriam: o dedutivo, onde o professor apresenta conceitos, definições ou afirmações gerais das quais vão sendo extraídas consequências; o indutivo: o professor apresenta dados particulares para que os alunos extraiam o que há de comum; o analógico: apresenta dados particulares que permitem comparações entre eles, concluindo suas particularidades por semelhança. Quanto aos métodos de concretização do ensino eles são o simbólico ou verbalístico e consiste em considerar a linguagem oral como único meio e realização da aula de Filosofia; o método intuitivo onde a aula é realizada com o auxílio contínuo de concretizações, da experiência direta com a coisa estudada, ou uso de material didático, visitas e excursões.

Para fins de transformação em roteiros temáticos ou gêneros textuais, consideraremos os métodos de argumentação filosófica desenvolvidos por notáveis do pensamento universal, concebidos inicialmente para expor uma ideia e defendê-la de modo argumentativo. Os métodos tinham também uma subjetividade porque foram formas hábeis desenvolvidas por filósofos para organizar logicamente o assunto que queriam trabalhar. Assim, para o desenvolvimento do nosso projeto em sala de aula, escolhemos os métodos socrático, tomista e o hegeliano.

Segundo Savian Filho (2019, p.34-35), o método socrático tem a seguinte ‘fórmula’ ou esquema nesta sequência:

- 1º) Opinião corrente (desenvolvida em um ou dois parágrafos);
- 2º) Pergunta ou problematização (um parágrafo);
- 3º) Respostas às perguntas em forma de teses e exemplos (dois parágrafos);
- 4º) Revisão socrática com uma conclusão e nova problematização (um ou dois parágrafos).

Optou-se por trabalhar com este método porque é um modelo bem distribuído e de fácil apreensão em sala de aula. Já o método tomista era conectado com o método retórico usado no *trivium*. Depois, evoluiu para o método dos jesuítas, o *ratio studiorum*, em aplicação nos colégios católicos, desde 1548, e de uso muito comum até hoje. Alguns traços deste método ligam-se ao mestre de Tomás, Alberto Magno (1206-1280). Trata-se de um método com fortes traços da lógica aristotélica a fim de dar segurança e sistematicidade naquilo que se procura defender. Há partes no método que visam refutar frases ou ideias de outros autores, daí seu caráter especulativo. Para alguns, a questão da ajustabilidade deste método aos da filosofia é inviável, pois o método teológico (dogmático) não se adequa à filosofia, que usa a dúvida, o ceticismo e a renúncia ao dogmatismo. Numa conciliação, o método tomista convida a expor através de argumentos lógicos aquilo que se quer refutar. O motivo de trazê-lo para sala de aula reside no fato dele exemplificar como numa discussão é possível trabalhar duas ciências ou saberes ricos com temáticas conflituosas, além, claro, do uso da lógica e da sintaxe, usos desenvolvidos com maestria pelo aquinate.

Segundo Savian Filho (2019, p. 113), o método tomista tem a seguinte estrutura:

- 1º parágrafo: argumento contrário à minha tese;
- 2º parágrafo: dado cultural contrário ao argumento inicial;
- 3º parágrafo: minha posição frente ao problema em discussão;
- 4º parágrafo: resposta ao argumento contido no primeiro parágrafo.

Por fim, o método hegeliano é compreendido como o método de argumentação por excelência. Baggini (2012, p.65) resume os componentes deste método: “Segundo esse modelo, parte-se de uma ‘tese’ contra a qual se opõe uma ‘antítese’. O resultado de sua confrontação é uma ‘síntese’ que supera e resolve o aparente conflito entre tese e antítese”. Para bem argumentar, este método apresenta boas razões para ser o primeiro da lista e ensinar, embora, aqui, contemplamos não a simplicidade dos elementos dos métodos, mas seu aparecimento na história da filosofia. O método hegeliano mostra que absorveu bem esta singularidade: escrita é tão refinada, desejada e eficaz no que defende, apresentando uma

dança síncrona entre expressões com termos maior, médio e menor, num entrelaçamento contínuo de negação e afirmação nova entre os termos do raciocínio.

A estrutura do método hegeliano proposta didaticamente por Savian Filho (2019, p. 294-295) é:

1º) Tese: afirmação/enunciado verdadeiro ou falso, em um parágrafo.

2º) Antítese: a negação da tese nos parágrafos seguintes, podendo ser em um ou mais parágrafos.

3º) Síntese: unidade entre a tese e a antítese com uma nova questão para começar novamente o processo com outros elementos.

Muitas vezes encontramos essa dialética tese – antítese - síntese desenvolvida numa brilhante argumentação dissertativa vivida ou adaptada para um parágrafo, demonstrando, com isto, o quão profunda e digna de apreço é a escrita de um dos grandes nomes da Filosofia. Diz Hegel (1989, p.10):

A opinião [de grande parte das pessoas] se prende rigidamente à oposição entre o verdadeiro e o falso. [...] O botão desaparece no desabrochar da flor; e pode-se dizer que é refutado pela flor. Igualmente, a flor se explica por meio do fruto como um falso existir da planta; e o fruto surge em lugar da flor como verdade da planta. Essas formas não apenas se distinguem, mas se repelem como incompatíveis entre si. Mas a sua natureza fluida as torna, ao mesmo tempo, momentos da unidade orgânica na qual não somente não entram em conflito, mas uma existe tão necessariamente quanto a outra. E é essa necessidade que unicamente constitui a vida do todo.

No fragmento citado o autor apresenta a tese de que são incompatíveis duas posições contrárias. Por isso ele põe como tese que a opinião de alguns é opor rigidamente verdadeiro e falso. A anti-tese consiste em afirmar que as realidades opostas, exemplificadas no texto pelo botão, e pela flor, momentos diferentes entre si na planta convergem para uma unidade ou nova realidade (síntese). Esta realidade nova é o fruto na planta.

Os métodos filosóficos em uso aqui são riquezas históricas, doutrinárias e pedagógicas. É a experiência com o magistério em Filosofia que nos permite fazer esta afirmação. Ricos porque tem um momento histórico originário, precisamente milênios atrás, e passou por outros instantes no dinâmico ciclo da história. Chega hoje, servindo de amparo e ainda gerando elementos reflexivos para muitos filósofos. Os métodos são técnicas desenvolvidas por algum filósofo ou vários filósofos para tornar seu pensamento expresso claramente com fins de convencer, elucidar, explicar, criticar, debater ou refletir um conhecimento discutido.

Riquezas pedagógicas evocadas aqui porque os métodos inspiram a imitar suas virtudes estruturais, ou seja, imitar inicialmente as distribuições dos temas conforme os parágrafos do método escolhido. Os métodos filosóficos, num exercício de reescrita, tornam-se ótimos gêneros textuais dissertativos. Eles inspiram a transmitir suas virtudes próprias, pois o bem é difusivo de si. Servem também para os professores usá-los como roteiro de pesquisa, roteiro de exposição de trabalhos em formato de seminários e roteiro para debates, além do mais, enriquecem o repertório de textos para dissertações, onde, unindo às estratégias das aulas de Língua Portuguesa, o aluno habilita-se a redigir textos com mais laudas, o que favorece dominar as técnicas de redação visando estudos futuros num curso superior. Finalmente, um ótimo meio de treinar o cérebro.

2.1 A transformação dos métodos em gênero dissertativo argumentativo para ações pedagógicas

A possibilidade dos métodos é ser maleável, é ser matéria-prima para transformar-se em algo novo. A transformação é passar pela reescrita e também pela capacidade de ser uma fórmula filosófica. Trabalhar com a perspectiva da reescrita implica entrar brevemente no que seja esta forma de transposição da Língua Portuguesa. Linguistas de peso como Koch (2011, p.34) asseguram que um texto pode ser reescrito de muitas formas, objetivando atender a tipos diferentes de leitor. Reescrever como caminho para se criar novos textos. Abaurre (2011, p.11) escreve que os escritores produzem sem fim novos textos também a partir de outros já existentes e a própria leitura destes existentes são temas possíveis de trabalhá-los numa reescrita. O verdadeiro sentido da intertextualidade, segundo ela, é conviver enquanto se cria ou redige, com a possibilidade de inserir um texto pronto num texto em formação, processo que sempre nos dará novos escritos originais:

Há muitos escritores que são, antes de tudo, leitores compulsivos. Seus textos constituem-se em espaços em que o que se tematiza, de várias maneiras, a própria leitura. Por meio deles é possível conhecer muitos outros e descobrir, desta forma, o verdadeiro sentido da intertextualidade dos textos que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, que remetem a outros textos, e assim por diante, numa história sem fim.

Já a reescrita na Filosofia parte de uma possibilidade a partir de frases conhecidas como “O homem é lobo do homem”, “A essência precede a existência”, “Não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio” transformarem-se em outros saberes, conhecimentos, conselhos, sabedorias, problemas. Estas frases de efeito, síntese de explicações de pensadores

é que são identificadas por Alain Lhomme (2018, p. 67) como fórmulas filosóficas destinadas a passarem por relações de rearrumação ou possíveis de se transformar em outros esquemas, mas sempre com um olhar para a problematização nova:

Chamamos de escrita formulaica uma manifestação particular de uma propriedade fundamental da escrita filosófica: a de poder propor, no plano retórico-sintático, uma forma de esquematização das relações que os conceitos filosóficos podem manter. O que permite compreender que a escrita filosófica, longe de ser a expressão segunda de conteúdos de pensamento que seriam concebidos ‘em si’, no pensamento ‘puro’, portanto, independentemente de sua articulação em um discurso, constitui, na realidade, um espaço de articulação e de efetuação para esses conceitos, desenvolvendo o jogo de suas relações e favorecendo a rearrumação e a transformação dos esquemas necessariamente subjacentes a qualquer conceitualidade.

Em termos gerais, estamos diante de uma possibilidade de reescrita e isso se faz com fórmulas filosóficas. Incluímos, aqui, os métodos como uma espécie de fórmula filosófica para auxiliar na elaboração de saberes originais em Filosofia. A experiência provocada por esse recurso comum na língua portuguesa tem os seus assemelhamentos com a Filosofia. É Cossutta (2018, p.95) quem nos garante a possibilidade dinâmica de usar o saber construído ao longo dos séculos da Filosofia como meio de produção de novos conhecimentos:

Tornados autônomos em relação a seu contexto de produção e de enunciação, os enunciados formulaicos ou fórmulas filosóficas são destacados e circulam através do espaço e do tempo para se reinscreverem em textos e práticas diversos ligados à atividade filosófica. [...] falar de escrita formulaica é inserir na presença de fórmulas no seio de uma obra ou de um texto.

Os métodos aparecem como fórmulas para o uso em situações atípicas, mesmo estranhas à sua criação. Basta observar o amplo uso dos métodos filosóficos por autores da pedagogia, da psicologia ou política para compreender o quanto os métodos possuem um acertos e ajustes no meio cultural, transcendendo o filosófico. Em aulas de Filosofia, com uma ‘pegada’ pedagógica, os métodos trazem grandes contribuições. Podem, ajustados aos temas propostos para pesquisas e discussões, apresentar uma síntese de um pensamento ou doutrina. Direcionam nossos pensamentos para os componentes presentes numa argumentação. Outra benesse é que os métodos revisam conteúdo da doutrina da filosofia quando são trabalhados em outras disciplinas. Isto porque precisamos voltar informando quem são os seus fundadores, curiosidades de vidas destes fundadores e contextos históricos em que viveram, além, claro, do conhecimento de seus ensinamentos.

Por ter uma estrutura ricamente disposta e admirável, passam a ser copiados como estruturas e, por desdobramento ou consequência, inspiram o estudioso a formular suas próprias argumentações, aumentando o repertório. Assim, cabe a pergunta: como os alunos podem aprender sobre estes métodos? Para responder a tal pergunta, pensamos em três momentos. *Primeiro momento*: estágio da migração. Trata-se da interpretação dos textos feita pelo professor e o posterior ensino das técnicas de interpretação para os alunos. O estudo dos métodos filosóficos, suas estruturas próprias, seus contextos históricos de desenvolvimento estimulam a reflexão justamente pelo que tem de aparentemente paradoxal. Porque são bem perceptíveis as partes dos métodos diante de um exercício de interpretação. A interpretação muitas vezes joga ou dá ao leitor um sentido obscuro de um texto. Um sentido truncado. Para anular esse caráter obscuro e aproximar-se mais do sentido real, convém sentir os textos em todos os seus liames, a fim de perceber coisas que numa parte do material lido não estão. Identificando nos parágrafos do texto o que cada parte quer comunicar, o caráter de fidedignidade às exposições do autor aparece com mais clareza e segurança.

Segundo momento: a transformação passa do exercício de interpretação realizada pelos professores e alunos e postos em comum no debate, caminhando em direção a organização textual com fins de viabilizar na produção textual o desenvolvimento contido na argumentação. Para migrar dos métodos filosóficos ao gênero textual dissertativo, fazendo acontecer o desvelamento do método como roteiro para a escrita, o professor precisa sujeitar-se à interpretação básica realizada no texto original, texto fonte do método extraído. A interpretação orientada e desenvolvida pelo docente é o dever de esforço mínimo no processo de transformação. Ela é fundamental, pois a comunicação dos elementos do método acontece via texto literário sob diversas formas como são os diálogos, apologias, dissertações, crônicas, aforismas, crônicas, contos, poemas ou outros tipos textuais que a Filosofia consegue realizar conexões. Essa conexão exige maestria e outros fatores culturais. Completa o serviço de interpretação o fazer exames voltados ao campo da filologia. Este exame visa sentir o valor do emprego dos referenciais históricos, de sintaxe de um determinado período e das palavras usadas no texto, considerando sua produção histórica, num tempo preciso. O passo seguinte para a migração passando por um exercício de interpretação é reler o texto para extrair seus sentidos reais ante as possíveis e muitas vezes incontáveis metáforas, realizando um paciente exercício de busca de sentido para cada uma dessas referências metafóricas. O simbólico há de ser considerado, pois este é um canal de comunicação, uma via indireta.

Terceiro momento: o examinador agrega ou utiliza outras ciências e demais conhecimentos. Na ciência linguística, faz-se o bom uso das ideias de linguagem, lembrando

aqui os termos sentido e referência e a presença do recurso lead (recurso que quer que o texto responda às perguntas ‘o que?’, ‘quem?’, ‘quando?’, ‘aonde?’, ‘por que?’), recurso este muito usado também nos textos jornalísticos; pela etnografia pode-se conhecer o ambiente da redação e o modo do comportamento social da época da escrita, além de nunca deixar à margem o contexto de vida do redator; etc. O próximo passo que o professor dá é o de um exercício de reescrita em LP, em Filosofia, são ajustáveis. Porque as dimensões pedagógicas dos métodos filosóficos passam pela interdisciplinaridade, mas o centro ou estrutura axial é a Filosofia, no seu processo de ensino e aprendizagem. Passa pela interdisciplinaridade porque o processo de reescrita na Filosofia assemelha-se aos passos dados na disciplina Língua Portuguesa. Na Língua Portuguesa ou no idioma que se estuda, a dimensão formativa para a escrita de emoções, de desabafo, uma tendência atual, ganha força com exercícios de reescrita. A criação de poesia de recontos, de prosa ou romance em forma de diálogos é uma tônica que prevalece muito nas aulas das disciplinas de códigos e linguagens. A Filosofia serve-se das técnicas de reescrita e incentiva sua prática, mas as estratégias para este fim são muito diferentes nos seus objetivos e recursos metodológicos dos da Língua Portuguesa. Esse usar recursos diferentes é bom, todavia a Filosofia precisa mostrar que na sua própria riqueza doutrinal secular existem métodos e técnicas adequadas ao ensino que não precisam ficar ancorados ou serem copiados de outros campos do saber.

Alguém poderia objetar afirmando o seguinte: a Filosofia e as disciplinas de códigos e linguagens não se separam e todo projeto de redação culmina no ‘mais do mesmo’. É importante observar que os processos para a escrita no idioma pátrio implicam em ler os textos e daí fazer uma reescrita com novas roupagens; ou fazer um reconto alterando personagens, ambientes, a duração da história conforme necessidade da comunicação etc. A paráfrase também consiste num ótimo recurso para fins e exemplos de reescrita. Mas o propósito específico com o uso dos métodos é fazer deles parte importante, roteiros ou aspirações, anseios para organizar de modo argumentativo o texto dissertativo. Para este propósito não se fala em reescrita, mas em usar o esqueleto do texto ‘emprestado’ para lembrar do que pode ter um texto argumentativo diferente do tradicional apreendido nas aulas de redação e daí eu, aluno, sermos capazes de escrever algo original e discutível, considerando meu estilo.

Para isto, a objeção de que se trata de ‘mais do mesmo’ é uma afirmação errônea ou imprópria para esta situação. Para o aluno, a reescrita nas duas disciplinas são riquezas, pois mostram formas de trabalho muito diferentes usando uma mesma estratégia de avaliação que é a escrita. Deve-se incentivar o trabalho interdisciplinar, mas o trabalho com as disciplinas

particulares há de ser estimulado a fim de existir um caminho próprio para o uso das estratégias e recursos metodológicos de cada disciplina. No caso da Filosofia, pensamos que se trata de inserir nas aulas certas estratégias para disseminar os métodos filosóficos como caminhos para o filosofar expositivo e crítico. No anexo “a”, as aulas 3 e 4 trabalham as estratégias para transformar os métodos em gêneros textuais dissertativos. Aqui damos outros exemplos como complemento ao anexo: a) cartazes nos murais; b) combinar com outros professores trabalhos inspirados nas possibilidades de orientação dos roteiros; c) analisar músicas e confrontá-las com os passos metódicos; d) falar sobre algum assunto seguindo a estrutura dos roteiros; e) relacionar o cenário atual e o funcionamento das redes sociais com as estruturas dos métodos; f) escrever sobre sentimentos e emoções usando os métodos.

Até aqui, escrevemos que utilizar textos escritos remetem à produção de novos textos. Pode ser uma prática de vários campos do saber no Ensino Médio. Em Filosofia, denominamos de ‘Filosofia Escrita’ e essa prática de reescrita tem nome próprio em outros autores como em Cossutta (2018, p. 96), que a denomina de ‘Escrita Formulaica’. Por ora, é importante saber como acontece a transformação dos métodos em direção aos esquemas. A passagem dos métodos filosóficos aos gêneros ou Escrita Formulaica pode acontecer com a divulgação dos esquemas montados pelo professor. Usar a estratégia do mural, dinâmica apresentada no anexo “a” desta dissertação, pode ajudar. Os esquemas podem ser ampliados para formato grande e anexados no mural da sala para que o professor, sempre que possível, possa revisá-los. O aluno pode treinar a memória fazendo um esforço em memorizá-los. Em resumo, a partir de Savian Filho (2019) o esquema seria assim:

Quadro 1 -Dos métodos filosóficos aos roteiros temáticos ou gêneros textuais

SOCRÁTICO	TOMISTA	HEGELIANO
1º) Opinião corrente 2º) Pergunta ou problematização 3º) Respostas às perguntas em forma de teses e exemplos. 4º) Revisão com uma conclusão e nova problematização.	1º) Argumento contrário à minha tese; 2º) Dado cultural contrário ao argumento inicial; 3º) Minha posição frente ao problema em discussão; 4º) Resposta ao argumento contido no primeiro parágrafo.	1º) Tese: afirmação enunciado verdadeiro ou falso, em um parágrafo. 2º) Antítese: a negação da tese nos parágrafos seguintes. 3º) Síntese: unidade entre a tese e a antítese com uma nova questão para começar novamente o processo com outros elementos.
Cada parte: 01 ou 02 parágrafos.	Cada parte: 01 ou 02 parágrafos.	Cada parte: 01 ou 02 parágrafos.

Fonte: elaborado pelo autor.

As riquezas textuais, reflexos dos métodos filosóficos aplicados como releituras, são apenas algumas das possibilidades que aqui reunimos. Outras aparecerão se estimulados os alunos, se incentivados à leitura, à reflexão, à pesquisa com os métodos, permitindo que esses sejam não apenas o saber, mas um conhecimento inteligente para os tempos atuais. Utilizar o passado para que o leitor do futuro conheça quem fomos nós, escritores do presente.

2.2 Efeitos da operação com os métodos na disciplina: aperfeiçoamento do trabalho docente.

A primeira parte, a parte prática desta dissertação, diz respeito ao projeto, de sua concepção, elaboração e aplicação; do que foi ensinado sobre produção textual e seu resultado produzido ou quais frutos salutares o projeto aplicado nas salas de aula proporcionaram para os protagonistas da aprendizagem, a saber, professor, escola e a própria disciplina Filosofia. Começa a dissertação com a parte prática porque o fazer Filosofia em sala, não um saber condicionante, mas libertador se apresenta como uma via dupla destinada a levar os viandantes para as sendas do pensar e escrever bem, processo que uma das áreas temáticas objeto de estudo do PROF-FILO visa suscitar nos participantes. Outros protagonistas ligados ao processo de ensino e aprendizagem, qual seja, a disciplina e a escola recebem também os benefícios, solidificando a Filosofia como disciplina que preza pelo ensino, pela crítica e pelo fundamento rigoroso do saber humano.

Dos métodos que rumaram para os gêneros textuais apareceram para o professor e para os alunos as seguintes observações que se seguem.

Escrevemos sobre o protagonista do processo de ensino, quem elabora e ensina projetos, o professor. Visto sob a ótica de que ele usa o discurso oral e informal, isto é, como filósofo ou homem do senso comum, em várias ocasiões, ele preocupa-se com a cultura filosófica. E a emprega para construir os discursos ou aproximar-se de um papo informal, como muitas vezes é acionado para isto nos discursos e nos lugares onde está. Questionar-se; posicionar-se frente a um problema ou dilema do momento atual; dialogar e ouvir pacientemente as pessoas, com amigos de trabalho, pessoas queridas. A medida da conversa é ponderada com estes saberes filosóficos obtidos ao longo da vida de estudo. A escola é o espaço do acontecimento, da cultura, desse papo, da relação amistosa. Agora, sujeito aos cuidados do discurso escrito, encontra-se, por exemplo, sob a responsabilidade de um momento com acadêmicos, com estudantes de escolas de ensino médio, como conferencista. E não mais como homem próximo ou sujeito ao conhecimento comum como sugere o parágrafo anterior. Com o professor ocorre um olhar para a produção de uma conferência que

passa por pelo menos um momento escrito. Escrita que é reflexo exterior do esboço da conferência pulsante no pensamento; a escrita mostra o registro de uma reflexão prévia; registro do título, a sequência metódica dos pontos-chaves do discurso oral fundamentado ou a fundamentar. Esse cotejo, externalizado para muitos numa reflexão produzida, um tema problematizado, uma nova descoberta, uma solução original de um problema, consiste em ser produção do sujeito encarnado como docente.

Cabe muitas vezes ao professor imortalizar suas ideias usando a publicação de seus escritos de forma ordenada. Publicá-los, pois, tem valor para si, para o ramo do conhecimento que o mesmo se envolve; para a cultura como um todo produzida por ser fruto deste envolvimento. Cria o docente, com sua busca sempre incessante para o novo, as estratégias para a filosofia escrita, pois, isto se torna o bom propósito intelectual e treino para a memória. Criado o texto, a reflexão, a sala com seus discentes, pode ser o primeiro lugar para a divulgação desta novidade acadêmica. O professor faz diversos juízos de valor sobre os seus próprios saberes. Tece críticas de apreço ou despreço e essa qualificação ajuda na afirmação da Filosofia que ensina como conhecimento. O pensamento elaborado e refletido de si, uma vez escrito e ponderado na justa medida enriquece a técnica do comentário, das pesquisas profundas, das elaborações críticas que este profissional desenvolve, e assim, obtém sua inserção nas boas reflexões pessoais. E outros professores, docentes parceiros, conhecendo esses processos, podem, sem que haja maldade nisto, atribuir-lhe um enquadramento num sistema, numa doutrina, como positivista, marxista, existencialista etc.

No entanto, o professor que se tornar adepto de uma doutrina ou sistema filosófico entendendo-o como o único ou verdadeiro não desempenhará de modo satisfatório as atividades no âmbito do Ensino Médio. Nérici (1956, p.12) chama a atenção para os perigos do docente a respeito das posições dogmáticas amparadas nas escolas filosóficas e manifestadas categoricamente a partir de suas produções culturais:

O professor de Filosofia não deve fazer ênfase em suas próprias convicções, pois, esta atitude pode levar muitos alunos a se retraírem ou a oporem resistência, perdendo-se o professor como educador. A atitude dogmática não é a que convém a um professor de Filosofia. Esta, quase sempre, determina uma atitude e oposição por parte do aluno. O dogmatismo, ao invés de orientar, consolida no educando normas de conduta indesejáveis de oposição.

Para o enfrentamento do dogmatismo em si, deve o professor possibilitar, mais, “uma visão de conjunto dos conhecimentos, para uma crítica filosófica, que permitirá socorrer o educando em maiores áreas de suas dúvidas e equívocos” (NÉRICI, 1956, p.12). A

formulação de crítica sobre a visão dogmática, segundo Nérici, com fins de trazer a própria atmosfera reflexiva e de produção de perguntas, atitudes em que a filosofia é portadora.

Como aplicador de projetos de Ensino Médio em escolas com uma juventude bem diversificada quanto à busca pela sabedoria, ser preceptor nos sugere proveitosas reflexões sobre ensino e aprendizagem de Filosofia escrita. Começemos pelo fato de que é o professor o iniciador das discussões numa sala de aula de Ensino Médio. Ele que propõe os problemas, os temas para a discussão fluir consigo e com seu par neste devaneio dançante, ou seja, com seus alunos. Ele elabora um projeto considerando as necessidades pedagógicas da escola e do aluno. Quer neste ponto fazer com que o projeto seja um instrumento de resolução de um problema ligado à formação e educação. Isto não deixa de ser uma dimensão positiva, afinal, projetos são concebidos para resolver algo, além, claro, de orientar como deve ser esta resolução. Deve o projeto formulado para o ensino de Filosofia apresentar o problema e as ‘receitas’ para fins de resolver os mesmos defeitos apresentados, mostrando assim coerência em sua estrutura diretiva.

No projeto deve-se ter os parceiros ou os auxiliares que ajudam na execução do mesmo. Tudo aquilo que se tem naturalmente para resolver um problema precisa estar sincronamente funcionando com outros setores da escola, como o Serviço de Orientação Educacional (SOE), a sala de recursos e a biblioteca, por exemplo, a fim de obter a proposta do projeto um resultado almejado. É um papel importante do mestre incentivar a parceria atuante de outros profissionais educadores na execução do projeto. Orientadores, professores da sala de recursos, coordenadores e diretores. Estes colaborarão produzindo ações coletivas como lista de ações disciplinares, listas de problemas ligados a fraquezas em conteúdo, a fim de favorecer a aprendizagem significativa nas disciplinas parceiras e no bom aproveitamento dos objetivos e estratégias do projeto. Com isto, o professor de Filosofia auferirá saberes provenientes da escrita e da prática do projeto em sala de aula. Auferirá saberes sobre a personalidade dos alunos, numa primeira ação imediata, afinal o contato rotineiro garante a proximidade necessária para um começo de relacionamento. Conhecendo personalidades, chega-se numa orientação mais sensata ou em aconselhamentos mais seguros para aqueles que procuram o professor e a escola com esse fim.

Auferá também consciência do envolvimento que sua profissão dimensiona ao permitir uma consciência de orientação e condução de pessoas rumo a um desenvolvimento social, com outros envolvidos que constituem uma sociedade. Aceita, dessa forma, a profissão de professor como instrumento de progresso social coletivo. Auferá para si cultura e intelectualidade, afinal, a escrita é uma ferramenta de trabalho que se ajusta a qualquer

desafio. No processo de ensinar, transmitir saberes, discuti-los e corrigir textos, o professor descobre novos conhecimentos e novas possibilidades de trabalho com a temática escrita.

Pelo empenho inicial de um dos protagonistas do ensino e aprendizagem, o professor, com determinação refletida no projeto produzido e a ser aplicado, deseja-se que a Filosofia e a sua natureza não consistem apenas em só comunicar, em só viver, sem o contexto original que lhe é aplicado. A Filosofia, ao contrário, ganha contornos de comunicar com eficiência a troca de mensagens mais diversas entre os seres, explorando o que há de mais comum nestas ações comunicativas, permitindo que de fato aconteça o questionar e o questionar-se que é problemática da existência do ser. Professor como identificador de problemas, desenvolve, com o auxílio da experiência de sala, a elaboração de projetos. Acontece, todavia, que durante a aplicação do projeto, pode vir também novos desafios. São os problemas de aplicação e recepção que aparecem.

Escrevendo sobre problema de aplicação, uma situação acontece quando inesperadamente, o horário da aula será reduzido; licença médica imprevista do professor; tempo insuficiente para o professor orientar os alunos; evento não previsto como uma aula requerida por outro profissional para fins de atender uma solicitação da biblioteca, da sala de recursos, da reunião da turma com a direção. É a feira de ciências, o festival de curtas. São ações pedagógicas boas para a escola, é verdade, mas que diminuem o tempo preciso de aula própria da disciplina. Escrevendo sobre problema de recepção, este consiste em lidar com alguns alunos pouco empenhados com o fazer a leitura e escrita e qualquer outra atividade; àqueles que dizem querer apenas o certificado e que o saber em si pouco faz sentido; àqueles que vem para a escola por causa do lanche e da diversão, ou até mesmo pelas drogas, ou namoro. Várias razões para fazer de tudo o que querem, menos estudar.

Especificamente sobre o projeto de escrita, durante a aplicação e desenvolvimento, advém outros problemas de ordem prática e que passamos a citar. Dificuldades com a formulação de pergunta-problema; incoerência no desenvolvimento de parágrafos; dificuldades em responder os roteiros de leituras e identificar as respectivas respostas nos textos atribuídos; restrições na seleção de partes importantes e elaboração escrita de comentários; dificuldade em citar; desconhecimento do emprego de palavras conforme regras gramaticais oficiais. Em paradoxo com tudo o que se diz sobre o professor até aqui, o professor encontra dificuldades imensas no conteúdo e aplicação de projeto com escrita. São problemas encontrados na aplicação do projeto: listar um material necessário para sua execução, saber que esse recurso material existe, mas é inacessível porque é caro e o aluno não pode comprar. Ocorre também o problema da inspiração ou uso de didáticas ou

estratégias a partir dos pressupostos teóricos de outras disciplinas e o abandono de bons recursos próprios da disciplina do projeto, impossibilitando um conhecimento mais completo e rico do saber filosófico. Busca-se amparar na didática própria de outros componentes curriculares, o que na Filosofia existe em abundância.

Outro problema que o professor construtor de projetos para a Filosofia encontra é um considerar, pelos outros professores, mesmo de Filosofia, que o conteúdo ministrado em aulas de Filosofia é de História da Filosofia Ocidental somente, e não Filosofia de fato, o que faz dos alunos meros reprodutores de saberes já prontos. Há problemas quando professores de Filosofia não consideram o jovem como uma pessoa que está começando na Filosofia e então reforça ou trabalha conteúdo da Filosofia voltado para o público adulto. Significa, dizem, rigor na disciplina, como se os alunos fossem filósofos já formados ou consagrados nos grandes centros de cultura acadêmica filosófica. Não podemos esquecer que nossos alunos são jovens imaturos, secularizados, provenientes de uma classe econômica que não dá condições nem de alimentar-se com o mínimo de refeições diárias, jovens plenamente envolvidos mais com celulares que com livros. É desafio nosso contaminá-los com a outra vertente: a vontade de pensar e ir além, escrever o que pensam e pesquisam; a vontade de saber perguntar o texto, a informação a fim de fazer existir o senso crítico, mas usando estratégias de ensino próximas ao entendimento mais elementar ou básico da Filosofia escrita.

Também existem os problemas ligados à formação continuada e aperfeiçoamento de docentes da rede de ensino: falta de cursos que apresentam estratégias para a elaboração de uma Filosofia no papel, tendo o aluno como autor. Aqui nos alongaremos um pouco em comparação aos outros problemas porque julgamos de maior importância esse problema.

Há uma necessidade de trazer para a formação continuada do professor de Filosofia do Ensino Médio o conteúdo e os procedimentos voltados para melhorar as aulas deste componente curricular. Há tempos que, pelo interesse do Estado ou contratantes e alguns signatários do poder, este processo de formação continuada, sob o argumento de privilegiar conteúdos interdisciplinares e multidisciplinares, tem minimizado a importância dos saberes e criações escritas próprias da Filosofia. Há tempos que programas de atualização de carreiras têm incentivado um envolvimento do grupo das ciências e não apenas a individualidade do componente curricular. A exceção do curso “As contribuições do pensamento complexo e dos princípios da Carta da Terra na formação humana”, realizado em 2014 mais voltado para a Sociologia e Geografia, outros cursos com títulos como “Mobilidade e Trânsito para Professores (as) do Ensino Médio e EJA”; “Aprendendo Matemática com o Software Geogebra” etc., foram promovidos pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da

Educação (EAPE). Esta escola oferece cursos regulares, de formação contínua, para professores e auxiliares de Ensino Básico em educação no DF. Ao mesmo tempo que tais cursos beneficiam estes profissionais, os cursos ampliam uma desigualdade com relação à disciplina de Filosofia, notadamente na produção do discurso escrito, pois nenhuma formação contínua específica para este componente curricular foi ofertada nos últimos anos aqui no DF. Queríamos *Carta da Terra*, mas também o *Discurso do Método* ou *O que é o esclarecimento?*; ou *O que é isto, a Filosofia?* Ou uma série de outros clássicos próprios da Filosofia e suas considerações com o processo de redigir, matéria prima para intensos cursos de formação de estratégias para Filosofia no Ensino Médio.

Num contexto de pandemia, os professores do DF fizeram cursos para melhorar o desempenho enquanto trabalhadores da educação em situação de ensino remoto. Foram cursos sobre “Recursos digitais na educação” e “Mídias - Criatividade e Inovação na Educação”. Outro mais recente foi o curso NEM (Novo Ensino Médio, de 2021). Tais cursos enobrecem a formação humanística do professor, deixando-os capazes de trabalhar em sala de aula com múltiplos saberes, estratégias e avaliações. Além disso, atualizamos formas novas de transmitir os conteúdos, tornando as abordagens temáticas de uma forma mais vivaz e provocativa para o nosso público estudante. Existe também a possibilidade destes cursos inspirarem professores à produção de atividades e projetos que possam ser desenvolvidos em classe ao longo de um bimestre ou até semestre. Isto pode ocasionar maior envolvimento de todos os alunos da classe, além de despertar nos estudantes mais retraídos ou despreocupados com os estudos um compromisso maior com a sabedoria e sua formação pessoal acadêmica.

Acontece algo ruim, entretanto, na Secretaria de Educação com relação à formação continuada. Não se ofertam tais cursos especificamente para trabalhos com a Filosofia, tampouco com a Filosofia escrita, com a mesma regularidade que ocorre com os cursos voltados para a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Isto se dá porque a Secretaria formulou os conteúdos de Ensino Médio, deixando-os misturados. É como que se em nossas aulas, devêssemos produzir um texto para fins de uso em sala, distribuindo entre os parágrafos, a temática de Filosofia, ancorando-a no primeiro parágrafo; no segundo, a de Sociologia; no terceiro, a de Geografia, no último, até equações da Matemática, ou por que não, de Física. A própria Secretaria de Educação já estabeleceu como nova perspectiva esta tendência para o Ensino Médio no Distrito Federal

A formação continuada dos profissionais do Ensino Médio leva em conta essa nova abordagem do currículo [...] O currículo privilegia o trabalho interdisciplinar dentro de cada área do conhecimento, assim como

transdisciplinar entre as áreas, ao articular os saberes específicos dos componentes e das unidades curriculares a partir de um ponto de vista global de determinado campo do saber.¹

Há tempos não são ofertados cursos específicos de formação continuada para o componente curricular Filosofia. O último curso oferecido onde Filosofia foi apenas coadjuvante foi o PNEM, no ano de 2014. O curso reunia vários procedimentos interessantes para trabalhar a interdisciplinaridade; trabalhar de modo conjunto com todas as disciplinas das Ciências Humanas. Um curso de humanidades; não algo próprio de Filosofia. Aliás, o último módulo do curso versou justamente sobre ‘Ciências Humanas e suas tecnologias’. Com esta ‘segregação’ da Filosofia, acontecem prejuízos para três importantes protagonistas da educação: aluno, professor e conhecimento.

Para o professor, prejuízo na tríade pesquisa, ensino e orientação. A pesquisa sofre prejuízo porque estaremos a pesquisar um tema com o ‘olhar’ de outro método diferente. Os métodos de pesquisas próprios da Filosofia, quando substituídos, poderão ocasionar uma compreensão parcial ou equívoca de uma questão. A compreensão de um tema fica prejudicado porque utiliza-se uma metodologia imprópria para compreendê-la. Quanto ao ensino, o professor deverá desenvolver uma capacidade sem igual para entender, conectar entre si e transmitir ludicamente a ética de Kant em contextos de cálculos do PIB de um Município brasileiro que vive somente da plantação de cana de açúcar, contextualizando historicamente estes processos com as pesquisas de Gibbon sobre as doutrinas da República Romana. Como será isto, se queremos é bem ensinar o extenso e envolvente currículo da disciplina Filosofia? Aliado à pesquisa e ensino, vindos como atividades exponenciais ao nosso cotidiano, o tempo de orientação para trabalhos expositivos ou escritos ficarão reduzidíssimos. Será necessário aperfeiçoar a nossa capacidade de organização e de renúncia ao lazer, ao amor da amada e aos passeios em meio à natureza. Seria este o ideal de professor? Certamente não.

Prejuízo para o aluno, pois este estudará de forma maçante ou pouco dinâmica um assunto importante para sua formação pessoal. Um minicurso sobre a obra *Desobediência Civil*, do Thoreau, e *O que é o esclarecimento?* do Kant, por serem importantes para a segunda etapa do Programa de Avaliação Seriada, da UnB, teria uma relevância maior que o curso interdisciplinar “*As contribuições do pensamento complexo e dos princípios da Carta da Terra na formação humana*”. A formação continuada interdisciplinar deixou de dar

¹Disponível em:
<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/formacao-dos-educadores-do-distrito-federal-para-o-novo-ensino-medio/> Acesso em: 12 dez. 2022

importantes dicas ou formas de amenizar esse prejuízo para o aluno. Prejuízo para a disciplina que vai precisar amparar-se na didática alheia em pontos que a disciplina Filosofia tem procedimentos melhores ou mais eficazes de transmissão e transformação dos saberes em conhecimentos. A análise problematizada, de criação de contraposições, por exemplo, permite que aprendamos melhor com esta técnica que a mera formulação de perguntas comuns que nos faz memorizar apenas os dados ou informações dos livros, sem discuti-los, procedimento muito comum em outras disciplinas que, no fundo, pelos andares propostos nos novos documentos educacionais é onde teríamos que nos espelhar.

Fazer Filosofia no Ensino Médio precisa continuar, a fim de engrandecer o saber quando vierem possibilidade de estudos mais aprofundados, como se exige um curso de graduação. É importante, por isso, estimular cada vez mais o aluno para o conhecimento e criação de discursos mais elaborados. Conhecer os métodos filosóficos é um começo para sentir estes estímulos, tomar consciência deles. E a formação continuada pode levar estes conhecimentos do formador para o aluno. Além do mais, a EAPE precisa mapear os acadêmicos de pós-graduação que desenvolvam projetos sobre a riqueza metodológica e estratégica que a Filosofia possui. Além do acompanhamento dos mestrands, promover cursos sob a regência destes discentes. Ofertar bolsas de estudos bem como publicar em site especializado ou no próprio site da Escola de Aperfeiçoamento as relações e passos desses projetos para conhecimento dos professores da rede pública e, por que não, particular. Projetando luzes sobre debates, seminários, pesquisas, produção de discursos orais e escritos para feiras de conhecimento e outras técnicas peculiares às estratégias em Filosofia, voltar-se para técnicas originais ou articuladamente adaptadas, provenientes de reflexões e de momentos com a transmissão e assimilação e recriação dos conteúdos filosóficos, faremos com que o momento do método socrático, uma estratégia singular para nós, professores, fazer com que o parto das ideias apareça nos nossos alunos e em nós mesmos como um saber que se faz, se multiplica e se transforma em novos saberes. Produzir este processo é algo muito próprio de quem redige.

A produção escrita, resultado do trabalho dos alunos conduziram a produção desta reflexão. Ela nos ajudou a situar nosso trabalho num contexto de pandemia e de educação mediatizada pelas metodologias ativas e informática aliados ao ‘retrô’ dos fichamentos, debates e textos manuscritos.

Agora é momento de falarmos sobre o “Em si” que ensina pelo que escreve.

2.3 Efeitos da operação com os métodos na disciplina: Normativos e dicas para a redação na disciplina a partir das redações produzidas.

Textos lidos e resultados mostrados e alcançados na atividade de escrita e reescrita. Depois, é hora de retornar ao aluno as anotações e resultados das correções. Uma possibilidade de trabalho realizado por nós consistiu em mostrar para os alunos, preservando sua identidade no momento da apresentação, os elementos notáveis contidos nos textos. Fatos curiosos, erros e acertos presentes nos textos que eles escreveram. Além de fomentar a visão como crítica sobre saberes, serviu para identificar na disciplina as parcerias ou aspirações contidas nas habilidades e competências dos atos normativos legais. Estamos nos referindo ao ENEM e à BNCC. Além das habilidades e competências existem, na sutileza das palavras, algumas expressões ligadas ao ensino de processos de escrita que podem ser transformadas em anseios para o professor de filosofia usá-los como estratégias de aula, discutindo com os alunos estas possíveis ajudas. Com base nas discussões realizadas em sala apresentamos as habilidades e competências a seguir. Junto com os alunos, no calor da aplicação do projeto, discutimos as possíveis benesses e engessamentos dessas orientações da BNCC. Empregamos, após o enunciado das habilidades, alguns comentários apontando os trabalhos que podem desempenhar no âmbito da Filosofia Escrita. Retiramos as habilidades que estão em consonância com o ensino de redação em Filosofia do site².

CHF11MOA002 – Identificar e Problematizar (Discutir problemas) questões de origem, identidade e historicidade da Filosofia, identificando (nas suas principais) em obras, momentos e contextos, simultaneamente, questões comuns e formas diversas de seu enfrentamento (dessas questões).

Dica: antes de pedir que escrevam os textos definitivos, fazer um debate sobre os possíveis temas para a redação esclarece bastante. A discussão cria numa aula uma espécie de plantão de dúvidas. De posse com o tipo textual e fichamentos produzidos para o debate, eleva-se o nível do debate e os alunos conseguem escrever os textos com anotações que surgem durante as discussões. As expressões em parênteses - àqueles presentes na citação anterior - colaboram para identificar no texto estratégias que podem ser utilizadas na realização desta habilidade. Sugere ainda à habilidade anterior não o mero expor ideias e ensinamentos sobre os temas da filosofia formulado por autores. Numa perspectiva mais instigante e estimulante, aparecem as palavras como vocações próprias do ato de filosofar, que é identificar situações, conceitos que foram explanados no decorrer do processo histórico

² Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20 dez. 2022.

e dialético da Filosofia e transformá-los em problemas discutíveis, recriando novos elementos, e, conseqüentemente, trazendo soluções originais.

Uma outra habilidade contida no normativo é importante e está redigida com estes termos:

CHF12MOA001 – Explorar a lógica e retórica com vistas ao exercício da argumentação e ao aprimoramento dos discursos com pretensões de legitimidade, compreendendo essa necessidade tanto nas demandas cotidianas, quanto na lida com saberes mais específicos ou complexos.

Dica que se segue: produção de esquemas escritos para elaborar tanto os discursos orais como escritos. Ambas as modalidades de discurso precisam de aperfeiçoamento e até complexidade no seu resultado final, o que estimula o aluno a superar o senso comum. Na elaboração prévia escrita dos discursos, ainda que seja um esboço para a fala, esta construção prévia auxilia numa transmissão mais fluída e melhor concatenada das ideias. Identificamos também nesta habilidade a possibilidade de fazer estudos comparativos de diferentes autores e nacionalidades. Uma boa estratégia para estudos comparativos consiste na criação de quadros com duas colunas e fichamentos de autores latino-americanos, africanos, asiáticos e norte-americanos que têm posicionamentos diferentes sobre o mesmo assunto. Notamos, além disso, a presença de conhecimentos implícitos, possíveis de correção quando inicialmente apontados como errados.

O ENEM (disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> <ACESSO 23-12-2022>) traz contribuições interessantes sobre o processo de ensino de escrita ao exigir que

O candidato precisa elaborar um texto que apresente, claramente, uma ideia a ser defendida e os argumentos que justifiquem a posição assumida em relação à temática da proposta da redação. Trata da coerência e da plausibilidade entre as ideias apresentadas no texto, o que é garantido pelo planejamento prévio à escrita, ou seja, pela elaboração de um projeto de texto.

Nesse fragmento, a redação estabelece como postura para o aluno apresentar razões que o levaram a tomar como interpretação válida aquilo que escreveu na dissertação, e, como que por degrau, chegar a uma relação desta interpretação com outros materiais de fontes diversas. Por isso que exercícios de paralelismos e o uso de fichamentos nos textos podem suprir estas possíveis deficiência de aprendizagem.

Finalmente, os objetivos das aulas contidos nos planos de ensino podem gerar dicas e saberes, especialmente se a aula for destinada para este fim. Os objetivos contidos nos planos de ensino elaborados pelos docentes que ministrarão a aula é a marca de seu trabalho. Todos

os passos até agora apresentados - escritos dos alunos, BNCC e ENEM - entram com possibilidades de dicas preciosas se estiverem presentes suas formas de abordagem e no que eles ajudarão se os objetivos da aula o comportarem. Escrito e suas correções em sala de aula com comentários e debates moldam melhor as criações de uma quantidade significativa de alunos. Para uso deste material, sua versatilidade é segura, pois provém de uma população, ou seja, alunos presentes no dia a dia do pesquisador. O critério de análise de seus textos são os fragmentos produzidos em sala de aula, como atividade de redação, como atividade do projeto aplicado no Centro de Ensino Médio 05 de Taguatinga.

Acredita-se que os fragmentos são o suficiente para fornecer uma visão geral do conjunto das ideias, com os erros e acertos e discuti-las com os alunos numa aula. A análise tem como dinâmica: 1º) leitura do fragmento; 2º) realização da interpretação de certos aspectos como a linguagem empregada, contexto e tema; 3º) julgou conveniente citar apenas a letra inicial do primeiro nome dos alunos, a fim dos mesmos não fiquem constrangidos em função de erros mostrados para um público fora da escola onde ocorreu a aplicação do projeto, considerando que outras pessoas, até as de fora do ambiente escolar vão ler esse texto; 4º) cita o erro e o acerto cometido na redação do texto escrito para fins de instrução e comentários para os alunos. Na prática seria assim:

Encontramos, a título de primeiro exemplo, um fragmento de texto sobre inteligência artificial, escrito pelo aluno E:

Não acho que já esteja se tornando mais inteligente que nós, embora eu acho inevitável que um dia ela vá se tornar [mais inteligente que o gênero humano devido sua capacidade de aprendizado e retenção de memória. Não acho que já esteja mais inteligente por estar muito no início.

Aprende-se daqui a seguinte dica: convém evitar a expressão ‘eu acho’ no texto dissertativo. Se por um lado ela pode indicar uma personalidade ou opinião pessoal, por outro, ela é identificada como uma expressão que indica uma opinião espontânea e sem fundamento, o que contraria a proposta de texto, que é produzi-lo com base na leitura, pesquisa e reflexão. Mesmo que o texto dissertativo esteja redigido em primeira pessoa, recomenda-se o ‘parece’.

Do fragmento assim citado, da redação da aluna A:

Convém lembrar que segundo o IBGE, cerca de 16% dos estudantes abandonam a escola. Isso com certeza não aconteceria com tamanha frequência se o acesso de aprendizado fosse mais prazeroso e menos cruel com quem não se encaixa nos padrões de ensino impostos.

Percebe-se uma relação de causa e efeito no fragmento mencionado. Causa e efeito são elementos importantes num parágrafo, pois explicita o mesmo e cria conexões com as demais partes do texto dissertativo, especialmente no texto filosófico. Falou-se do ‘aprendizado prazeroso (causa) gera menor número de abandonos na escola’ (efeito). Dica recomendada: produzir relações de causa e efeito entre os exemplos e os parágrafos, um bom exemplo mostrado pela aluna.

Da mesma aluna A, retiramos outra parte importante:

É necessário um sistema educacional compreensivo com os estudantes. Uma reforma completa no jeito de lidar com os problemas e mais importância para a saúde mental, só então começa a jornada de um ensino com menos desafios.

Segundo a aluna, o problema apontado e criticado no desenvolvimento do texto recebe uma sugestão para ser resolvido. O ENEM³ (), na competência de número 5, chama de proposta de intervenção e utiliza estes termos, recordando que a proposta é importante para completar um texto crítico tanto em códigos em linguagem quanto em ciências humanas e suas tecnologias: Apresentar uma proposta de intervenção para o problema abordado que respeite os direitos humanos. Propor uma intervenção para o problema apresentado pelo tema significa sugerir uma iniciativa que busque, mesmo que minimamente, enfrentá-lo.

No método socrático, sua estrutura literal não teria espaço específico para esta proposta de intervenção. O ideal seria abordar tal proposta dentro de outras partes, como na parte sobre a opinião pessoal, tendo em vista que esta proposta pode ser uma opinião a ser questionada, pois nada é certo, tampouco as opiniões, segundo Sócrates (CRÁTILLO, 2019, p. 40). O quarto autor se chama M:

Eu acho, portanto, que seria ótimo que todos os colegas de classe escrevessem a cada companheiro com a máxima objetividade, tudo o que pensam sobre ele, quais as características positivas e negativas que nele descobriram. Assim, cada estudante receberia de cada colega uma avaliação que os informaria sobre a impressão que causa aos outros estudantes e sobre as atitudes que deveria mudar ou conservar.

A dica que retiramos deste fragmento é a de que se pode fazer elaborações textuais com apontamentos ou notas retiradas do vivido, do lido e posicionar-se criticamente ante a estes fatos vividos apresentados. Perceber-se como autor faz aparecer esta dimensão no seu escrito. Mostra-se capaz de perceber a realidade e transpô-la ao texto como exemplo, contrapondo outro processo que a torna importante na presença como autor de textos.

³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> Acesso em: 26 jun. 2022.

O quinto fragmento de autoria de M e K:

Como diz o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, quanto mais consciência humana, mais eu haverá, quanto mais eu, mais vontade, quanto maior a vontade, maior será a consciência de si próprio' e assim, combatemos o desespero comum na qual o sintomas são ansiedade e depressão. A depressão pode ser considerada doença mental silenciosa e perigosa que quando não tratada de maneira certa pode ser fatal, tornando-se necessário abordar certo diagnóstico e tratamento da doença, além de afetar a rejeição da qualidade de vida.

O texto apresenta citações descontextualizadas, mas é positiva a referência à citação porque as alunas sentiram necessidade de dialogar entre a realidade causante (depressão) e uma ação causada (ansiedade), fenômenos explicados na medicina e em diálogo com a Filosofia, buscando fundamentos filosóficos que as justifiquem, tentando a encontrá-los na citação. Observa-se neste fragmento a questão da citação. As alunas viram a necessidade de realizá-la, trazendo um autor importante para o pensamento ocidental. Também em outra parte da redação, esta ideia demonstra estar mais clara quando elas usam estes termos:

Segundo Kierkegaard, 'delícia e ser o que eu quero ser' e 'ser o eu que eu não quero ser'. Geralmente a depressão está ligada a frustração de não conseguir alcançar seus objetivos. O tratamento é utilizado medicamentos antidepressivos, ir em clínica psicoterapia que serve como base terapêutica, sem largar o tratamento quando achar que tá melhorando.

Um outro exemplo retirado de um fragmento de texto da aluna chamada G. Ela escreveu sobre inteligência artificial:

Eu também acredito que a 2ª afirmação é verdadeira até certo ponto tirando algumas situações como por exemplo na área da saúde, acho que um robô não seria capaz de fazer uma cirurgia em alguém, mas tirando essas situações que eu realmente acho que precise de uma pessoa a inteligência artificial vai conseguir fazer sem problemas.

Três dicas colhemos deste fragmento: considerando a conexão multidisciplinar da filosofia com outras disciplinas de ensino médio, segue-se uma breve correção da parte gramatical, correção esta que poderia ser realizada com o professor ou professora de Língua Portuguesa ou redação em associação como o de filosofia. Ambos podem corrigir juntos os textos, diminuindo o trabalho para ambos os profissionais, facilitando a identificação dos erros tanto quanto em redação, notadamente os pontos contidos no gráfico de evolução da escrita, explicado no capítulo I. Sobre o fragmento citado, as observações sobre os erros são: 1 o número ordinal 2º é recomendado escrever a palavra, pois não trata de uma enumeração;

2 evitar escrever períodos longos. Prefira frases curtas; 3 revisão procurando corrigir a ortografia, pois a palavra ‘precise’ foi escrita com erro.

O próximo fragmento foi produzido pelos alunos A, B. e P. O tema é sobre amizade:

Algumas pessoas consideram que ter amigos é algo de extrema importância para a vida, e valorizam muito quem se tem por perto. Enxergamos que não é algo seletivo, sobre o qual não se busca por interesse. Ser inteligente não é critério para estabelecer uma relação e valor, e de um conselho pode nascer uma ‘grande amizade’. Diante desta opinião corrente, podemos criar uma problematização: é preciso ter amigos ou pessoas próximas? Segundo a filosofia contemporânea e moderna, a solidão e a solidão é algo significativo de poder?

Percebam que produzir uma dissertação com perguntas está estimulando o pensamento para fazer uma boa discussão porque ela direciona para onde segue no texto, nas distribuições dos parágrafos, as possíveis respostas. Torna-se fácil encontrar esta discussão tanto para a pessoa que escreve, quanto para quem lê. Uma dica necessária é formular uma pergunta no início do texto e desenvolver sua resposta. Uma curiosidade importante: os autores claramente seguiram o tipo textual tirado do método dialético socrático, que se inicia com a opinião corrente e depois segue, no parágrafo seguinte, com a problematização.

Ainda outros efeitos do projeto pedagógico. O aluno produziu uma escrita de si junto com outros temas. Escrita de si no contexto desta dissertação é a capacidade de os alunos exporem seus sentimentos pela escrita. É mencionar que passam por necessidades materiais ou estão pessimistas quanto ao futuro como estudantes e ou trabalhadores. Ou manifestam amor ao próximo e desejo de um bom futuro na profissão, no amor, na vida familiar e financeira. No tocante à vida acadêmica, que a filosofia faça sentido intelectual, despertando para a expressão das reflexões dentro de uma criticidade obtida na história da filosofia ocidental e brasileira.

O caminho inicial para expor estes sentimentos são os métodos filosóficos e suas estruturas componentes. O método do filósofo é a porta de entrada do indivíduo para o mundo e para as possibilidades do futuro quando estes nos dão orientações sobre o como escrever.

O desnudamento da ação, fator que acontece na escrita identificável do ser que escreve o faz vivenciar uma experiência com a Filosofia. Escrevemos sobre os efeitos do projeto na vida acadêmica e profissional de um dos protagonistas do projeto pedagógico. Consideramos que carecem algumas formações de focar mais nos princípios teóricos e estratégias em Filosofia sobre produção escrita; escrevemos acerca dos efeitos do projeto para a disciplina que foi correlacionar algumas habilidades e competências do ENEM e da BNCC com os

objetivos gerais do projeto sobre Filosofia Escrita no Ensino Médio. Agora é momento de escrevermos sobre o “Em-si” conhecido através do que escreve.

2.4 O Em-si conhecido através dos escritos

É hora de analisar dissertações sobre temas do existencial humano, ‘temas livres’, como foi escolhido pelos próprios alunos. Nas entrelinhas ou nos períodos encontramos o externar de emoções, liberação de uma energia estressada, um desabafo. Vai também para o papel o tema e a própria emoção, uma fuga da solidão, um meio de visar ou atingir uma saúde emocional. Examinadores destes escritos extraem essas temáticas utilizando experiências de vida, alguns saberes adquiridos com leituras isoladas ou em conversas informais com outros profissionais da área. Ao confrontar experiências e saberes com os textos dos alunos, revela-se um universo repleto de insatisfação com a vida escolar, com os relacionamentos humanos no trabalho, insatisfação com a vida familiar ou financeira.

Os passos apresentados acima não são suficientes para a primeira impressão sobre o aluno. O simples conversar gera uma inibição dos alunos nos aspectos mais específicos de sua vida. Urge muita ‘coragem’ por parte do aluno para falar sobre si para um profissional da escola. Pela escrita direcionada a partir do comando da questão, a pessoa pode encorajar-se já que no escrever reside “um ótimo meio, melhor do que o diálogo, para conhecermos mais profundamente a pessoa, pelo menos enquanto o diálogo não quebrar o rígido esquema pergunta-resposta” (ELL, 1974, p.29). Assim, os textos escritos e entregues ao professor ao final do projeto possuem uma primeira virtude: gozam de uma perpetuidade por estar disponível de maneira impressa. Pode-se ler em qualquer tempo. Depois, para análises mais metodológicas e objetivamente científicas favorecem o aprofundamento de ideias da psicologia o que pode ser um fato notável para quem vai estudar com mais acuidade estas fontes de pesquisa. Uma terceira vantagem diz respeito às personalidades reveladas nos manuscritos, no sentido de que elas norteiam para o docente a produção de exercícios adaptados.

Outro benefício das redações gira em torno dos pais que receberão orientações para encaminhar os filhos para um profissional da psicopedagogia, onde este profissional terá melhores condições para trabalhar a partir de determinada realidade revelada previamente. Por fim, os textos estimulam exercícios interpretativos para os professores e orientadores, pois tais textos são escritos com o emprego de palavras que exigem dos leitores o domínio das

noções de pressuposto e subtendido; o controle da linguagem conotativa, e claro, todos os usos da linguagem que tornam cada texto a expressão das particularidades de cada aluno.

Foi a partir deste trabalho de produção e leitura dos textos dos alunos que esta dissertação se formou. Seguiu-se um pequeno roteiro. Citou-se fragmentos de textos escritos para conhecermos o estilo e o tema presente; foram comentados e identificou-se, então, seus dotes com a escrita. Nos textos de autoria dos alunos os erros de gramática presentes, como concordância, regência e ortografia foram mantidos; foram citados apenas o primeiro nome dos autores, a fim de manter a privacidade da autora. Tais comentários usando de metodologias próprias para extensos trabalhos teóricos não foram abrangidos em função do espaço limitado destinado a este texto. Começemos.

Uma dupla escreveu sobre a importância da companhia de alguém para que o outro se sinta querido:

Desfrutar da própria companhia é um instrumento forte para aqueles que desejam sonhar grande, ter seu autoconhecimento seria um marco inicial importante para seu desenvolvimento intelectual e emocional. A solicitude é a base para a inovação e criatividade, onde podemos nos conhecer e aprender novas habilidades. Solicitude se coloca acima da solidão, pois o ser humano que ama e admira sua pessoa, sempre estará em um patamar mais alto do que os outros. Estudos indicam que adolescentes que não conseguem ficar muito tempo ou até mesmo um minuto sequer sozinhos, são incapazes de liderar um grupo, projetar seu futuro, construir um vínculo com um caráter forte. Todos podem ir longe, mas sem alguém para apoiar, á fracasso, desânimo, um vazio, se tornam menos emocionais. (A & P)

Observa-se que há chances do lamento da ausência de pessoas da família em sua vida. Faltam interesses humanos de pessoas próximas, de conhecidos do aluno. A ausência de alguém para elogiar, consolar, motivar, auxiliar o escrevente nos momentos de dificuldade e ausência de outros possíveis conselheiros, como um amigo próximo. No texto, um desejo do coração ou uma atribuição a quem deveria cuidar do outro e não o faz. Talvez a procura por ser um companheiro ideal. De modo pedagógico e não psicológico, poderíamos conduzir nossas reflexões para um tipo de personalidade que tende à solidão pela ausência do outro.

Neste próximo fragmento, o autor procura caracterizar as ações de alguém que não tem consciência do mundo nem do outro:

Eduardo Marinho fala em uma entrevista que uma pessoa que se declara feliz nesse mundo, ou vive numa bolha de irrealidade, não tem contato com o mundo, vive isolado e pensa que o mundo é um conto de fadas, ou é uma pessoa extremamente egoísta que não se importa nem um pouco com tanto sofrimento. A felicidade parece ser algo momentâneo. (Esqueceu de identificar-se)

Nota-se que o autor deste fragmento faz objeção ao conceito de felicidade. Caso exista, esta aspiração humana encontra-se em outra esfera que não a realidade. E para os que são felizes, estes não são capazes ou não querem compartilhar esta felicidade ou por egoísmo ou por ser algo momentâneo, sendo que, seu compartilhamento permite seu esgotamento. Como que uma fonte que estar a secar se tirada com força toda a água dali. Nosso aluno seria esse da bolha ou ele é vítima de alguém egoísta? Sendo um ou outro, percebemos que o mesmo tem dificuldades com o sentido da vida.

A partir da escrita de nossos alunos, também identificamos suas virtudes intelectivas ou intelectuais. Com isso queremos dizer que o uso da escrita não aparece tão somente como um desabafo ou como uma reclamação, mas incluem juízos sobre os modismos, hábitos corriqueiros. Assim, o próximo texto avalia criticamente o termo lugar do *ser*:

Alguns artistas mesmos famosos, com fãs ao redor do mundo inteiro e obviamente ricos [...] Michael Jackson, o astro do pop Chester Bennington, vocalista do Linkin Park, voz única dentro do rock e dentre outros famosos eram um deles e mesmo assim acabaram tirando a sua própria vida. Não entrando no mérito, mas esses casos e dentre outros dentro e fora do mundo dos famosos nos mostra que nem sempre quem é rico é feliz. Por vezes o dinheiro pode nos proporcionar prazer, comprando algo que sonhamos ter, comendo algo gostoso porém, é algo momentâneo e a felicidade não se limita isso, é um estado de corpo e alma, e o que podemos obter com o dinheiro é um prazer momentâneo, um prazer que não pode ser confundido com felicidade e nem com dinheiro justamente por durar pouco. Para Epicuro, nós devemos fugir do sofrimento próprio e dos próximos para que tenhamos uma vida boa aventurada e de verdadeiro prazer, a felicidade. (G.)

Perceber-se-á que a prática rotineira de refletir sobre temas e escrever fará do aluno redator um bom crítico da vida consumista dos famosos e seus possíveis relacionamentos com a nossa vida cotidiana, vida de mortais e pobres trabalhadores. Interessante o aluno mostrar três conhecimentos e tentar montar uma crítica relacionando-os: a vida das celebridades ricas, onde nem sempre ter dinheiro é sinônimo de felicidade; o mesmo princípio pode valer para os ricos, mas longe do mundo dos famosos; a terceira é conectar essa triste situação da existência humana em diálogo correlacional com a Filosofia, quando o aluno traz a figura de Epicuro para a discussão. No íntimo de sua personalidade aparece a capacidade do exercício da crítica fundamentada em observação e na leitura ou compreensão de fragmentos de autores da Filosofia.

Pode haver uma contradição e um perigo para o jovem se esta análise do examinador não corresponder a manifestação do estudante sobre algumas manifestações sobre si. Desta feita, o examinador pode assumir a vez do destruidor do sujeito porque os seus poucos dados

sobre seu mundo interior provêm de um texto e, sendo toda interpretação sujeita à subjetividade do intérprete ao dado revelado pelo interpretado, pode-se atribuir ao interpretado uma característica não de si, não do que se revela, mas do que o outrem construiu.

Esta interpretação proveniente dos textos dos alunos, sondando suas possibilidades com a escrita e o debate são tarefas sensíveis que o professor deve dominar bem, com fins de manter um diálogo fértil com o mundo vivido em uma escola pública. Para que dê bons frutos, como há de ser um bom texto ao evitar os improvisos, o professor deve estar preparado com a experiência aliada à boa formação continuada na área de Ensino de Filosofia.

Continuando nossa análise, passamos a expor alguns textos inteiros. Neste primeiro não colocamos os fichamentos desenvolvidos previamente. Em geral, fatores sobre suas vidas e anseios estão presentes.

Por que incomoda tanto a sociedade o estilo, a raça, orientação sexual ou estética corporal que uma pessoa tem o direito de ser ou de escolher?

O principal motivo que leva a felicidade das pessoas no nosso mundo é a liberdade de serem quem eles quiserem ser, serem gays ou heteros, adorarem outros deuses ou deusas, não importa, a felicidade é baseada na liberdade, mas também é baseada na coragem de poder adorar seu deus, e cultuar sua fé, na beleza de ser um homem ou uma mulher negra, no orgulho de seu cabelo e acima de tudo, ser simplesmente feliz consigo mesmo tendo uma alegria e um orgulho de si mesmo acima de tudo.

Entretanto, nem tudo pode parecer um “mar de rosas”, de acordo com dados registrados por repletas organizações mundiais o número de mortes de LGBTQIA+ aumentam a cada minuto, assim também o número de negros e mulheres. Vivemos em um país aonde não é suficiente as leis de proteção, sendo que a própria população já tem esse preconceito instalado na pele, um erro horrível.

O respeito é a única forma de trazer a segurança que essas pessoas precisam, apenas isso pode trazer a paz, até lá ainda terá muita resistência é lutar para que todos possam viver uma vida de total igualdade e união, sendo todos humanos, independentemente da raça, cor, religião ou orientação sexual, seremos todos da mesma natureza.

Analisando esta composição, percebe-se o posicionamento da pergunta como tópico frasal encaminha o texto para uma estrutura rapidamente compreensível. O parágrafo terceiro anula com a morte e insuficiência de leis toda liberdade existente no mundo e descrita no parágrafo segundo. É uma estratégia que realmente remonta a Hegel, como informamos sobre seu método contido na página 64 desta dissertação. O aperfeiçoamento do texto, seu enriquecimento argumentativo virá com o ‘chá de gaveta’ que aludimos na página 89, sinônimo desta expressão vocabular chama-se reescrita. Não se exigiu atribuição de um título e o uso do método hegeliano com elementos de seu contexto histórico permite-nos afirmar

que os estudantes são incentivados a colocar os cinco sentidos em ação e se conectar com o ambiente e as pessoas ao redor, função muito comum nos jovens da atualidade. A dissertação atenderia às exigências do ENEM, especialmente no último parágrafo, onde o aluno propôs intervenções (respeito e lutas para trazer segurança) como solução aos problemas apresentados no parágrafo 3.

No próximo texto achamos conveniente colocar o fichamento para que o amigo leitor sinta o projeto na sua essência, projeto esse, modestamente, consiste em escolher um tema (1º passo), produzir o fichamento de um texto da atualidade e de um texto de filósofos (2º e 3º passos) e fazer uma redação e sua reescrita usando os comentários presentes no fichamento (4º e 5º passos).

Centro de Ensino Médio 05 de Taguatinga		
PROFESSOR: Marcelo Lima Neves		DATA:23/11/2021
ALUNO(A): M. *****		SÉRIE/TURMA: 2H
BIBLIOGRAFIA: Pollo - Vagalumes. Disponível em: www.vagalume.com.br Acesso: 23 nov. 2021.		
CITAÇÃO-TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIO
<i>“Vou escrever mais de um milhão de canções Pra você ouvir Que meu amor é teu Teu sorriso me faz sorrir,” “Não cabe tanta saudade Essa verdade nua e crua;”</i>	Escrever/ canções/ ouvir/amor/ teu/ sorrir. Saudade/ verdade.	É uma forma que o autor da música achou para pontuar seu amor, de forma que poucos fariam. A saudade sentida ao estar longe de quem ama é terrível
<i>“E me abraça que o tempo não passa Quando cê tá perto;” Abraça/</i>	passa/perto	Quando se está perto de quem ama é fácil perder a noção do tempo.

BIBLIOGRAFIA: As coisas que chamamos de amor – Friedrich Nietzsche. Disponível em: www.mundopoliamoroso.wordpress.com Acesso: 23 nov. 2021.		
CITAÇÃO-TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIO-DEGUSTAÇÃO
<i>“se considerarmos, por fim, que para o amante todo o resto do mundo parece</i>	Amante/ resto/ pálido	Ao amar todo o resto perde o brilho perante a quem amamos.

<i>indiferente, pálido, sem valor,”</i>		
<i>“que também chama de “amor” ao desejo de uma nova posse que nele é avivado, e que nela tem prazer semelhante ao de uma nova conquista iminente;”</i>	Amor/ posse/ avivado/ conquista	A diferença entre amor, posse e prazer é uma grande conquista a se ter
<i>“e voltamos a estender os braços; ainda a mais bela paisagem não estará certa do nosso amor,”</i>	Estender / paisagem/ amor	Apesar de ainda aceitarmos amarmos sempre há certeza nessa decisão

Fonte: elaborado pela autora.

Dissertação sobre amor.

Algumas pessoas tem em seu entendimento popular, ou em seu cotidiano existencial afirmariam: O amor é uma faca de dois gumes onde ou você se afunda, ou afundaria outra pessoa. O critério de seleção é importante, entretanto, inteligência e confiança são riquezas necessárias, em suas seguintes ou escolhas anteriores.

Diante da opinião popular, questionamos: como a condição desse conceito de forma favorável torna uma mulher jovem mais confiante que um homem também jovem, em outros termos; a situação contrária?

Dois exemplos mostram que o ato de amar nos traz condições que influenciam a visão do mundo, e suas escolhas em favor dos relacionamentos jovens. Encontramos no livro As coisas que chamamos de amor, de Friedrich Nietzsche, versos assim: **“se considerarmos, por fim, que para o amante todo o resto do mundo parece indiferente, pálido, sem valor.”** É fácil perder se nas sensações a ponto de fazer esquecer o tudo ao redor com facilidade. Estar acompanhado com seu amor juvenil se torna algo bom demais para prestar atenção em outras coisas. Porém, **“que também chama de “amor” ao desejo de uma nova posse que nele é avivado, e que nela tem prazer semelhante ao de uma nova conquista iminente;”** Posse ou prazer podem ou não dar espaço a dúvida constante no relacionamento. .

É amor?, Se encontra esse obstáculo no texto. Friedrich coloca como uma experiência maravilhosa que pode nos de novo **“e voltamos a estender os braços; ainda a mais bela paisagem não estará certa do nosso amor.”** Segundo o texto é duvidoso, uma estrada incerta, mas ainda sim rica em conhecimentos sendo seguida apenas por escolhas próprias, algo que certamente molda o caráter mas pode machucar se for com a pessoa errada.

Concluimos então a riqueza da parte jovem no amor esta situada em uma. Todavia, a inteligência geraria a decisão mais segura aos envolvidos, na busca a felicidade verdadeira.

O fichamento contém erros de formatação, o que dificulta sua consulta, como veremos nas páginas 73 a 76. Mas a aluna foi uma ‘Sherazade’, pois descobriu o encantamento e a sabedoria do projeto. A parte em destaque (negrito) é do original entregue. É perceptível que a aluna quis chamar a atenção, informando que aquelas partes são as mesmas provenientes dos comentários dos fichamentos. O gênero textual dissertativo foi adaptado do método socrático e ainda que tenha bastante erro de ortografia e gramática, o texto é notável porque aparecem perguntas, opiniões, citações e o tema presente na vida humana que é o amor, que segundo ela, é uma opção na vida dos indivíduos vividos confortavelmente quando se decide por ele de maneira inteligente.

O texto a seguir volta-se para o universo da filosofia. L., o autor, optou como modelo de argumentação o método tomista. Faltou algumas partes para que chegasse ao nível da

argumentação do aquinate. Fica a observação de que os métodos filosóficos conduzidos a gêneros textuais dissertativos enriquecem a variabilidade de estilos de escrita, o que é bom para a exposição de ideias.

BIBLIOGRAFIA: mundoeducacao.uol.com.br/filosofia. Tema: História da filosofia.		
CITAÇÃO-TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIO-DEGUSTAÇÃO
<i>“Em momentos diversos da história, muitos pensadores tentaram responder à pergunta “o que é filosofia?”</i>	Pergunta filosofia pensar pensadores	Ficar se perguntando, duvidando sobre as coisas é um bom meio de chegar a uma resposta
<i>“Pensar e agir que nos conduz a questionar racionalmente a nós mesmos e o que se constrói como resultado das ações”.</i>	questionar opinião problema resposta construir	A filosofia é algo muito maior do que opiniões.
<i>“Empédocles e outros deixaram de aceitar as explicações baseadas em deuses e heróis para investigar a natureza (o conceito em grego é physis) em busca de princípios que explicassem o todo da realidade.”</i>	mitos natureza mudar realidade	Filósofos que se baseiam muito nos deuses gregos, acabavam muitas vezes de enxergar uma outra realidade
<i>“O tempo que uma pessoa passa rindo é o tempo que passa com os Deuses.” -Homero</i>	felicidade deuses	Ele fala que os deuses que te proporcionam boas emoções, te fazem um bem-estar
<i>“A dúvida é o princípio da sabedoria.” -Aristóteles</i>	dúvida sabedoria	Sempre se questionar para distinguir o certo do errado
<i>“A humildade faz o homem tornar-se capaz de Deus.” -São Tomás de Aquino</i>	humildade amor	Quanto mais puro seu coração, mais Deus se aproxima.
<i>“O destino baralha as cartas, e nós jogamos.” -John Locke</i>	pensamentos ações	Nossas escolhas do agora vão refletir no nosso futuro.
<i>“Sempre considere as ações dos homens como as melhores intérpretes dos seus pensamentos.” -Arthur Schopenhauer.</i>	destino escolhas	Perceber como uma pessoa é através de seus pensamentos, como por exemplo se ela é uma pessoa ignorante ou humilde.

Fonte: elaborado pelo autor

A filosofia foi sempre importante para a humanidade, ajudando na criação de novos pensamentos a cada tempo que se passava, e durante ao passar dos anos, pontos de vista diferentes foram criados para tentar explicar a realidade, o mundo, a nós mesmos, se precisamos ou não de um ser divino, o porquê de nossas ações, nossa maneira de agir e pensar. Os tempos da filosofia são: filosofia antiga, filosofia medieval, filosofia moderna e filosofia contemporânea.

Na filosofia pré-socrática, os pensadores acreditavam que o mundo se originava dos elementos naturais como a água, fogo, ar e terra, acreditavam também na total existência de seres mitológicos e se baseavam neles para estruturar seu modo de pensar e seu modo de viver, como por exemplo o Homero que dizia “O tempo que uma pessoa passa rindo é o tempo que passa com os Deuses”, dando a ideia de que os deuses que faziam as pessoas mais felizes. E enquanto esses filósofos gregos pensavam que a causa do mundo é o ar, o fogo, a terra e a água, os indianos já falavam que a causa da experiência é substância mental, a causa da percepção da realidade é o ponto de vista, analisando de certa forma dá a entender que os indianos estavam de certa forma mais avançados na filosofia na questão sobre a origem essencial das coisas, porque pensando desse jeito e mais complexo de entender as coisas.

Mais tarde houve conflitos em diferentes épocas, na filosofia medieval o pensamento predominante era sobre a existência de Deus, enquanto mais tarde no iluminismo eles vieram para refutar essa existência de Ser supremo. Mas o interessante é que esses polos de pensamento, e esses diferentes filósofos podem usar de um conselho só de um pensador antigo, como por exemplo o Aristóteles que fala: “A dúvida é o princípio da sabedoria,” mas às vezes modificando e interpretado de maneiras de diferentes, gerando maneiras diferentes de pensar. “O destino baralha as cartas, e nós jogamos” de John Locke, na filosofia moderna onde existia o empirismo, dando uma grande importância a razão nessa época retornaram ao pensamento clássico, dos gregos, tendo o humano como centro das reflexões, vindo desse período também o romantismo e o iluminismo. Por último chega à filosofia contemporânea, com a experiência estética, hermenêutica, pragmatismo entre outros, questionando a validade do conhecimento, a ideia de verdade e a tradição filosófica. E como nesse período houve guerras e desigualdades sociais, revelando as “crises do homem contemporâneo”, e um dos principais pensadores dessa época era Karl Marx que criticava o idealismo.

Portanto, o conhecimento e a capacidade de pensar são umas das dádivas que o ser humano tem, com o passar do tempo idéias são lapidadas, melhoradas de pouco em pouco, como se fosse um processo evolutivo, gerando mais e mais pensadores que ajudam a sociedade com seus problemas. O conhecimento nunca pode ser jogado fora, nem mesmo se for uma ideia ruim, a partir dela algo novo pode ser criado, é como a seguinte frase diz, “se você quer mudar a sua realidade, mude o jeito que você enxerga ela”.

O autor intitulou o texto e ele faz uma revisão de algumas ideias de vultos que compõem o pensamento filosófico universal. Mesmo fora dos métodos filosóficos adaptados (tendo em vista que ele manifestou o gênero textual inspirado na argumentação de Tomás de Aquino) o autor desenvolve bem sua exposição. Seu texto revela um interesse acadêmico diferenciado pela Filosofia e pela forma de exposição da redação, é um destaque positivo pela inteligência e entendimento da proposta do projeto.

2.5 O Em-si conhecido através dos outros

O projeto trouxe para melhor aproveitamento, uma estratégia visando conhecer e ajudar o aluno em suas necessidades de estudantes. Acreditamos que os textos entregues como encerramento do projeto revelam pequena parte daquilo que os alunos são. São estes escritos parte do espelho mostrado em palavras. Além do mais, é uma forma de fazer cumprir um princípio importante para a vida acadêmica do docente, lembrado aqui nas palavras de Nérici (1956, p.11): “Além do conhecimento de sua disciplina, e sólida cultura geral, deve ter

seguros conhecimentos de psicologia do adolescente”. São as impressões que colhemos durante a prática do projeto para determinar que é esse ‘Em-si’. Lidos e interpretados os textos produzidos pelos alunos durante a aplicação do projeto, a fim de identificar algumas dificuldades, mas também virtudes no exercício da escrita. A importância de saber quem é o aluno, o ‘Em-si’ se justifica frente a alguns pontos: i) do que adianta o estimado aluno ser conhecido pelo nome, pela presença em sala de aula, se não se sabe quem ele é de uma maneira mais satisfatória, como estudante organizado, comprometido, que tenha as habilidades para o conhecer, habilidades exigidas no processo de ensino e aprendizagem que se seguirá? Quais são suas tendências como leitores e escritores, suas possibilidades para o filosofar como estudante de filosofia? Perguntas que devem ser feitas aos alunos. Como professor indagamos: quem é este ser racional que está em nossa frente e que queremos apresentar algumas circunstâncias da filosofia? Que tipo de estudante temos em sala? Aplicados, interessados, quais personalidades? Sabe-se que métodos uniformes de ensino, concebidos de antemão para todos os educandos, não atingem o âmago dos jovens.

Em sala de aula, lidando com esses jovens cheios de jeitos, qualidades e chatices, perguntamos como conhecemos um pouco o jovem estudante que ocupa um banco de sala de aula? Como fazer para ele e ela conhecerem mais a si mesmos tendo como ajuda o olhar, o empenho do outro e levá-lo ao bom termo na escrita na filosofia? Através de técnicas de arguição, perguntas, ou seja, com a presença da Filosofia. O auxílio de outras técnicas expositivas e experiência de vida dos alunos colaboram. Os testes podem ser feitos a partir de questões elaboradas com enunciados que apresentam os elementos fundamentais do caráter da vida humana. Muitas vezes, esses testes fazem a função de atividade terapêutica, para evitar posturas dogmáticas, conduzindo-se para uma visão caleidoscópica de mundo. A participação do educando faz-se pelo marcar o que ele acha, no teste, os itens que apresentam ou conceituam o que faz parte de sua vida. Os testes podem ao contrário do enunciado anterior, serem dotados de regras próprias, não sendo um vale tudo e que possibilitam o entendimento e a comunicação entre os seus praticantes. Tais exames provocam com seus resultados uma conclusão mais objetiva das informações que precisa revelar.

Como as atividades de escritas exigidas aos alunos funcionaram semelhante a um escrever direta ou indiretamente quem é o que escreve, o professor, na elaboração da avaliação e na construção de parcerias com outros auxiliares no processo de correção e apreciação dos textos e o aluno na produção e empenho de escrita firmaram essa parceria, chegando a informações relevantes como domínio do conteúdo básico de história da filosofia, suas subáreas conceituadas mais comuns e conhecimentos de estratégias em filosofia como

são os debates e a escrita. Nérici (1956, p. 153), citando Luiz Alves de Mato, reforça que o rendimento escolar, aspecto que é avaliado nas provas, e de fato vivenciamos isto em sala de aula quando se transmite e discute saberes da Filosofia, é a soma de resultados obtidos pelos alunos mediante o processo da aprendizagem de conteúdo e de contextos da personalidade. Os resultados são as transformações operadas no pensamento, na linguagem, no sentimento e na maneira de agir, resultados esses operados na personalidade dos estudantes. Continua Nérici (1956, p. 157), “Essas transformações que desde o início constituem os legítimos objetivos visados pelo professor, devem emergir no final do processo de aprendizagem como aquisições definitivas, incorporadas pelos alunos na textura de sua personalidade”. A passagem significa incorporar na sua personalidade os saberes, fazendo querer bom uso dela quando necessário.

A psicologia do desenvolvimento, uma das ciências aliadas à pedagogia, é auxílio para as tarefas da escola e traz elementos próprios e técnicas já consagradas para compreender as ações afetivas dos alunos. Essa ciência faz uso de várias estratégias de sondagem para conhecer os alunos, tais como questionários, entrevistas, relatórios médicos, atividades diagnósticas. No fundo, o que está por trás desta simples ação de conhecer mais os sujeitos, é o conhecer-se, a descoberta de si como sujeito pertencente a um mundo plural, favorecendo, nessa vivência com o mundo, uma aproximação maior do campo cognitivo para acompanhar as evoluções após as descobertas de si ou ações de descobertas em torno da afetividade. A psicologia do desenvolvimento pode ser uma ferramenta de estudo profundo sobre a juventude na escola. A segurança desta nota acadêmica é confirmada, por exemplo, em duas autoras brasileiras Davis e Oliveira (1994, p. 13):

Por intermédio da Psicologia do Desenvolvimento é possível constatar que as manifestações complexas das atividades psíquicas no adulto são frutos de uma longa caminhada. Daí a importância desta disciplina para a Pedagogia: subsidiar a organização das condições para a aprendizagem infantil, de modo que se possa ativar, na criança, processos internos de desenvolvimento, os quais, por sua vez, serão transformados em aquisições.

Eunice Soriano de Alencar (1988, p.20) acrescenta um ponto importante, além da já consagrada busca pela objetividade científica que deve permear estes estudos sobre comportamentos humanos: deixar ausente os sentimentos e inclinações pessoais, para não cair em preferências, e, como consequência, perda da objetividade:

Há duas características básicas da abordagem científica que somente foram utilizadas pelo homem muito recentemente, para estudar o comportamento. A primeira delas é a objetividade. Este aspecto é de importância

fundamental. Ele diz respeito ao fato de que o problema selecionado pelo cientista seja investigado de uma maneira objetiva, independente de seus sentimentos e inclinações pessoais de modo que possa ser independentemente verificado por outros cientistas. Esta objetividade requer que o estudioso mantenha uma certa distância dos fatos sob observação, de modo a não se deixar influenciar por preferências ou preconceitos pessoais.

Davis e Oliveira (1990), autoras deste clássico introdutório da psicologia educacional intitulado *Psicologia na educação*, sugerem que em nós as manifestações, e as explosões de sentimentos e tudo que é carga psicológica não se introduzem como um único momento de experiência. Somos aquela velha 'tábula rasa', onde se anotam nossas experiências cotidianas e com o avanço do tempo, acumulamos as vastas e complexas experiências. As experiências com o saber em escolas são aquisições que as pessoas levarão para o resto de suas vidas. O trecho também sugere como pode ser um estudo comparativo, realizado da observação feita nos adultos, partindo para a compreensão do comportamento das crianças e, por analogia, nos adolescentes.

Os principais métodos utilizados nos estudos de uma psicologia comportamental são os métodos experimental, o método correlacional e o clínico. Todos aptos para o uso no espaço escolar:

No método experimental, o pesquisador manipula uma ou mais variáveis independentes e controla certas variáveis estranhas que poderão influir nos resultados. [...] O segundo método utilizado em pesquisas em Psicologia é o método correlacional. Este é utilizado quando o pesquisador não tem condições de introduzir e manipular a variável independente, mas condições de observar duas ou mais variáveis, tal qual ocorrem na realidade e, então, verificar a extensão em que uma muda quando a outra muda. [...] O método clínico e o de observação sistemática são exemplos de outros métodos utilizados em pesquisa. Como nos demais, cada um desses tem suas vantagens e limitações e a utilização de um método particular vai depender da natureza do problema a ser investigado (ALENCAR, 1986, p. 39-40).

Eunice Soriano responde resumidamente o modo com que cada método procede. O pesquisador é uma pessoa de dentro do sistema organizacional das ciências. Motivações diversas fazem com que opte por investigar uma área específica do vasto campo, delimitando o método. A citação e os campos próprios de cada um dos três métodos implicam apresentar uma multiplicidade de doutrinas sobre um ponto que precisaria ser universal, pois em muitos lugares as situações corriqueiras em sala de aula só têm lugares diferentes, mas os problemas que se multiplicam são iguais, demandando métodos iguais ou diferentes em atuações simultâneas.

Mais recentemente, Edmund Husserl (1859-1938), um dos fundadores do método fenomenológico, reformulou a pesquisa em psicologia após constatar incoerências na metodologia e no trato com o sujeito pesquisado. Considerava as ciências psicológicas e seus desdobramentos num contexto preciso do século XX um saber cheio de psicologismos, demasiadamente positivista e empírica, algo impróprio e não mais eficiente, custando tanto, para alguns setores da psicologia atual. Em resumo, Nunes (2002, p.88) resume as intenções de Husserl com seu método fenomenológico:

Suas descobertas, seus métodos, ainda que provisórios, provocam o bom avanço das ciências psicológicas, pedagógicas, sociológicas. Para atingir este grandioso e correto feito precisa apreender de forma pura as essências que revelamos além de procurar escrever a experiência total do indivíduo. Não aspiração apenas, mas realização.

“Escrever a experiência total do indivíduo”. O que significa isso? Textos redigidos pelos alunos podem não ter a experiência total de si, mas somente alguns saberes. Por isso, a escrita contém essa experiência implícita ou explícita dos problemas humanos. Entende-se como escrita de si a abordagem filosófica, via texto, produzido sob orientação do professor, da vida intelectual, da personalidade combinados em reflexões produzidas e ilustradas. Além de ser via texto, pode ser em outras modalidades de produção artística, como uma pintura, uma música, uma dança etc. Aqui, como a referência é a escrita, ela é a produção final que apresenta a técnica usada, os estudos realizados bem como os jeitos, manias presentes na pessoa do redator, dando à escrita de si um significado explicativo e claro de si para o entendimento do público leitor. A escrita em si também é uma experiência que, bem iniciada desde tenra idade como se pode fazer hoje com os alunos de ensino médio, dará bons frutos mais à frente, numa experiência mais acadêmica e global com a palavra, tanto com relação a problematizações, esclarecimentos de teorias ou reflexões escritas, como produção de obras clássicas escritas.

Na História da Filosofia abundam exemplos que comprovam como a escrita e a reflexão filosófica, estimulada e bem conduzida em jovens alunos geram ótimos escritores, favorece o gosto e a paixão pela escrita com sua personalidade impressa. Costa (2014, p.16-19) relata o talento de Agostinho de Hipona, por exemplo, para a escrita a partir dos 19 anos. Foi com 16 anos que o encaminharam para Cartago, para iniciar seus estudos superiores. Este grande filósofo e bispo da Igreja Católica, quando leu o livro Hortêncio, do filósofo Cícero (106 a.C.-43 a.C.), e sob influência de toda uma cultura ocidental obtida com a leitura e reflexões de nomes como Platão (428-348 a.C.) e Plotino (204-270) e outros

autores ligados à retórica e à produção religiosa, projetou analogias para expressar melhor sua crença na religião e na filosofia. Seguiu-se, após a leitura e descoberta de outras sabedorias, o processo de escrita, ainda jovem, das obras intituladas ‘da juventude’ ou ‘diálogos filosóficos de Cassiciaco’ que foram: *Contra Acadêmicos*, *Sobre a Vida Feliz*, *Sobre a Ordem e Solilóquios*. Resultado de toda a preparação para a escrita filosofante de si e dos problemas enfrentados desde a sua juventude.

Rousseau, numa premiada tradução feita pela professora Fúlvia Maria Luiza Moretto (ROUSSEAU, 1995), de cuja introdução tiramos as afirmações que seguem, é um outro grande teórico do caminhar constante para dentro de si mesmo pela atitude filosofante e seu registro pela escrita. A obra ‘Os devaneios de um caminhante solitário’, dividida em ‘caminhadas’ no lugar de capítulos, apresenta o que é estudar a si mesmo e gozar o sentimento de sua própria existência. Com obras da magnitude de *Confissões*, *Diálogos*, *Emílio e Contrato Social*, Rousseau, mesmo aos 65 anos, mas a imaginação ainda fértil como a de uma criança, chegava ao ponto de: “Algumas vezes meus devaneios acabam pela meditação, mais frequentemente minhas meditações acabam pelo devaneio, e durante tais divagações, minha alma vagueia e plana no universo sobre as asas da imaginação, em êxtase que ultrapassam qualquer gozo” (ROUSSEAU, 1995, p. 12). Que sensação de liberdade e de criação de pensamento e escrita; o criar, o registrar esses momentos querendo sua perpetuação na história da cultura.

Kierkegaard, outro exemplo dentre tantos possíveis, apresenta como um simples diário pode tornar-se um brilhante estudo sobre escrita, sobre personalidade e sobre o conhecimento de um período histórico. Os passos dados para esse escrever, foram dados pelo próprio existir. É sua vida como filósofo que encontramos em ‘Diário de um Sedutor’, ‘Matrimônio’, ‘Migalhas Filosóficas de João Clímacus’, ‘Temor e Tremor’ e outras. No lugar do caderno de sala, com fins de ter uma experiência intelectual nos moldes do Kierkegaard, o aluno do Ensino Médio é convidado a ter um diário de estudante, como o *Diário de um sedutor*. Os componentes chave deste diário encontram-se distribuídos pela leitura da obra. É um convite, ou melhor, uma dica do próprio Kierkegaard para que no diário tenha colagens de materiais complementares, tais como textos, gravuras, além, claro, dos relatos de vida. Um diário filosófico pode ser construído com frases de efeitos ou ditos dos filósofos e, ao fim, servir como estratégia de ensino e avaliação.

Considere agora que as observações retiradas dos textos escritos de si são incompletas ou não conclusivas; não informam minimamente as virtudes e dificuldades intelectuais e personalistas do ‘Em-si’ que quer aprender escrita na filosofia. A disciplina não conseguiu

conhecê-lo minimamente. O que fazer? A primeira providência é buscar as dicas do serviço de orientação da escola. O chamado Serviço de Orientação Estudantil (SOE) atendem alunos em situação ‘normal’ e os especiais. A sala de recursos (espaço para os alunos especiais, que possuem déficits como TDAH, DI, autismo etc.) contribui com orientações e atividades com os alunos especiais. As professoras e os professores destes espaços sabem de informações que auxiliam, completam as nossas informações obtidas a partir da coleta dos textos, produzidos a partir de atividades de Filosofia, gerando um leque de informações mais seguras.

Um outro passo sugerido é o filósofo-educador recorrer à observação e anotações específicas que eles fazem em sala, atualizando-as sempre que necessário. Assim como Tales de Mileto e outros pré-socráticos começaram, em épocas remotas, o processo de filosofar através da observação atenta do que estava em seu redor, indica-se essa postura eficiente nos dias atuais, para estas situações concretas com os alunos, pois eles preenchem o todo do lugar da escola onde estamos.

Terceira dica consiste em recorrer aos responsáveis dos alunos através de atendimentos individualizados no contraturno ou em outros momentos convenientes. Para alunos que exigem atividades adaptadas por serem especiais, apresentação de cópia de laudo médico atestando as dificuldades é importante para assegurar o direito legal a essas atividades, que são sempre desafiadoras para o professor a sua preparação e aplicação, notadamente se for atividade escrita. Quarto momento é contar com obras de estudiosos da área: psicopedagogos, psicólogos, orientadores. Profissionais que trabalharam com a escrita e a análise de pessoas com fins de melhor orientá-las para os desafios e sentidos da vida.

3 A RESPOSTA À INTERPELAÇÃO DO PROJETO

Uma pergunta se impõe como contraponto a tudo que foi escrito até agora sobre as capacidades dos textos dos alunos, da BNCC e do ENEM e dos objetivos de aulas do professor da disciplina trazerem esta sabedoria para a sala de aula com estratégias para construções textuais: ancorar-se em métodos ou em objetivos propostos por terceiros não fere a liberdade na escrita, tendo em vista ser a escrita uma produção tão despojada, tão ‘a cara do autor’?

A resposta aponta que a ida da escrita ao passado, absorvendo ideias, temas, soluções, problemas, contrapontos implica uma busca nos escritos, nos ensinamentos de filósofos atuais ou do passado para entender como foi a resolução de uma questão, o histórico de uma situação problemática, uma inquietação. Podemos vivenciar esta experiência nos dias atuais se voltarmos aos temas e problemas da Filosofia, familiarizar-se com eles, favorece discussões com alunos no universo do ensino de filosofia, ler os originais escritos tornando-se uma das chaves para compreensão de questionamentos e problemas atuais. É o que nos dizem nestes termos, Ramos (2007, p. 104):

Mesmo o autor, quando desenvolve sua escrita, revela uma ótica sustentada pela visão filosófico-histórica de seu mundo, e é sob o ponto de vista de uma determinada filosofia que a obra se mantém. Entre vários exemplos, temos Dante (1265-1321), que relacionou a escolástica à Divina comédia (1307), e Lucrecio (c. 98 e 55 a.C.), “que integrou o atomismo de Leucipo (c.500 a.C.), Demócrito (c. 460-370 a.C.) e Epicuro (341-271 a.C.) ao De Rerum Natura” (id., ibid., p. 293). A esses, Benedito Nunes acrescenta o nome de Goethe (1749-1832), que, ao escrever o seu Fausto (1806 e 1832), incorporou “o panteísmo de Giordano Bruno, o monismo de Spinoza, as mônadas de Leibniz, a idéia estética de Kant e a intuição racional de Fichte” (id., ibid.). E o crítico continua sua exposição, incluindo importantes obras do passado em que essas recorrências são inúmeras. Segundo ele, quando delas nos aproximamos, podemos apreender “uma predisposição filosófica, do mesmo modo que, inversa e complementarmente, filosofias se nos apresentam com acentuado viés literário, a exemplo das filosofias, já em nossa época, de Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty (1908-1961).

Além disso, no texto em destaque, a ação de específicas estratégias elaboradas no passado da Filosofia, aproveitando uma temática proposta ou fazendo correlações de termos com fins de atingir um retorno temático atual ao já produzido por outros professores e/ou diferentes autores e filósofos nos momentos plurais da nossa existência é um procedimento válido para escrever, pois é um processo autônomo, livre para quem o faz. A procura destes temas, pontos do saber elaborado e refletido por outros é constantemente realizado em todas as épocas, acontecendo, assim, um retorno ao produzido, ora como estudo para a produção e

reflexão, confirmando novas teses ou possibilidades ou estabelecendo apenas uma mera cópia de procedimentos.

Entretantes, a obrigação de quem retorna ao produzido é fazer um novo saber para compensar o retorno ao usado e justificar esse retorno com a produção de algo original. Não basta apenas o retomar ideias. Precisa-se restabelecer uma conexão entre o passado e o presente. Isto porque os temas, distribuídos em subáreas da Filosofia, são variados. Numa restrição clássica, giram em torno da ética, da teoria do conhecimento, da filosofia política, da filosofia da arte, da metafísica, da lógica e da história da filosofia. Outras subáreas poderiam ser acrescentadas dentro do limite de tempo de trabalho e de aula.

Um exemplo de retorno ao passado da Filosofia para compreender e aperfeiçoar esses saberes produzidos acontece na teoria atômica. Demócrito (460 a.C.-370 a.C.) formulou um conceito inicial para a palavra Átomo, conceituando-o como uma partícula muito pequena e indivisível; John Dalton (1766-1844) introduziu a doutrina do atomística no século XVIII mantendo algumas informações frutos de heranças do passado; Ernest Rutherford (1871-1937) avança estudos sobre atomística, descobrindo o núcleo do átomo; finalmente Niels Bohr (1885-1962) aperfeiçoou os estudos de Rutherford, acrescentando às teses sobre os átomos novos saberes denominados de física quântica.

Outra situação de volta ao passado, absorver saberes e transformá-los em outros saberes: Monteiro (2004, p.19-25) apresenta algumas características importantes que fizeram o Renascimento e o Humanismo (duraram entre os anos de 1300 e 1600) uma manifestação cultural de grande significado para aquela época. O Humanismo renascentista primou pela liberdade de ideias; busca da igualdade entre os seres humanos; reconhecimento a diversidade pessoal e cultural; criação de novos instrumentos para dominar a natureza e melhorar a vida humana; ressuscitou um passado caro à cultura humana retornando os clássicos gregos e romanos. Hoje, a autora faz uma correlação entre aqueles anos de 1300 a 1600 com os dias atuais, refletindo que neste resgate histórico deve o gênero humano, por semelhança com o passado, repetir as potencialidades e competências nos dias atuais; preocupar-se com a vida e posição de ser humano no mundo; valorização de si mesmo como indivíduo; favorecer a autonomia de pensamento e o desejo de aprender, tudo isto com vistas à atualidade, numa releitura construtiva e associativa. A autora correlaciona essa volta ao passado em concordância com a visão de presente educacional, trazendo um autor brasileiro mundialmente conhecido: o educador Paulo Freire (1921-1997). Com o olhar no humanismo do passado pós-Idade Média, o homem em Paulo Freire, é um projeto inacabado, destinado a captar a realidade, conhecê-la e transformá-la. Esse homem projeto dá estes passos precisos e

obrigatórios através da educação como prática de liberdade. Este homem projeto significa uma extensão desdobrável a todos os estudantes em todos os gêneros.

Durante o processo de avaliação das vivências do projeto, discussão feita em sala de aula, um aluno suscitou a seguinte questão: “erros e acertos dos textos dos alunos de um lado; habilidades e competências do ENEM e da BNCC e seus critérios temperamentais ou personalísticos com visibilidade nos textos que se escreve. A presença de tantos processos para a produção da escrita em filosofia não é muitos processos para serem considerados?”. Tantos passos e tantas regras e dicas para nossa cabecinha de alunos de ensino médio que só desejamos concluí-lo para viver livre deste espaço escolar que muitas vezes é uma esfera asfixiante tão perigosa como uma câmara de gás ou algo apavorante? Não é ritualizar demais o discurso para uma redação de ensino médio em filosofia? Ficamos reflexivos sobre esta indagação e nós, nos fazendo pensar sobre umas palavras de Foucault (1999, p. 44-45) quando relativiza a produção de discursos usando esses termos:

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? Que é uma ‘escritura’ (a dos ‘escritores’) senão um sistema semelhante de sujeição, que toma formas um pouco diferentes, mas cujos grandes planos são análogos?

A isto respondeu-se o seguinte: precisamos ‘vender’ a filosofia pelo preço que ela tem. Ela é um tipo de conhecimento que custou séculos de raciocínio, investigação e experiências as mais diversas. Ela é um saber sistemático; lógico sistemático. Seguramente, a filosofia foi uma produção intelectual, e, séculos após seu início, ainda o é. Ela não é feita frouxamente, produzida sob os olhares do qualquer jeito e considerando o que os filósofos achavam. Existe, sim, com impossibilidade radical de não existir, uma razão instrumental penhor dos indivíduos humanos por trás de sua produção secular, razão essa que sempre aspira fazer o filosofar algo que seja eficaz e com performance dialética para o discutir, construir, desconstruir e reconstruir; que nos ensina a justa medida do estudar para fortalecer o conhecimento.

Precisamos, sim desse policial a produção de um discurso para que o mesmo não seja produzido de qualquer jeito, mesmo que a finalidade e o contexto de produção seja para algo muito simples e objetivo. Foucault (1999, p. 3) dá uma interessante justificativa da necessidade dessa segurança para escrever: “não nos encontramos no verdadeiro senão

obedecendo às regras de uma ‘policia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”.

Depreende-se que o voltar ao passado para discutir conhecimentos da atualidade, bem como para fazer correlações para aprender o presente com um olhar no passado demonstra replicar para transformar em algo novo. É para isto que se volta o querer suscitar também nos métodos de argumentação filosóficas do passado remoto ou mais presente, com fins de fazer com que, a partir deles, se constroem novas perspectivas. O trabalho do professor em problematizar estes temas pode transcender à escrita, leitura e produção. Eles se desdobram em úteis subtemas para as aulas, se justificando à medida que são abordados e explicados como importantes para debates, redações, concursos e vestibulares. É importante também observar como o fruto das atividades que atribuímos apresentam riquezas a explorar, em melhor situação quando as comparamos com a riqueza cultural que a filosofia é penhor.

Com a leitura e a reflexão e finalmente associações, os outros usuários de tais saberes empregam os métodos para atingir saberes novos. É uma retenção e reelaboração. Da insistência neste processo, as partes do saber abrem e o aparente copiar é substituído por novos saberes que se expandem sob o olhar, para o além do copiar.

Em síntese, disseminar os métodos como estruturas os alunos recepcioná-los como um caminho a seguir, permitirá que os mesmos sintam os componentes de uma argumentação e sob inspiração deste esquema produzirá textos que direta ou indiretamente apresentarão algumas de suas características pessoais, caminhos que facilitarão um encontrar-se e conhecer-se mais a si mesmo. Existem outras formas operativas e intelectuais para acontecer este encontrar-se consigo. É dela que falaremos na próxima parte.

PARTE TEÓRICA

4 UM MOMENTO DE ESTUDO E DESCOBERTAS COM A FILOSOFIA EM SALA DE AULA

Aqui, nesta parte reservamos espaço para apresentar as etapas de responsabilidade dos alunos e as dos docentes em sala de aula para que o resultado do projeto aplicado culmine com a produção de textos. É hora de abordar os componentes teóricos prévios usados para produzir textos como resultado final e estratégia de avaliação e discussão com os alunos. É momento de conhecer os tipos textuais sugeridos como formas para estimular as produções próprias dos alunos. É momento de conhecer os métodos filosóficos e compreender que seu processo de conhecimento implica absorver suas estruturas e, desse saber, fazer um conhecimento frutificador, transformando-o em tipos textuais dissertativos. Aqui é um momento importante para responder à indagação formulada na introdução desta dissertação. Além dos métodos filosóficos, direcionamos esta parte para explicar sobre o fichamento e o uso de suas partes constitutivas bem como a escrita e reescrita não só como um simples ‘preenchimento’ dos tipos textuais, mas a escrita e reescrita como culminância do escrever autônomo e expressivo da escrita filosófica.

4.1 Métodos Filosóficos: Histórico e curiosidades

Escrevemos sobre a dimensão pedagógica dos métodos filosóficos. Ali, escrevemos sobre alguns tipos de métodos em geral, mas que os filosóficos, no contexto do nosso projeto consistem numa ferramenta de avaliação conceitual, no sentido de ter um desenho esquemático passível de uso em outros momentos de aprendizagem. Os métodos filosóficos também são ferramentas de críticas, pois suas estruturas permitem identificar possíveis erros em posicionamentos ou ideias defendidas. Agora, nesta seção, falaremos sobre a história do surgimento dos métodos filosóficos, num contexto mais teórico.

Recorrer à História da Filosofia nos lugares onde ela aconteceu com pequena, média ou grande intensidade é evocar a história como ferramenta de leitura de mundo. O exercício de encontrar-se com o passado é permitir um deslocamento e percorrer um caminho de importância fundamental rumo à compreensão e reconstrução do pensar os momentos dos dias atuais. A História da Filosofia explica com certo valor seguro muitos momentos curiosos e dignos de admiração. Notável ainda mais quando o assunto desenvolvimento no contexto histórico dos métodos argumentativos filosóficos. As técnicas de ler e estudar ajudam a

desvendar muitos pensamentos e entender discussões. A simples recorrência ao passado ajuda na compreensão de um segredo dos dias atuais e a desvendar outros que sempre surgem. Recorrer a História da filosofia é fazer exposição aliada à crítica ou visando aguçar o senso crítico, fonte de encontro do pensar com os problemas desenvolvidos por algumas mentes mais apaixonantes da reflexão filosófica no mundo e que vemos suas colaborações escritas em resumo:

A história da filosofia é o balanço em que descobrimos que ela foi infinitamente fecunda. Mostra o imenso esforço do homem para descobrir-se, para sobrepujar-se, os seus tapeios, as suas esperanças, os seus desesperos e, por fim, uma derradeira esperança, essas lágrimas que fazem o seu valor. (TRUC, 1968, p.6).

O primeiro método filosófico, recorrendo à História da Filosofia como via de explicação, foi pôr em dúvida saberes estabelecidos. Isso aconteceu no momento em que os mitos já não respondiam mais às curiosidades formuladas em formas de perguntas. Daí, aquela pergunta que era simples, por exemplo, *'como surgiu a sabedoria'* e logo como resposta obtínhamos um relato mítico, passou a cercar-se de uma dúvida tanto por quem formulava como por quem respondia. No intuito de responder tais perguntas, os filósofos começaram a observar atentamente a composição, a estrutura das coisas ao seu redor e seguida a esta observação, passou-se a escrever o que refletiam. A dúvida, a observação e a escrita são técnicas também usada nas ciências naturais, que ao lado da Filosofia, davam os seus primeiros passos em seus métodos de investigação. Eis um pequeno contexto sobre métodos no século VII a.C. na Grécia.

O método dialético surge um pouco mais adiante. E ele é matéria para formas diferentes de métodos que notabilizaram os transcurso da História da Filosofia. Concretamente surge a dialética após um clima de debate entre duas posições aparentemente antagônicas ocorridas durante o período pré-socrático: a de Parmênides e Heráclito. As teses de Parmênides (530-460 a.C.), foram formuladas nestes termos, segundo Reale (1991, p.50 e p.54):

O grande princípio de Parmênides que é o próprio princípio da verdade [...] é este: o ser é e não pode não ser; o não ser não é e não pode ser de modo algum; [...] a única verdade, portanto, é o ser incriado, incorruptível, imutável, imóvel, igual, esferiforme e uno. Todas as outras coisas não passam de vão nomes.

Tais formulações sofrem intensas objeções de outros filósofos, dentre os quais, Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.). Em defesa de Parmênides e do eleatismo, Zenão de Eléia

(490-430 a.C.) surge e nesse movimento de defesa, ele percebeu a fragilidade dos argumentos que “atacavam” a Parmênides. Esse perceber os argumentos contrários aos expostos, inicialmente, é a primeira forma de trabalho da dialética. Em resumo, Reale (1991, p.56) nos conta assim esse fato histórico ligado ao surgimento da dialética como método de refutar ideias contrárias:

Zenão enfrentou de peito aberto as refutações dos adversários e as tentativas de colocar Parmênides no ridículo. O procedimento por ele adotado consistiu em fazer ver que as consequências derivadas dos argumentos apresentados para refutar Parmênides eram ainda mais contraditórias e ridículas do que as teses que visavam refutar. Ou seja, Zenão descobriu a refutação da refutação, isto é, a demonstração por absurdo: mostrando o absurdo em que caíam as teses opostas ao eleatismo, estava defendendo o próprio eleatismo. Desse modo, Zenão fundou o método da dialética, usando-o com tal habilidade que maravilhou os antigos.

A argumentação oposta feita por Heráclito visava o ontologismo dos eleatas. Para elaborar esta argumentação, Heráclito usou uma ‘fórmula’ notória na época, a saber, as primeiras formulações da dialética conforme apresentadas e percebidas por Zenão. Heráclito teve esse intento porque, segundo Aranha (2016, p.133), “surgiu a necessidade de criar uma nova lógica que não se fundasse no princípio de identidade - que é estático - mas no princípio de contradição”. Com este ponto, queremos indicar um avançar de posicionamentos a partir da dialética formulada inicialmente por Zenão e que todas as dialéticas e métodos de argumentação partem de um núcleo comum, qual seja, a dialética de Zenão. Heráclito transforma a matéria prima, a dialética, numa nova realidade, o devir. Este sugere a troca de uma situação em progresso com outra troca, ou substituição por uma realidade sempre oposta ao original. É o que nos assegura Reale (1991, p.36):

Para Heráclito, essa é apenas a constatação de base, um ponto de partida para outras inferências, ainda mais profundas e argutas. O devir a qual tudo está destinado caracteriza-se por uma contínua passagem de um contrário ao outro: as coisas frias esquentam, as quentes esfriam, as úmidas secam, as secas umedecem, o jovem envelhece, o vivo morre, mas daquilo que está morto renasce outra vida jovem e assim por diante. Há, portanto, uma guerra perpétua entre os contrários que se aproximam.

Para os métodos que se seguirão após a lide entre os eleatas e o devir heraclítico, a dialética avança como inspiração para os métodos subsequentes, no caso, socrático, tomista e hegeliano. Algumas características gerais podem ser atribuídas aos três métodos. Eles são leituras e acréscimos por outros autores como discípulos e comentadores numa tentativa de ajustamento ou adequação para o período ou contexto histórico do autor que o desenvolveu. A

prática de releitura com o método afasta a barbárie de entender o método como cópia ou fórmula engessada, sentimento contido nos que repensaram o método. A inserção de novos elementos argumentativos é exigência para quem, conscientemente, sabe que o conhecimento filosófico, ao mesmo tempo que é transmitido, é recepcionado e revigorado com novas formulações.

Com uma fórmula conhecida, aplicada como mote para estudos futuros, o professor sente que ao ensinar essa dinâmica, ele ensina métodos filosóficos convidando o aluno para o exercício público da razão, pois prontamente o aluno tem consciência que estes podem ser modificados. Nos métodos encontramos a distribuição entre assuntos para atender uma necessidade de refutar a dúvida ou outras discordâncias acadêmicas e trazer a possibilidade de realizar uma boa descoberta importante.

Agora, individualmente, os métodos têm suas virtudes próprias. O socrático era polêmico porque atingia criticamente a nervura das opiniões sofistas de que o saber é absolutamente inatingível. Sócrates, refutando tal posicionamento, traz o conceito e a definição como princípios de uma ciência inteligível. O diálogo, (o anexo contém um fragmento para ser utilizado no projeto) canal de suas exposições polêmicas, tinha uma forma dupla: ensinava os discípulos, estratégia esta chamada de maiêutica ou confrontava um adversário utilizando de múltiplas questões até colher do adversário as contradições de suas opiniões. Este segundo momento, Sócrates denominou 'ironia'. Num tempo mais adiante, Sócrates trouxe novos elementos à dialética original, sempre mantendo sua essência de contrapor contrários. O lugar não foi uma sala de aula ou um auditório, mas uma roda de conversa. Conversa simples ou papo de butiquim? Jamais. Uma pergunta foi lançada para a discussão. Provavelmente: 'existe uma ou várias verdades?' A resposta às armadilhas sofistas vaidando cor e forma ao método expositivo: palavras progridem para as frases, das frases para as orações, das orações aos exemplos. Ora aparecem as tomadas em contrário a tudo que fora dito e assim é que surgem as contradições que muitos caem. O nome do diálogo é Parmênides, uma homenagem ao filósofo de anos atrás que contribuiu com o nascimento da dialética na Filosofia. Gonzague Truc (1968, p. 49) coloca os principais elementos do método socrático (refutações, combate a más intenções, exercícios verbais, oposição dos contrários, temas não únicos, mas plurais como vida e morte, ardis demasiados) como construções reais muito mais evoluídos em qualidade, termos e intenções, parecendo que o grande historiador da filosofia esteve num desses momentos de encontro entre Sócrates, discípulos e debatedores. Truc nos conta um pouco como foi esta experiência:

Inimigo dos sofistas [...] refuta-os demonstrando que existe uma verdade, que ela é de ordem ideal e que o dever estrito de todo homem razoável é conformar-se com ela. Mas, para combater disputadores insensatos, não hesita em tomar-lhes as armas, que maneja por vezes com uma destreza inquietante. Sua dialética tem por objeto as coisas; acontece, porém, que às vezes se focaliza nas palavras, e certas acrobacias do Parmênides nos dão a impressão desagradável de meros exercícios verbais. Brinca com a oposição dos contrários, derivando-os um do outro; e quando, no Fédon, o vemos aplicar esse processo a coisas tão gerais como a vida e a morte, para tirar a vida da morte e vice-versa, detemo-nos e o fazemos parar. Em certas passagens o arдил é demasiado visível e as respostas do interlocutor, excessivamente complacentes. Noutras tem curso livre e pura virtuosidade.

Mesmo com as palavras de Truc, algumas dúvidas permanecem: seria o método uma obra de mutirão de apoiadores? O fato de Platão ter redigido os textos onde aparece o método socrático não é uma descrição de vivências de pessoas ligadas a Sócrates e não uma formulação privada de experiência?

Havia muitos cultivadores de outros saberes como política, economia, arte, guerra entre as discussões atendidas pelos métodos. Ser metódico para responder à altura estes personagens era essencial. Deste contexto acontecem os intensos debates entre Sócrates e os sofistas: Sócrates é apoiado mais do que os sofistas, daí ficando claro o destaque que Platão dá à figura de Sócrates. Sócrates representa a mentalidade do sábio, preocupado com a observância das leis, da religião, dos costumes gregos, da Filosofia como busca do saber e não sua posse orgulhosa e vaidosa. Os sofistas representam um desvirtuamento do pensamento que relativiza o saber, a política, a moral e a educação. O motivo de trabalharmos com este método no projeto se deve ao fato desta dupla finalidade: ser crítico e instrutivo simultaneamente.

Passamos para o outro método por nós trabalhado. O tomista sofre acréscimos da dialética sob os cuidados reflexivos de Tomás de Aquino. Unindo citações de filósofos e autores teológicos, pois este método une os dois tipos de conhecimento, qual sejam, o teológico e o filosófico:

A diferença entre a filosofia e a teologia não está no fato de que uma trata de certas coisas e a outra de outras coisas, porque ambas falam de Deus do homem e do mundo. A diferença está no fato de que a primeira oferece um conhecimento imperfeito daquelas mesmas coisas que a teologia está em condições de esclarecer em seus aspectos e conotações específicos relativos à salvação eterna (REALE, 1991, p.554).

No fragmento anterior, segundo Reale, a Filosofia é um conhecimento imperfeito, incompleto sobre determinados saberes ligados diretamente à religião. Daí ser necessária a

parceria entre as duas. A parceria agrega um saber refletido e pensado, ou seja, é a maturidade de um pensamento, pois claramente desenvolvido na Suma Teológica uma das últimas obras escritas por Tomás. Diferente de Sócrates, que tinha como ponto de partida a pergunta problematizadora, Tomás realiza a discussão de uma temática a partir de um enunciado ou tese, seguindo com a exposição de argumentos de autores se posicionando de forma favorável ou não à tese. Logo em seguida, Tomás colocava a resolução ou ‘verdade’ sobre o problema e seguia respondendo aos argumentos colocados pelos autores, inicialmente. É um método muito focado na autoridade de quem escrevia ou pregava. Sua funcionalidade é claramente perceptível com a presença da especulação própria da filosofia e do dogmatismo presente na religião, no caso, a católica cristã. Era esta a finalidade: harmonizar o saber racional com o teológico, muito voltado para a fé e o uso dos textos da tradição cristã. Razão e fé em unidade com fins de instruir os estudantes iniciados em teologia. O local de uso deste método filosófico foi nos centros de formação católica da época (universidades em poder da Igreja e os centros de formação religiosa). Os temas em problematização estão no âmbito do conhecimento Filosófico e Teológico, pois a teologia era considerada a ‘Filosofia Primeira’, tido como uma explicação racional de verdades de fé e verdades morais, simbólicas, históricas etc., transcritas da Bíblia.

Os princípios do método proposto por Tomás de Aquino sugerem aspirações ou desejos que o próprio método procura ou estimula trabalhar. São como vocações ou aspirações a se desejar na composição de qualquer trabalho que tenha como principal objetivo realçar elementos subjacentes ao pensamento filosófico em sua elaboração, onde a culminância deste trabalho conduza ao conjunto de doutrinas chamada de tomismo. Na introdução da Suma Teológica (2001, p. 60-61), Marie-Joseph Nicolas elenca alguns desses princípios ou aspirações que permeiam os escritos da suma: a) essencialmente didática; b) contém definições precisas, sem inexatidão, divisões e distinções penetrantes; c) rigor e clareza da demonstração; d) nenhum apelo à arte de persuadir por elementos extrínsecos ao próprio substrato do problema estudado; e) sem procedimentos retóricos.

Por fim, o método hegeliano. Tal método é o ápice de suas reflexões sob inspiração de autores iluministas como Kant, Rousseau e autores que deram a ele uma maturidade intelectual e da natureza do que era a Filosofia. O início do método dá-se no tópico frasal. O que vem subsequentemente são argumentos que provocam uma evolução do tema. Ele quer trazer a fluidez dos saberes que não se anulam, mas evoluem para uma precisão maior. O argumento seguinte não anula o anterior. Ele o recebe como um apoio para si. O argumento atual logo será o apoio para o subsequente. Na dialética hegeliana, o argumento subsequente

anula evolutivamente o anterior. O botão da rosa, por exemplo, é anulado pelo fruto que aparece. Está ‘no sangue’ desse método o desejo de conhecer a gênese pela razão, do processo de constituição do real através de ações contraditórias, segundo os estudos de Maria Lúcia Aranha (2016, p. 133). Resumindo, a dialética sempre teve como préstimos refutar ou apresentar os contraditórios de uma ou várias teses. Nos métodos pretendidos aqui, dos filosóficos Sócrates, Tomás e Hegel socrático, tomista e hegeliano, ela aparece de maneira recriada, mas com o mesmo propósito fundamental de sua concepção original como visto em Zenão no século V antes de Cristo.

4.2 Elaboração do fichamento e seu uso

Fichamento é uma técnica de registro de informações proveniente de livros, artigos ou qualquer outro escrito. São registros de exemplos, conceitos, paralelismos, comentários, perguntas etc. O fichamento elaborado para este projeto tem a forma de um retângulo, e fora concebido inicialmente por um amigo de trabalho chamado Ranieri Robert. Sua composição adaptada para fins deste projeto foi assim modificada por nós:

BIBLIOGRAFIA:		
CITAÇÃO-TEXTUAL	PALAVRA-CHAV E	COMENTÁRIO PESSOAL

Fonte: elaborado pelo autor

Deve-se obrigatoriamente os alunos aprenderem a fazer os retângulos, tal como desenhado acima? Sim. Porque o fichamento como desenhado acima é uma experiência acadêmica já testada por este que vos escreve e por vários alunos de educação básica e até cursos superiores. Seus elementos constitutivos (palavras e retângulos) foram pensados, selecionados para este projeto de pesquisa com fins de mostrar que dele é possível fazer anotações e consultá-las com facilidades em outros momentos da vida acadêmica. E não só para produção escrita, como para estudos de uma matéria ou preparação para um debate.

Umberto Eco (2001, p. 88-91) ensina que alguns livros que lemos não ficarão disponíveis para nós após a leitura, mas um dia iremos precisar daquelas ideias lidas para novas consultas e estudos. O que há de ser feito se estamos sem o livro outrora lido?

Consultar o fichamento produzido na ocasião da leitura. Os retângulos desenhados ou o formato em retângulos, além do fichamento ficar esteticamente organizado para um possível arquivo pessoal, o formato garante facilidade na consulta, permitindo que numa situação de arquivamento, a consulta ao mesmo fichamento ocorra de maneira rápida; as linhas retangulares também delimitam os assuntos, sugerindo que no retângulo tenha-se um assunto e no retângulo seguinte, outro. Ou por que não, a continuação do mesmo tema.

Sabendo quais são as partes constitutivas do fichamento, para que servem cada uma delas? Suas partes constitutivas são: o campo BIBLIOGRAFIA é destinado ao registro da fonte consultada. Aqui, recorre-se às regras da metodologia científica para seu registro; a coluna CITAÇÃO TEXTUAL é o campo destinado à citação de fragmentos originais retirados do texto lido e citado na bibliografia. Vamos acrescentando linhas abaixo das palavras escritas no fichamento à medida que fragmentos de textos ligados à pergunta e ao tipo textual escolhido vão aparecendo no texto lido; PALAVRA-CHAVES é o campo que apresenta palavras que indicam quais temas as citações estão abordando; finalmente, o campo COMENTÁRIO PESSOAL é o espaço destinado para anotações, anseios, sentimentos, perguntas-comuns e perguntas-problemas, enfim, um lugar para se registrar as impressões do leitor com o texto pesquisado, permitindo que este produza exercícios de reflexão, interpretação e escrita prévia do texto a ser elaborado refletindo sobre o fragmento lido. Se arquivados os fichamentos, e porventura, precisar consultá-los no futuro recorre-se ao campo PALAVRA-CHAVE a fim de localizar os temas pesquisados e fichados.

Perceba que o fichamento tem seus extremos, intitulados de citação textual e comentário pessoal. Com a qualidade que se elaborou o comentário pessoal, o mesmo pode servir de elemento para o texto definitivo, como que escritas prévias dos parágrafos. Nessa hora, se faz a transposição dos comentários para as partes prévias do texto, ajustando-os conforme as regras gramaticais. Constitui extremo do fichamento também a citação textual. Seu uso implica utilização conforme o interesse do autor, sendo que usada corretamente valorizará o autor e o texto. Com base neste tipo textual, o redator passa a procurar nos extremos do fichamento possíveis assuntos já redigidos e que se encaixam nas partes do tipo textual. Para aumentar o repertório, realizam-se citações textuais.

4.3 Revisão e Reescrita: consumação dos tipos textuais e fichamentos

É Galliano (1979, p. 130) um autor que nos escreve sobre o fazer revisão nos textos escritos fim de auferir benefícios para a escrita: “ao redigir definitivamente o texto você sentir

necessidade de efetuar modificações no plano, não hesite em fazê-lo sempre que isso venha a beneficiar a melhor exposição de seu pensamento”. Revisão e reescrita de texto em Filosofia estão a acontecer praticamente juntas, uma obrigação a cumprir de forma simultânea e complementar. Com a devida atenção do escritor na execução deste processo, de preferência com o uso de ferramentas bem eficientes, como um computador e aplicativos. Mas o tempo de aguardo entre as revisões e reescritas para fazer essa dinâmica é a parte sutil.

Revisão é sentar-se sobre uma mesa com o texto e fazer as intervenções, tirar os defeitos e erros percebidos no debate e também indicados pelo professor-filósofo. São as palavras de Serafini (2003, p. 81-82), confirmando nossa experiência pessoal, de vinte anos de magistério, e que faz nossos ensaios escritos:

Durante a revisão, deve-se verificar antes de tudo que o texto seja bem estruturado, especialmente quanto à ordem e à organização dos parágrafos. Cada parágrafo deve desenvolver uma idéia relacionada com a tese do texto, e a sequencia dos parágrafos deve ir construindo progressivamente a tese que se quer desenvolver.

Serafini (2003) destaca outra faceta ou regra importante para a realização da revisão: organização dos parágrafos com fins de deixar o texto inteligível. Para este fim, reforçamos, é muito importante a escolha do tipo textual de inspiração nos métodos filosóficos para este processo. Pois nos tipos textuais oriundos dos métodos sempre conseguimos lembrar das sequencias temáticas dos parágrafos, o lugar da tese, da pergunta-problema, das opiniões dos argumentos, das citações, dos exemplos etc.

No processo de revisão é muito conveniente que o redator de tão tenra idade como são os jovens alunos e alunas do ensino médio revejam os conhecimentos sempre obrigatórios em qualquer idade da parte da gramática ligada à sintaxe, notadamente sobre períodos coordenados e, subordinados. Indica-se também o uso dos dicionários a fim de fazer os ajustes necessários para o bom uso da sinonímia quando for o caso. O uso plural de palavras escritas de formas diferentes, mas com mesmo significado plausível enriquece o repertório final do manuscrito.

A expressão ‘chá de gaveta’ é plenamente válida para quem escreve porque funciona como um lembrete acerca do tempo para obter inspirações. Entre a primeira redação concluída e as seguintes, um tempo para reunir novas ideias no texto, o que pode deixá-los ainda mais preciso. O texto é uma produção de momento, a depender de quando é solicitado, mas também de formação, concepção a longo prazo.

Servindo como lembrete, esse parágrafo resume o projeto pedagógico: fazer as anotações da pesquisa no fichamento e de posse de um dos esquemas obtidos via métodos filosóficos, utiliza-se os comentários dos fichamentos como frases, palavras, partes de um texto dissertativo argumentativo.

4.4 Exemplo do projeto respondido

Segue, à guisa de exemplo, o seguinte trabalho resumindo tudo o que fora escrito sobre os passos da produção textual, começando da elaboração do fichamento à produção do texto. O exemplo é um dos textos produzidos no projeto por um aluno e seguiu os passos básicos do projeto, isto é, escolha do método filosófico socrático como esquema para pesquisa e redação, passando pelos fichamentos e chegando na redação do texto.

O exemplo foi respondido a partir do seguinte comando de ações contidas na orientação da atividade exigida pelo professor:

1ª ação - escolha do tema: Feminismo.

2ª ação – escolha do método filosófico ou esquema textual: Esquema escolhido: Socrático.

3ª ação - formular a pergunta-problema para direcionar a pesquisa, rumo a resposta desejada posteriormente no texto: *“Ser bem vista pelos homens é ser plenamente vista pela sociedade?”*.

4ª ação - fazer o fichamento. Recomenda a leitura de dois ou mais materiais para este fim, sempre obrigatório um texto de filósofos ou filósofas.

4ª.1 - Fichamento de texto 1:

BIBLIOGRAFIA Feminismo · Disponível em www.g1.globo.com. Acesso em: 8 mar. 2021		
CITAÇÃO TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIOS PESSOAIS
<i>“Quando uma mulher tenta se separar e ela agredida, ouve: ‘se você não for minha, você não vai ser de mais ninguém”</i>	Separação Posse	+O homem acha que tem posse a uma mulher, e que tem direito a fazer o que quiser com ela.
<i>“O foco é tentar diminuir desigualdades substanciais em relação às mulheres”</i>	Direitos Defesa	*Vemos que as mulheres morrem porque são mulheres, que são assediadas ou têm uma qualidade de vida mais precária.

<p><i>“Para ela, a Lei Maria da Penha é extremamente importante na defesa da mulher porque não transita apenas na esfera punitiva em relação ao agressor”.</i></p>	<p>Defesa Punição</p>	<p>+As mulheres têm direito de romper barreiras, discriminações e saber que não estão sozinhas. +Assegura no que diz respeito às questões de prevenção e proteção em relação à vítima.</p>
<p><i>“Se a gente olhar todos os dados de segurança pública ou do Dossiê Mulher, vemos que as mulheres morrem porque são mulheres, que são assediadas ou têm uma qualidade de vida mais precária.</i></p>	<p>Assédio Morte Respeito</p>	<p>++Nenhuma mulher merece sofrer assédio, e principalmente morrer por ser mulher, elas merecem respeito, igualdade e dignidade, independente da sua profissão ou da roupa.</p>

4ª.2 - Fichamento de texto 1:

<p>BIBLIOGRAFIA Simone de Beauvoir. O Segundo Sexo: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro, 1967.v. 2.</p>		
CITAÇÃO TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIOS PESSOAIS
<p><i>“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”</i></p>	<p>Independência Trabalho</p>	<p>+Acima de tudo a mulher conquistará tudo com a sua independência e com o seu trabalho, sem precisar depender de homem nenhum.</p>
<p><i>“Se a mulher foi, muitas vezes, comparada à água, é entre outros motivos porque é o espelho em que o Narciso macho se contempla”.</i></p>	<p>Comparação Espelhar</p>	<p>+O homem pede que seja fora dele tudo o que não pode apreender em si, pois a comparação do existente não é nada. Para se espelhar, ele precisa projetar-se em um objeto.</p>
<p><i>“Não se nasce mulher: torna-se mulher”.</i></p>	<p>Evolução</p>	<p>+Cada dia que passa as mulheres sempre estão evoluindo, e isso é uma coisa muito boa para as mulheres.</p>

<p>“A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”.</p>	<p>Determinação Negativo</p>	<p>+O homem representa a um tempo o positivo, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, e isso faz com que as mulheres fiquem com a expressão “negativa”.</p>
--	----------------------------------	---

5ª ação – redigir o texto usando também partes dos comentários do fichamento. Eis o texto da aluna C.:

“O feminismo é um movimento social com protagonismo de mulheres que buscam a igualdade jurídica, política e social entre homens e mulheres. Para muitas pessoas, expressar seu posicionamento acerca de ser feminista ou não, é algo difícil, porque muitas não se sentem, representadas nos discursos feministas.

Com isso perguntamos como uma mulher é vista pela sociedade? Em um trecho de Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo Vol. 2: a experiência vivida, Difusão Européia do Livro 1967: **“a mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação sem reciprocidade”** que dizer que sempre que a gente se refere ao ser humano a gente usa a palavra ‘homens’ e a mulher fica com a expressão negativa.

Outro trecho encontrado no g1 que diz: *“se a gente olhar todos os dados de segurança pública ou o dossiê mulher, vemos que as mulheres morrem porque são mulheres, que são assediadas ou tem uma qualidade de vida mais precária porque são mulheres”* a mulher sofre de diferentes maneiras só pelo fato de ser mulher.

Muitos casos de ter uma condição mais baixa ou vários crimes de ódio só pela forma como ela é enxergada pela sociedade, principalmente pelos homens, concluímos que a mulher não é bem-vista pela sociedade nem mesmo aquelas que tentam de diferentes formas ser independente financeiramente ou qualquer outra coisa para ser bem-vista”.

6ª ação – debater com os demais alunos a primeira redação, o que pode gerar novas formulações para dar suporte à reescrita; reescrever o texto após debate.

Finalizado aqui com o debate e a reescrita, as ações diretivas para consubstanciar o projeto e gerar frutos. Segue as observações nossas sobre o texto final produzido como exemplo.

A parte em negrito no texto acima está assim porque é uma repetição em destaque da parte contida no campo COMENTÁRIO PESSOAL do fichamento 2, ação de número 4

realizada antes do texto. Com isso, queremos inculcar a relevância de se fazer profundos comentários dos textos nos campos destinados a isto nos fichamentos. Nunca esqueça que tais comentários podem dar corpo ao texto definitivo, inserindo-os inteligentemente.

O modelo socrático apresentado é uma opção. Não sinta obrigado a fazê-lo. O que vemos como obrigação é que, para uma dissertação em filosofia, alguns componentes sejam obrigatórios como a pergunta-problema e os argumentos que ajudem a entender e responder essa pergunta.

Entenda o amigo leitor: não se trata de um procedimento descrito acima como um procedimento exato. *Tira daqui, põe ali, escreve acolá, tá pronto o texto.* O propósito deste trabalho ‘mecânico’ é de gerar treino para se chegar a uma autonomia em produções; e o ajuste dos métodos aos textos, para que os alunos percebam após a prática do projeto: existência em uma argumentação de componentes como citações, perguntas, contraposições, duas partes se explicando; revisão de autores da Filosofia e suas contribuições ainda presentes nos dias atuais; vivenciando na prática os saberes que foram formulados em momentos histórico pelos grandes mestres e mestras da Filosofia num passado até distante mas que podem ser atuais.

CONCLUSÃO

Há uma convicção crescente em alguns autores do mundo da filosofia que os modelos consagrados e escolhidos para ensino sobre argumentação e produção textual em filosofia com alunos de ensino médio não são viáveis eficazmente para este fim. São causas de problemas de ordem de inspiração, de liberdade na elaboração da estrutura argumentativa e especificamente do parágrafo; e de dependência sobre o que se abordar em cada um dos parágrafos. Desfavorece a inspiração, pois restringe o trabalho para descobrir o novo. Cultiva-se velhas formas para manter os padrões arcaicos, não mais adequados para os tempos de hoje. Inexistirá a liberdade na elaboração textual porque o aluno prende-se a um modelo. Volta sua face para um tipo ou modelo pronto e só a ele serve, não enxergando novas possibilidades livres e espontâneas como é a identidade da Filosofia no que diz respeito à escrita. Causará uma dependência temática pois os autores sentirão que o roteiro obtido do método filosófico só é adaptável à escrita dissertativa filosófica. Quem desejar escrever Filosofia e poesia, numa abordagem intercalada, numa intertextualidade, talvez o recurso adaptar métodos não seja interessante, nem permissível, nem desmembrável para a sequência que se seguirá na redação.

Pode ser extenuante para o trabalhador ou trabalhadores o pesquisar e escrever, mas deve-se olhar o fruto produzido, o produto elaborado. E dele, do elaborado, vem ou origina neste processo não tão cansativo, mas trabalhoso, chamado filosofar. Dizem que é fácil ser cupim na madeira. Quer-se ver é ser cupim no ferro. Filosofia e seus processos filosofantes têm muito disso, de ser cupim no ferro. A escrita, sua produção, sua escolha de como ela deve ser, de para quem ensinar e como ensiná-la no espaço ou local da Filosofia. A matéria prima para essa forma que se pretende imprimir nem sempre é maleável. Nem sempre todos os envolvidos dão as caras pela boa causa na educação. Aí entra a inteligência e a capacidade dos seres humanos de inverter o que há de ruim em coisa boa, como a abelha converte o néctar de uma rosa no mais doce mel. Há métodos e estratégias poderosas para isso em qualquer momento da vida, em qualquer situação educativa. Gostamos de ir lá no passado da criação humana, não como insanidade e só porque deve-se trazer à lume para os dias de hoje aquilo que tenha uma utilidade.

Como vimos, há caminhos diversos para construir a ponte entre o pensar e o escrever, e no meio, o debate como canal que leva um para o outro. Os métodos são esses caminhos. Chegamos à ideia de que simulacros podem ser profundamente questionados no âmbito da filosofia acadêmica porque a cópia ou a inspiração em outros sempre será causa de debates,

aliás, qual o assunto que não seja causa de discussões na filosofia? Retomamos essa questão, mas desejoso de que sejamos compreendidos por quem nos escuta, neste momento são jovens começando no processo do filosofar. Para isto, importa mais esse processo edificante do que saber que ele pode ou não ser uma cópia de coisas do passado. Não haverá problema em uma boa cópia quando observarmos que dela nasceu um conhecimento transformado, dela nasceu um conhecimento original.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar.** São Paulo: Moderna, 2012.
- ALENCAR, Eunice Soriano. **Psicologia: Introdução aos Princípios Básicos do Comportamento.** Vozes, RJ: 1995.
- AQUINO, Tomás. **Comentário ao Sobre a interpretação de Aristóteles.** Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.
- AQUINO, Tomás. **Suma teológica.** Tradução de Gabriel C. Galache e Fidel Garcia Rodrigues. São Paulo: Loyola. 2003.v. 1; Questão 2.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: Introdução à Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2003.
- BAGGINI, Julian. **As ferramentas dos filósofos: um compêndio sobre conceitos e métodos filosóficos.** Tradução Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BRUNO, Mário. **Escrita, literatura e filosofia: Derrida, Barthes, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 44-48.
- BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CARVALHO, Irene Melo. **Introdução à Psicologia das Relações Humanas.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1969.
- CASTAÑÓN, Gustavo Arja. **Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual.** Universidade Federal de Juiz de Fora – MG: 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100004. Acesso em: 14 out. 2022
- CHAUÍ, Marilena. **Boas-vindas à Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CICUREL, Francine; COSSUTA, Frédéric. **As fórmulas filosóficas: destacamento, circulação e apropriação.** Tradução: Sírio Posseti. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2018.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola.** Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000.
- CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: Novos olhares para a literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Paulinas, 2009.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

DEPRÉ, Tara. **Guia para o autoconhecimento: Novos conselhos para a aceitação de si mesmo.** São Paulo: Loyola, 1990.

DESCARTES, René. **Discurso do Método.** São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese.** Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ELL, Ernst. **Os jovens interrogam a si mesmos.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1975.

FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto: língua portuguesa para estudantes universitários.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e História.** Organização de Maria Siecdzkowsk e Maria Tereza Papaleo. Porto Alegre: L&PM, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GALLIANO, Guilherme. **O método científico.** São Paulo: Ed. Harbra, 1979.

GIACOMASSI, Rejane. **Caderno pedagógico de filosofia: leitura e comentário de textos filosóficos a partir de mapas conceituais e orientações de Évelyne Rogue.** Curitiba: SEE-PR, 2016.

HEGEL, G.W.F. **A fenomenologia do espírito.** Tradução Henrique C. Lima Vaz. São Paulo: Abril Cultural, 1989. v.1, p. 10. (Coleção Os pensadores).

HUME, David. **Tratado da Natureza Humana.** São Paulo: EDUNESP, 2001.

KIERKEGAARD, Soren. **Diário de um sedutor.** São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

LAERTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Tradução de Mário da Gama. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LHOMME, Alain. **Fórmulas filosóficas e escrita formulaica.** As fórmulas filosóficas: destacamento, circulação e apropriação. Tradução de Sírio Posseti. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MACIEL, Carlos Frederico. **Um estudo-pesquisa sobre o ensino secundário da Filosofia.** Recife: MEC, 1959.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente Filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846).** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

- MBEMBE, Achilles. **A crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa, Portugal: Antígona, 2014. Disponível em <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2020/11/MBEMBE-Achille.-Cr%C3%ADtica-da-raz%C3%A3o-negra1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. **Caminhos do filosofar**. Recife, PE: Editora Fundação de cultura cidade do Recife, 1991.
- MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault e a história da filosofia. **Tempo Social - Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 15-20, out. 1995. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85123>. Acesso: 20 mar. 2021.
- NÉRICE, Imídeo Giuseppe. **Didática especial de Filosofia**. RJ: MEC, 1956. p.81- 90.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.
- NUNES, César Aparecido. **Aprendendo filosofia**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes. **O adolescente como pessoa em desenvolvimento e a contemporaneidade**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2004.
- PLATÃO. **Crátilo, ou sobre a correção dos nomes**. Tradução e notas de Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Textos Filosóficos).
- PRADO JÚNIOR, Caio. **O que é filosofia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.
- RAHNER, Karl. **Este é meu problema: diálogo com os jovens**. São Paulo: Loyola, 1985.
- RAMOS, Darcy Attanasio. **Uma leitura poético-filosófica de Marinheiro de primeira viagem, de Osman Lins**. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-15102007-134118/publico/TESE_DARCY_ATTANASIO_T_RAMOS.pdf Acesso em: 20 dez. 2022.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, DF: Editora UnB, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Textos selecionados**. Tradução de Carlos Vogtet *al.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos. Adaptação Ana Maria Marcondes Garcia. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Como ler um texto de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2008.

TRUC, Gonzague. **História da Filosofia**. Tradução de Ruy Flores Lopes e Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Globo, 1968.

VANDRESEN, Daniel Salésio. O ensino de filosofia e a escrita de si: o uso da redação de cartas filosóficas no Ensino Médio técnico. **Eleutheria - Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, v. 5, n. esp., p. 91 - 105, 31 dez. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/10176/8810>. Acesso em: 20 out. 2021.

VIGNER, Gerard. **Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita**. 2. ed.rev. Campinas, SP: Pontes, 1997.

APÊNDICE A – ESTRUTURA DO PROJETO DE LEITURA, RELEITURA E ESCRITA

Quantidade de aulas: 22.

Tempo de cada aula: 45min

AULA 1

Objetivo: identificar assuntos de cada parágrafo de uma seleção de textos de autores filósofos.

Conteúdo: estrutura e composição dos métodos: socrático, neo-escolástico, tomista, cartesiano, kantiano, afroperspectivista.

Estratégia: 1. Discutir e explicar o objetivo do projeto; 2. Dividi-los em 12 duplas; 3. Duas duplas vão estudar um mesmo texto. Identificar os assuntos, conceitos, exemplos, curiosidades que cada um dos parágrafos do texto atribuído às duplas aborda; 4. Podem consultar fontes complementares para enriquecer informações sobre o texto e autor atribuído; 5. No dia da apresentação de cada grupo, eles elaborarão um mural com palavras-chaves da estrutura do texto apresentado.

Avaliação:

1 - Duas duplas ficarão responsáveis pelo estudo detalhado do texto atribuído. Apresentação será nas aulas 5, 6 e 7;

2. - Atribuir às duas duplas um dos seguintes textos:

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia**. São Paulo:Edições Paulinas, 1992. p. 7-9.

Grupo 1 e grupo 2: o que é filosofia?

PLATÃO. **Diálogos**: o banquete. São Paulo:Editora Ediouro, 1980. p. 162-163.

Grupo 3 e grupo 4: o que é amor?

AQUINO, Tomás. **Suma teológica**. Versão digitalizada Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

Grupo 5 e grupo 6: a existência de Deus.

DESCARTES. René (1596-1650). **Discurso do método**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Grupo 7 e grupo 8

KANT, Immanuel. **O que é o esclarecimento?**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/infile.php>. Acesso em: 5 abr. 2021.

Grupo 9 e grupo 10

NOGUERA, Renato. **O ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

3 - A dupla produzirá o fichamento dos textos para fins de apresentação.

4 - Procurar em fontes complementares, outros elementos sobre o fragmento atribuído à dupla.

AULA 2

Objetivo: Apresentar o fichamento como proposta de obtenção e apresentação das informações pesquisadas

Conteúdo: Fichamento: finalidade, partes constitutivas e como produzi-lo.

Estratégia: Em quadro-branco, suas partes constitutivas: formato em retângulos, bibliografia, citação textual, palavra-chave, comentário pessoal.

Avaliação: 1. Elabore fichamento dos seguintes fragmentos de textos retirados do ENEM e do PAS/UnB:

CARTA A MENECEU

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? –pg. 23-

Fonte: EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-carta-sobre-a-felicidade-epicuro-em-pdf-epub-e-mobi-o-u-ler-online/> Acesso em: 30 mar. 2021.

Sugestão de resposta:

EPICURO. Carta sobre a felicidade (a Meneceu). Disponível em: https://lelivros.love/book/baixar-livro-carta-sobre-a-felicidade-epicuro-em-pdf-epub-e-mobi-o-u-ler-online/ Acesso em: 25 mar. 2021.		
Objetivo do fichamento: <i>citar partes que apresentam qualidades do sábio.</i>		
<i>“o sábio, que tem um juízo reverente”</i> –pg.23-	Sábio juízo	*De acordo como o texto, ser reverente é virtude do sábio porque a reverência combina com sabedoria; *O texto é obra de referência do PAS/UnB 2ª etapa;
<i>‘comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte’</i> –idem-	Indiferença Morte	*O sábio, conforme o texto, não aceita a morte como uma tragédia ou notícia ruim porque o sábio é sereno na alegria e na tristeza; *Será normal ou desrespeitoso encarar a morte de modo tão despreocupado?
<i>“compreende a finalidade da natureza”</i> -idem-	Natureza Compreensão	*O sábio interpreta e compreende bem a natureza. É um de seus ofícios porque a natureza é sinônimo de tranquilidade;
<i>“discerne que o bem supremo está nas coisas simples”</i> -idem-	Bem supremo	+Simplicidade em ver as coisas com fins de atingir o bem supremo. O sábio precisa atingir algo.

“ <i>Que nega o destino</i> ”-idem-	Destino	+Inexistência do destino conflua com a ideia cristã de destino? Diz o Evangelho que nosso destino é o céu.
<i>nossa vontade é livre</i> ”-idem-	Vontade Liberdade	+interessante o conceito de vontade. Sou livre porque minha vontade é querer ser assim: livre para fazer o que posso e quero;

AULA 3

Objetivo: Orientar quanto à apresentação da análise dos textos.

Conteúdo: Atividades de fixação. Entregar outros fragmentos curtos para serem fichados.

Estratégia: Fichar fragmentos 1 e 2, procurando escrever um objetivo que ele deseja retirar do fichamento.

Fragmento 1: *“A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um labirinto escuro”.* (GALILEI, Galileu. *O Ensaaiador*)

Fragmento 2: *Controle público absolutamente indispensável. [...] Corrupção inevitável [...] A prática do socialismo exige uma completa subversão no espírito das massas [...]. Instintos sociais em lugar dos instintos egoístas [...]. Mas ele [Lenin] se engana completamente no emprego dos meios. Decreto, poder ditatorial dos inspetores de fábrica, sanções draconianas, terror [...]. A única via que leva a um renascimento é a própria escola da vida pública, uma democracia mais ampla [...]. É justamente o terror que desmoraliza.* (Rosa Luxemburgo. *A Revolução Russa* (1918), apud Marc Ferro. *A Revolução Russa de 1917, 1974.*)

Avaliação: Elaboração de fichamento de fragmentos de textos. Atribuir outros fragmentos do ENEM e do PAS/UnB.

AULA 4

Objetivo: Corrigir atividades sobre fichamento; tirar dúvidas quanto aos debates da próxima aula;

Conteúdo: Correção de alguns fichamentos

Estratégia: Pedir a ida de dois alunos ao quadro e que eles escrevam um de seus fichamentos produzidos. Os mesmos alunos poderão tirar dúvidas dos colegas quanto à produção dos fichamentos, numa espécie de monitoria.

Avaliação: Estudar o fichamento e a pesquisa para fins de apresentação oral.

AULAS 5 e 6

Objetivo: Apresentar as informações levantadas dos textos atribuídos e das pesquisas complementares.

Conteúdo: Grupos com os textos de MONDIN e PLATÃO.

Estratégia: O professor pede que os alunos dos textos atribuídos e pesquisas complementares:

1. Apresentem conceitos;
2. Apresente a estrutura dos textos;
3. Confronte os elementos e assuntos do texto com a realidade, apresentando o que há de comum e diferente;
4. Apresente propostas interventivas para possíveis problemas apresentados nos textos;

5. As duplas podem apresentar discordâncias no tocante às informações apresentadas e discutidas, o que pode gerar interessantes debates.

Avaliação: Os alunos que não apresentarão no dia podem produzir anotações que serão confrontadas com suas anotações sobre os textos atribuídos;

Os alunos que apresentarão no dia, antes das apresentações, montam mural com os dois tipos textuais provenientes dos métodos estudados no dia;

[parte para o professor utilizar como orientação/correção]:

MONDIN (1992, p. 7-9):

1º parágrafo: O conceito do tema.

2º parágrafo: Motivos para estudar este tema.

3º parágrafo: Menção e conceito de dois subtemas ligados ao tema principal.

4º parágrafo: Confronto ou paradoxo do tema principal com outro tema.

PLATÃO.(1980, p. 162-163)

1º parágrafo: tema e pergunta-problema.

2º parágrafo: opiniões concordantes de alguns sobre o tema.

3º parágrafo: opiniões contrárias sobre o tema

4º parágrafo: possibilidade do meio termo: identificação de quem seria este meio termo.

5º parágrafo: Conceito do meio termo e sua utilidade e necessidade

6º parágrafo: Conclusão fundindo brevemente a pergunta, opiniões e posicionamento contrários e uma nova problematização.

AULAS 7 e 8

Objetivo: Apresentar as informações levantadas dos textos atribuídos e das pesquisas complementares.

Conteúdo: Grupos com os textos de TOMÁS AQUINO e DESCARTES

Estratégia: O professor pede que os alunos, dos textos atribuídos e pesquisas complementares:

1. Apresentem conceitos; 2. Apresente a estrutura dos textos; 3. Confronte os elementos e assuntos do texto com a realidade, apresentando o que há de comum e diferente; 4. Apresente propostas interventivas para possíveis problemas apresentados nos textos; 5. As duplas podem apresentar discordâncias no tocante às informações apresentadas e discutidas, o que pode gerar interessantes debates.

Avaliação: Os alunos que não apresentarão no dia podem produzir anotações que serão confrontadas com suas anotações sobre os textos atribuídos;

[parte para o professor utilizar como orientação/correção]:

TOMÁS DE AQUINO (1992, p. 7-9):

1º parágrafo: argumento 1 do primeiro debatedor.

2º parágrafo: argumento 2 do segundo debatedor.

3º parágrafo: argumento 3 do terceiro debatedor.

4º parágrafo: contraposição tema principal com um contrário (1º, 2º ou 3º debatedor). Uso de citação direta ou indiretamente de um autor.

5º parágrafo: argumentação do redator, 'corrigindo' as posições anteriores.

6º parágrafo: resposta a abordagem do primeiro parágrafo.

7º parágrafo: resposta a abordagem do segundo parágrafo.

8º parágrafo: resposta a abordagem do terceiro parágrafo.

DESCARTES(1996, p. 21-23)

- 1º parágrafo: inutilidade de um tema.
- 2º parágrafo: aspectos desvantajosos de um tema.
- 3º parágrafo: Proposta de intervenção:
- 4º parágrafo: colocar em dúvida a afirmação
- 5º parágrafo: dividir as dificuldades
- 6º parágrafo: ordenar o pensamento
- 7º parágrafo: enumerar

AULAS 9 e 10

Objetivo: Apresentar as informações levantadas dos textos atribuídos e das pesquisas complementares.

Conteúdo: KANT e RENATO NOGUERA

Estratégia: O professor pede que os alunos, dos textos atribuídos e pesquisas complementares: 1. Apresentem conceitos; 2. Apresente a estrutura dos textos; 3. Confronte os elementos e assuntos do texto com a realidade, apresentando o que há de comum e diferente; 4. Apresente propostas interventivas para possíveis problemas apresentados nos textos; 5. As duplas podem apresentar discordâncias no tocante às informações apresentadas e discutidas, o que pode gerar interessantes debates.

Avaliação: Os alunos que não apresentarão no dia podem produzir anotações que serão confrontadas com suas anotações sobre os textos atribuídos;

KANT (Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/ingfile.php>. Acesso em: 5abr. 2021

- 1º parágrafo: conceito do tema;
- 2º parágrafo: causas de existência do tema;
- 3º parágrafo: um exemplo de prática de vida ou o tema em nossa existência cotidiana;
- 4º parágrafo: consequências ruins do tema na nossa existência;
- 5º parágrafo: proposta de intervenção.

RENATO NOGUERA (2014, p. 45-47)

- 1º parágrafo: conceito de um tema e sua semelhança de conceitos com outros temas da cultura africana e indígena;
- 2º parágrafo: confronto do tema com um posicionamento de autor negro ou conflito com um assunto ligado à ancestralidade;
- 3º parágrafo: citação de um autor negro posicionando sobre o tema, citação de confronto ou de concordância com o tema.

AULAS 11 e 12

Objetivo: Debater os tipos e as habilidades e competências da BNCC e ENEM com os alunos.

Conteúdo: Estrutura dos tipos textuais construídos a partir dos métodos dos filósofos. Habilidades e competências da BNCC e ENEM.

Estratégia: 1. Em slides projetar a perguntar motivadora; 2. Deixar que os alunos falem; 3. Correlacionar o trabalho de apresentação das discussões realizadas com as habilidades e competências: coincidem algum tema ou procedimento? Se completam? Se relacionam? 4. Pergunta do debate: Os tipos textuais, tais como se apresentaram nas apresentações, podem ser modelos utilizáveis para uma escrita argumentativa na Filosofia ou são formas de castrar nossa capacidade organizadora e produtora de textos?

Avaliação: Pedir que assistam ao filme animação: Rango; Escutem a Cavalgada das Valquírias de Wilhelm Richard Wagner; Escutem Eduardo e Mônica, da Legião Urbana. Escutem qualquer cd da Enya, a cantora celta.

AULAS 13 e 14

Objetivo: Apresentar dinâmicas de soltura ou quebra do silêncio, dos receios com a escrita.

Conteúdo: Texto: um encontro entre o eu e o outro, entre meu saber e o saber do mundo (meu outro).

Estratégia: Dinâmicas para soltura ou despertar nosso impulso criativo para escrita. 1ª dinâmica: exercitar a criação de enumerações. Procedimento: escrever duas verdades e uma mentira. Vamos tentar adivinhar onde está a mentira. Exemplo: Eu amo pizza./Eu como sushi./Amo malhar. Pessoa é chamada para dizer as três informações. Outra pessoa diz qual é a informação falsa.

2ª dinâmica: exercitar a criação de narrativas curtas, mas completas; procedimento: pedir que criem narrativa sobre a mentira utilizando as enumerações da primeira dinâmica. Limite de cinco linhas. Conduzir a discussão para esta situação: “Onde está a mentira que a gente conta? Estamos permitindo que haja uma estória escrita que vivenciei? Este contar nos faz bem? É desabafo? Pedir que leiam algumas histórias narradas.

Avaliação: Para casa: reescrever a história de cinco linhas tirando os quês, os artigos e os adjetivos.

AULAS 15 e 16

Objetivo: Exercitar escrita autônoma e livre como experiência intelectual e sentimental do ser.

Conteúdo: breves comentários do professor sobre criação, conforme livro “*da experiência do pensar*” de Heidegger. Escrever é a externalização ou materialização do nosso pensamento; escrever é experienciar no ser a fluidez da criação em mim e no outro.

Estratégia: dinâmica: vão escrevendo sobre qualquer assunto. No meio da escrita vamos inseridos três expressões que estão sublinhadas. [insira cada expressão a cada 1,5mim]. As expressões são: *lo movimento era circular*; *2tosse rasgada*; *3folego solitário*. Revisando a escrita, corte os artigos, corte os que pondo pontuação; corte adjetivos. Pedir que leiam algumas histórias narradas. Compartilhar a produção com os colegas, trocando experiências de criação. Para quem estiver ouvido, anote as palavras, fazendo a experiência de viver na memória. Observe como os textos são autorais e que cada um tem seu potencial, uma inspiração para todos nós (quem escreve e para quem ouve). Podemos buscar as memórias, ir à infância (ter uma reminiscência ou redução fenomenológica); podemos também criar repertórios pela leitura, abastecer o tanque da memória. Lembra do fichar?

Avaliação: Em casa, revisar as estruturas e formato do fichamento.

AULAS 17 e 18

Objetivo: praticar a escrita livre no modelo de fichamento; entender o fichamento como uma forma de organizar e distribuir as ideias e não uma forma ‘engessada’ de comparação;

Conteúdo: modelo e componentes do fichamento em retângulos; escrevendo nos componentes do fichamento

Estratégia: 1. Crie a estrutura retangular do fichamento; 2. “Alunos, no campo *bibliografia*, escreva o nome de um filme de sua preferência ou que mais te marcou; 3. No campo *citação textual*: escrever as cenas mais interessantes, enojadas, emocionantes. Observe as cores: estava de noite? Estava de dia? Tinha criança? Tinha bichos? Tinha idosos ou pessoas jovens? 4. No campo *comentários pessoais*: descreva cenas do filme que chamaram atenção. Compare a cena descrita com a realidade, identificando o que é realidade ou pura imaginação. Comente também: esses filmes têm a ver com seu estilo? Não vai ser fixo imutável o estilo? É fluido? É mutável?

Avaliação: após trabalhar este roteiro com o fichamento, em sala de aula, peça para os estudantes construírem teses a argumentos sobre o filme e apresente aos demais alunos. Continuar como tarefa de casa.

AULAS 19 e 20

Objetivo: identificar traços caráter, responsabilidade, pessimismo, tristeza... na tese e argumentos.

Conteúdo: características mais comuns nos jovens de 15 a 17 anos (pessimismo, insegurança); característica da vida intelectual desta idade (falta de compromisso com estudos, apenas terminar o ensino médio), problemas biológicos na aprendizagem como déficit de aprendizagem, TDAH, DI, síndrome de Asperger.

Estratégia: comportamentos psicológicos e intelectuais que motivaram construir assunto-tese-argumentos. Comente em círculo se emoções os mobilizaram e de que forma elas assim os fizeram;

Avaliação:

AULAS 21 e 22

Objetivo: trabalhar tipos textuais regulados (sob regência dos métodos como tipos textuais); entender os métodos como tipos textuais capazes de estimular outros canais de comunicação escrita na filosofia; apresentar os métodos como estratégias de aprendizagem em escrita.

Conteúdo: tipos textuais espontâneos foram trabalhados nas dinâmicas das aulas passadas. Narrações, histórias construídas com base nas emoções e percepções de mundo, elaborações de teses. Tipos textuais regulados: dissertação e os métodos filosóficos como possíveis componentes dissertativos.

Estratégia: apresentar os modelos dos textos que estão no mural da sala, fixados quando ocorreram as aulas 5 a 8. Escolha um deles ou o tradicional introdução-desenvolvimento-conclusão, como aprendemos em aulas de redação.

Avaliação: revisar em casa as partes constitutivas dos textos de Mondin, Sócrates, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Renato Noguera.

APÊNDICE B - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE DISSERTAÇÃO FILOSÓFICA

PONDERAÇÃO PARCIAL	OBJETIVO A ATINGIR	PROCESSO PRESENTE NO TEXTO
	CHF11MOA002 – Identificar e Problematizar (Discutir problemas) questões de origem, identidade e historicidade da Filosofia, identificando (nas suas principais) em obras, momentos e contextos, simultaneamente, questões comuns e formas diversas de seu enfrentamento (dessas questões).	1,00 () conceitos 1,00 () contraposição 1,00 () pergunta-problema 1,00 () citação textual
3 ()	CHF12MOA001 – Explorar a lógica e retórica com vistas ao exercício da argumentação e ao aprimoramento dos discursos com pretensões de legitimidade, compreendendo essa necessidade tanto nas demandas cotidianas, quanto na lida com saberes mais específicos ou complexos.	1,00 () usou métodos filosóficos como tipo textual. 1,00 () argumentou usando introdução-desenvolvimento-conclusão-proposta de intervenção 1,00 () usou tipo textual com outra estrutura: carta - poema, etc.
2 ()	Domínio da escrita formal da língua portuguesa (ENEM)	1,5 () até 5 erros gramaticais. 0,5 () mais de 6 erros gramaticais
1 ()	Especificar uma ideia a ser defendida e os argumentos que justifiquem a posição assumida em relação à temática da proposta da redação.	
0 ()		Cópia literal de textos existentes.
TOTAL DA NOTA:		

APÊNDICE C - OUTROS EXEMPLOS DE TRABALHOS CONCLUÍDOS

Exemplo 1

BIBLIOGRAFIA https://www.royalcanin.com/br/about-us/news/dia-mundial-do-gato		
CITAÇÃO TEXTUAL	PALAVRA-CHAVE	COMENTÁRIOS PESSOAIS
<i>Gatos possuem visão tridimensional e noturna, fator que garante que sejam exímios caçadores. Hoje, o comportamento de caçar mesmo sem ter fome é um reflexo da sua ancestralidade.</i>	Visão Noturna Caçadores Ancestralidade	+A visão dos gatos pode ser considerada melhor do que a dos seres humanos?
<i>O paladar dos gatos é menos desenvolvido se comparado aos cães e aos humanos: possuem aproximadamente 475 receptores gustativos, enquanto os cães têm 1.700 e os humanos 9.000. Gatos também não sentem o sabor doce.</i>	Paladar Receptores Gustativos	+Curiosidade interessante que poucas pessoas sabem: gatos não sentem o sabor doce. Deste modo, o que eles devem sentir ao comer coisas doces?
<i>A audição dos felinos é bastante aguçada e melhor que a de um cão. Eles têm capacidade de orientar o ouvido na direção do som, pois contam com 32 músculos na região, enquanto os cães têm cerca de 18 e os humanos têm apenas 6.</i>	Audição Aguçada Direção Músculos	+A que distância deve ser possível um gato ouvir seu dono o chamar?
<i>Os gatos se comunicam com seus tutores de diversas maneiras por meio do corpo, sons e gestos. Por exemplo, o ronronar pode representar submissão e contentamento, já o gesto de movimentar o rabo demonstra irritação, ao contrário dos cães, que costumam ser interpretados como satisfação.</i>	Corpo Ronronar Contentamento Rabo Irritação	+Como é possível o ato de ronronar dos felinos? +Muitas pessoas interpretam a movimentação no rabo dos gatos como contentamento, mas é justamente o contrário.

3. PERGUNTA-PROBLEMA:

VARIÁVEL X	VARIÁVEL Y
Cuidar de gatos em casa (dar abrigo, alimentar).	Deixar os gatos viverem na natureza ou nas ruas por conta própria.

PERGUNTA-PROBLEMA

Os seres humanos precisam dos gatos ou os gatos precisam dos seres humanos?

REDAÇÃO (MODELO HEGELIANO):

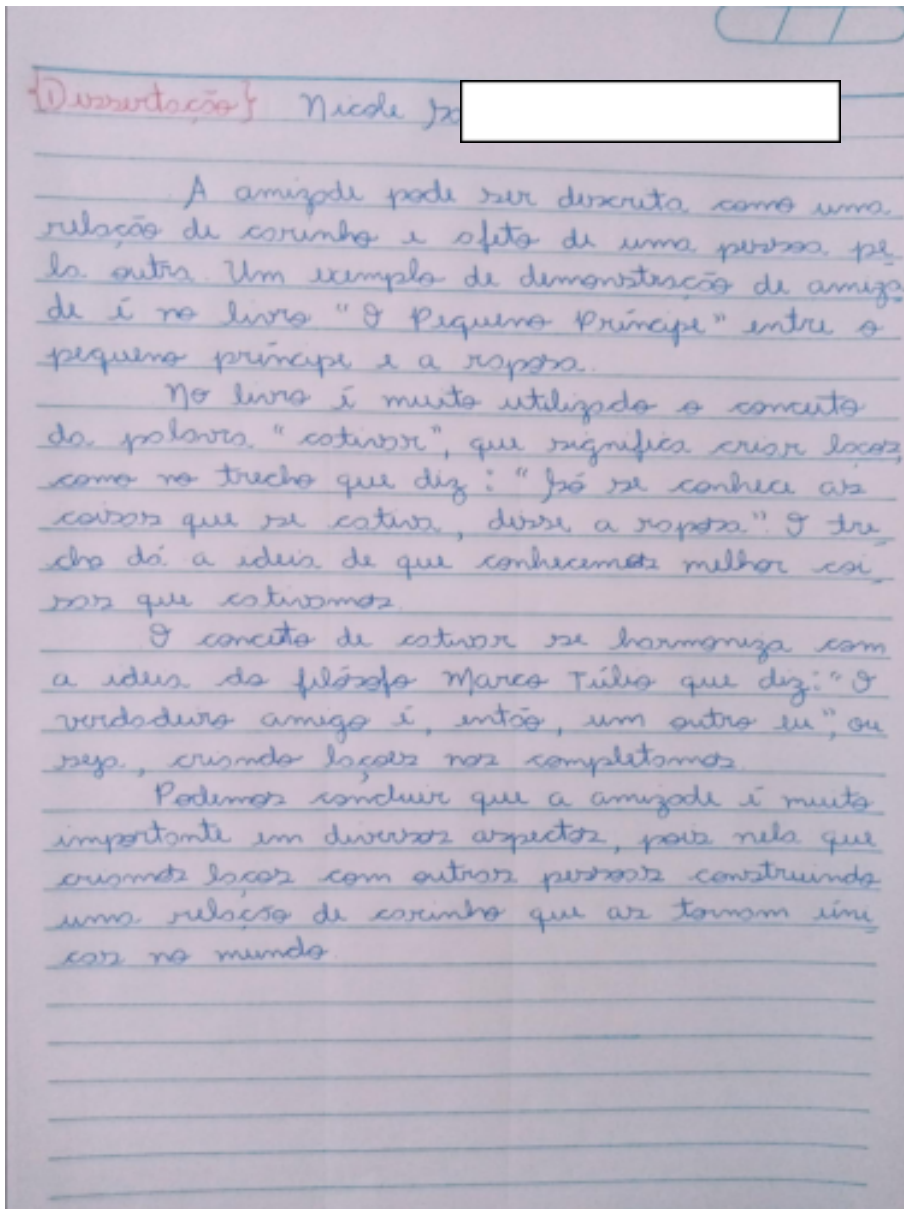
É necessário adotar gatos?

Há quem goste de gatos, que tem em casa, alimenta e cuida. Uma boa parte das pessoas gostam de gatos, principalmente dos filhotes, por serem considerados mais fofos. Os gatos são uma ótima companhia e cuidar de um (ou mais) amplia as responsabilidades do dono.

No entanto, há também quem não goste de gatos. Seja por ter alergia, ou por ter superstições, ou por não ter conhecido um gato dócil, o que desencadeou o preconceito. Infelizmente, muitas pessoas maltratam esses animais, abandonam e chegam até a matar só por maldade.

Adotar ou não é escolha de cada um. Ninguém tem obrigação de adotar um gato, mas isso não quer dizer que devemos maltratá-los (o mesmo se aplica a outros animais). Alguns gatos podem se virar sendo vira-latas, mas geralmente, gatos domésticos não estão preparados para sobreviver mundo afora.

Exemplo 2: Redação entregue sem usar o método filosófico como gênero textual.



Exemplo 3:

BIBLIOGRAFIA https://tecnologia.educacional.com.br/blog-lego-education/vantagens-de-implantar-tecnologia-escola/		
CITAÇÃO TEXTUAL	PALAVRA CHAVE	COMENTÁRIOS PESSOAIS
“No ambiente escolar, por exemplo, implantar tecnologia possibilitou a criação de inúmeras formas de envolver, estimular os estudantes e explorar novas estratégias dentro da sala de aula.”	• Tecnologia	Ao implantar a tecnologia na educação, quais serão os desafios dos professores e alunos?
“O papel da escola é o de oferecer recursos para que os alunos possam viver o conhecimento de forma plena, e a tecnologia educacional pode ser uma grande aliada neste processo.”	• ensino	As escolas têm recursos para darem um bom conhecimento com o auxílio da tecnologia?
“Tecnologias educacionais expandem a experiência de aprendizado, tornando o ensino mais dinâmico e interativo para os alunos.”	• dinâmico	Como manter os alunos conectados o tempo inteiro sem cansá-los?
“O uso de tecnologia educacional expande horizontes e o aprendizado pode acontecer em qualquer hora, em qualquer lugar. O mundo cabe dentro da sala de aula.”	• aprendizado	Os educadores têm utilizado sua prática com ganhos expressivos para a qualidade de suas aulas?

VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

(Modelo hegeliano)

Não será um choque trocar toda a educação que está presente na vida dos alunos desde muito tempo pela tecnologia em tão pouco tempo?

Com a utilização da tecnologia nas escolas, as aulas serão mais dinâmicas e atraentes, a comunicação será mais eficiente e os estudantes terão mais facilidade em adquirir informações.

Por conta da internet, alguns alunos correm o risco de terem problemas com a socialização e também podem ficar sedentários e preguiçosos. Com o uso do corretor automático, a habilidade de escrita dos alunos pode ficar comprometida.

A internet deve ser utilizada de forma que não canse os alunos e não os deixem desmotivados ou dependentes da tecnologia. A escola deve utilizar a internet de forma positiva e dinâmica para que não haja mau desempenho dos alunos. Os professores devem estar capacitados para transmitir informações e conhecimento para os estudantes.